



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

De que fala o teu corpo?

A Dança Criativa como meio de Comunicação de si

PROJETO IMPLEMENTADO COM CRIANÇAS DO 1º CICLO DE ENSINO BÁSICO

Relatório de projeto

Marta Maria Gonçalves Baptista

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof^a Doutora Carla Freire

Prof^a Mestre Clara Leão

Leiria, março, 2021

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry



Dedico esta Dissertação aos meus pais, Lúcia Gonçalves e Celestino Baptista, que dedicaram a sua vida à educação das suas cinco filhas. Também à minha avó Francelina Marques, que sempre acreditou em mim, mas infelizmente tornou-se numa “estrela brilhante” neste processo.

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi um despertar para o mundo da Educação Artística. Sinto-me concretizada com este percurso académico, realizado na Escola Superior de Educação Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria. Porém, nada disto seria possível sozinha. Enquanto. Investigadora deste projeto, o meu sincero agradecimento é direcionado a todos aqueles que me apoiaram e contribuíram, direta e indiretamente, na concretização deste projeto:

Inicialmente, quero agradecer às Docentes Carla Freire e Clara Leão, por todo o vosso profissionalismo, companheirismo, preocupação e amizade não só na orientação do projeto, como também, de todo o percurso geral da minha formação. Agradeço, por não me deixarem sentir-me sozinha nesta caminhada!

Agradeço à Empresa Flow por promover o meu projeto e pela Escola de Câmara de Lobos o ter aceiteado e reconhecido como uma mais-valia para as crianças.

Também, gostaria de agradecer, de forma especial, às Docentes da turma do 1º ano que intervim. À Docente Susana Pinto, por sempre tentar acompanhar as minhas sessões e dar-me apoio em relação às crianças e contextualizar-me sempre. À Docente Olga Brito, Professora do Ensino Especial, por ter participado em algumas aulas de forma a prestar apoio à cada especificidade de cada criança. Por fim, à Docente Sónia por toda a ajuda e cuidado prestado!

Como não poderia esquecer, gostaria de agradecer, do fundo do meu coração, às 25 crianças que fizeram parte do projeto. Marcaram-me de uma forma positiva e com muito amor.

Agradeço, de modo carinhoso, a todos os Docente do Mestrado Intervenção e Animação Artísticas, a excelente formação que me

foi dada. Sinto-me preparada para realizar os meus objetivos profissionais futuros. Agradeço o vosso acompanhamento ao longo destes 2 anos, na transmissão de conhecimentos essenciais à minha vida profissional e pessoal.

De modo mais pessoal, gostaria de agradecer à minha família. Aos meus pais, por sempre lutarem com a sua humildade pela minha educação e nunca terem duvidado das minhas capacidades. Às minhas quatro irmãs, Alexandra, Laura, Zita e Susana por todo o apoio e motivação para que nunca desistisse dos meus objetivos. Aos meus sobrinhos, Marco Teixeira, João Pedro Teixeira e Piedade Nóbrega, que sempre foram uma luz para mim!

O meu sincero obrigada, ao Luís Carlos Vasconcelos, o meu companheiro, que sempre me apoiou incondicionalmente nos meus objetivos nestes últimos 8 anos, nunca duvidou de mim. E sempre me deu força através das suas atitudes e palavras para que eu nunca desistisse!

Quero agradecer às minhas colegas das Residências do IPL, por tudo o que passamos juntas, pela ajuda mútua e por terem sido como uma família para mim em Leiria: Margarida Lourenço e Isabel Roldão, Bruna Vaz e Inês Garraio, Barbara Barão e Sofia Martins, por fim à Sara Henriques, obrigada do fundo do coração!

Um grande obrigado à Cristina Abreu, animadora Sociocultural do Centro de Reabilitação psicopedagógica da Sagrada Família, foi um anjo neste processo de dúvidas.

Por fim, gostaria de agradecer as minhas companheiras desta jornada. Uma grande obrigada às minha colegas de turma, pois apesar de todas as divergências, sempre fomos unidas. Em especial, um sentimento de Gratidão às minhas colegas Marina Negreiros e Diana Sá Rolo.

RESUMO

O presente relatório surge no âmbito do projeto “Do que fala o teu Corpo – A Dança criativa como meio de comunicação”, implementado numa escola da Madeira no concelho de Câmara de Lobos. Considerando que a infância é um período de descobertas, através das experiências que a criança vai vivenciando. Desta forma a Dança criativa pode ser uma ferramenta para a comunicação de si com o exterior, contudo sem correr o risco de alguém as decifrar.

A finalidade deste Projeto foi a de desenvolver e esmerar a capacidade de expressão e comunicação das crianças através da dança Criativa, mas também promover o autoconhecimento e o conhecimento pelos colegas.

Com este projeto ficou concluído que a Dança Criativa é uma mais-valia, não só para a expressão corporal, como também para a comunicação do corpo, concentração nas aulas, maior conhecimento corporal e por fim no autoconhecimento das emoções.

Palavras-chave

Comunicação de si, Dança Criativa, Expressão Corporal, Emoções, Inteligência Interpessoal, Inteligência Intrapessoal.

ABSTRACT

This report forms part of the project “What does your body talks about - Creative dance as a means of communication”, implemented in a school in Madeira in the municipality of Câmara de Lobos. Considering that childhood is a period of discoveries, through the experiences that the child goes through. In this way, creative dance can be a tool for communicating yourself with the outside, however, without running the risk of someone deciphering them.

The purpose of this Project was to develop and refine children's ability to express and communicate through creative dance, but also to promote self-knowledge and knowledge of their peers.

With this project, it was concluded that Creative Dance provides added value, not only for body language expression, but also for corporal communication, concentration in classes, greater knowledge of the body and finally self-knowledge of emotions.

Keywords

Creative Dance; Self Communication, Body Expression, Emotions, Intrapersonal Intelligence, Interpersonal Intelligence.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice Geral	viii
Índice de Figuras	x
Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento teórico.....	6
1.1 Estado da Arte	6
1.2 Conceito de Expressão Artística.....	8
1.3 Educação Artística.....	8
1.4 Educação pela Arte.....	11
1.5 Arte na Educação.....	12
1.5.1 Educação Não Formal	13
1.6 Conceito de Corporeidade	14
1.7 Dança Criativa	15
1.7.1 Dança Criativa e as emoções	18
1.8 Sessões de Dança Criativa.....	19
1.9 A Dança Criativa nas Escolas.....	21
1.10 A Dança Criativa como promotora das inteligências múltiplas	22
Parte II - Do que fala o teu corpo projeto de intervenção.....	24
2.1 Contexto de atuação.....	24
2.2 Caracterização da Escola a Estudar	26
2.3 Descrição do Projeto: O que fala o teu corpo? A Dança Criativa como meio de Comunicação de si.....	28
2.3.1 Objetivos do Projeto	29
2.3.2 Público-Alvo.....	29

2.3.3 Desenvolvimento do Projeto: Do que fala o teu corpo?.....	30
Parte III - Metodologia	33
3.1 Tipo de Estudo.....	33
3.1.1 Metodologia investigação-ação	34
3.2 Caracterização dos Participantes	36
3.3 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	37
3.3.1 Observação participante	37
3.3.2 Diário de Bordo	38
3.3.3 Entrevista e Inquérito por Questionário	39
3.4 Questões da Ética.....	42
3.5 Investigação-Ação Projeto “Do que fala o teu corpo? A Dança Criativa como meio de Comunicação de si”	43
3.6 Procedimento de Intervenção	44
Parte IV - Apresentação e discussão de resultados	46
4.1 Estratégias e práticas utilizadas na Intervenção	46
4.2 Avaliação da Intervenção	47
Conclusões.....	54
Bibliografia.....	59
Anexos	1
Anexo 1 – flow ESCOLAS	2
Anexo 2 – Declaração de Consentimento	3
Anexo 3 – Planeamento das sessões.....	4
Anexo 4 - Observação das Sessões.....	24
Anexo 5: Entrevista às Docentes	96
Anexo 6: Inquérito por Questionário.....	101

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Educação pela Arte

(Sousa, Educação pela Arte e Arte na Educação, 2003, p.69).....12

Figura 2: Artes na educação

(Sousa, Educação pela Arte e Arte na Educação, 2003, p.69).....13

Figura 3: A Dança Criativa enquanto experiência de movimento

(Leandro, Monteiro & Melo, 2018, p.17, adaptado de Vitorino, 2001).....17

Figura 4: Planificação de Atividade com a ferramenta do 5w2h.....31

Figura 5: Planeamento das aulas de dança criativa.....32

Figura 6: Adaptado: Espiral de Ciclos da Investigação Ação (Coutinho, 2015, p.369)..36

Figura 7: Inquérito por questionário entregue no primeiro e último dia às crianças40

Figura 8: Sessão nº2 “O toque” e a sessão nº 5 “Temporalidade”.....50

Figura 9: Sessão nº2 e Sessão nº13.....51

Figura 10: Sessão nº4 e Sessão nº14.....52

INTRODUÇÃO

Motivação Pessoal

Considero importante partilhar, de forma mais íntima, o motivo que fez com que eu escolhesse um projeto desta dimensão.

Quando tinha 13 anos entrei num grupo juvenil Católico, designado como Juventude Hospitaleira, A Juventude Hospitaleira é um movimento juvenil, fundado pelas Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus (IHSCJ) e pelos Irmãos de S. João de Deus (OH), com o objetivo primeiro de levar aos jovens o mundo da hospitalidade. Neste sentido, fazia voluntariado em duas instituições das Irmãs Hospitaleiras, na Casa de Saúde Câmara Pestana – que trabalha na área da saúde mental e, no Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família – área da deficiência intelectual. Desde então, o meu objetivo profissional sempre foi na área das necessidades específicas (NE).

Porém, no desenrolar da minha vida de estudante nunca consegui estagiar nessa área. Atendendo a que tirei um curso Profissional de Animação Sociocultural, tive um período de estágio em cada um dos dois anos, e em ambos pedi para ser na área das NE, porém colocaram-me no 1º ano a estagiar num Centro de Dia e no 2º ano na Associação Abraço, onde realizei o Projeto “AbraçARTE – A arte que voa”, com a criação de um atelier de Artes Plásticas.

Relativamente à licenciatura eu queria ter entrado no curso de Educação Básica com o objetivo de me formar no mestrado em Necessidades Educativas Especiais (NEE). Porém, entrei em Ciências da Educação, sou grata por isso, no entanto continuava com a ambição de aprofundar conhecimento na esfera das NEE. No último ano de Licenciatura, era exigido a criação de um projeto de Intervenção Comunitária. Assim, fui para um Centro comunitário situado num bairro Social, criei o projeto “Reutilizar para o Bairro Transformar”, com o intuito de fazer uma limpeza aos jardins, pintar materiais reutilizáveis para decorá-los e também criar uma vedação com paletes pintadas pelos adultos, jovens e crianças do Centro.

Sei que estou a exceder-me, mas considereei pertinente partilhar tudo isto, porque foi este percurso que me fez escolher o mestrado em Intervenção e Animação Artísticas. Pois algo em mim mudou, identifiquei-me com as Unidades Curriculares. As pessoas que me

conhecem diziam “isso é a tua cara” / “tu és uma pessoa tão expressiva” /” Tens de ir para esse curso” / “Não te imagino noutro curso”. Realmente era o “meu curso”, o meu pensamento foi: “Vou intervir através das artes nas NEE”.

Foi um ano e meio recheado de experiências fantásticas, mas admito que havia particularmente uma Unidade Curricular que era mais desafiante para mim, a Dança Criativa! Considerava-me uma pessoa expressiva, mas aquelas aulas eram diferentes. A Docente Clara Leão pedia-nos para falarmos com o corpo, mas como assim falar com o corpo? E sinceramente, tinha 21 anos e sentia imensas dificuldades de expressar-me com o corpo, deitar para fora o que está dentro, não fazer mimica, deixar o meu corpo falar. Parecia que estava preso! Porém, com o passar das sessões, fui me sentindo mais confiante, pois não me sentia exposta ao estar a exprimir-me e a Docente ia sempre buscando estratégias para lidar connosco. Na última aula, a turma estava em círculo, e partilhei que sempre que saía das aulas de Dança Criativa apetecia-me chorar, a Prof. respondeu-me que não fazia mal, pois significava que estava a conseguir deitar algo para fora com o meu corpo.

Obviamente, que estas aulas me deixaram inquieta, porque eramos todas adultas, mas sentia que muitas das minhas colegas também estavam “presas”. O que me fez questionar: O que é que acontece nas nossas vidas para começarmos a prender o corpo? Parar de comunicar através da corporeidade?

Na primeira aula com a Docente Clara Leão, ela desafiou-nos, a cada uma, a escolher um lugar qualquer na sala e, escolhemos. Posteriormente, ela perguntou qual foi a nossa razão inconsciente de ter escolhido determinado sítio. Eu lembro-me de ter ido para o fim da sala, para o pé da parede que é toda branca e ela perguntou-me a razão de eu ter ido para uma parede branca, atendendo que todas as minhas colegas escolheram um lugar com cores. Só me lembro de responder que tinha escolhido aquele sítio exatamente por isso, por ser branco, no sentido de ainda dar para transformar e partilhei que acredito que sou uma pessoa capaz de transformar!

Gostei da minha própria transformação após estas aulas, assim tinha decidido que o meu projeto seria: “A Dança Criativa como meio de Inclusão”! Porém, o projeto não foi esse, apesar de inevitavelmente ter trabalhado a inclusão com as crianças. Pois, refletindo todo o meu processo e a minha partilha com as minhas orientadoras, chegámos a conclusão

que aquilo que eu realmente queria era a expressão das crianças, que elas comunicassem com o corpo, para não chegarem aos vinte e poucos anos como eu e não terem a capacidade de comunicar com o corpo delas. Algo que me fez falta e hoje sou grata por ter o meu corpo mais livre e conhecê-lo!

Em suma a razão por ter escolhido esta linguagem artística tão especial para o meu projeto é por toda a magia que ela proporciona, por toda a partilha, comunicação, expressão e por todo o carinho e amor que trabalhamos através dela sendo possível utilizar outras linguagens artísticas como aliadas. Não são necessárias máscaras, porque a comunicação expressiva é apenas nossa e só nós podemos decifrar o que comunicamos, deste modo não nos sentimos expostos, como eu não me senti nas minhas aulas de Dança Criativa.

Acabo esta partilha pessoal, com a reflexão de uma frase que a identifico no meu percurso neste “jardim de carências” que são os vários tipos de educação, acredito que o segredo está em sermos capazes de ver o grande em algo pequeno, ao invés de nos focarmos numa única coisa. Acredito profundamente de que a vida tem sempre razão, o que queremos para nós, nem sempre é a verdadeira razão.

“Confie cada vez mais no que é difícil e na solidão que sente entre os homens. E, de resto, deixe que a vida aconteça. Acredite no que lhe digo: A vida tem sempre razão” (Rainer Maria Rilke - Cartas a um jovem poeta).

Projeto

Dança criativa é um meio de comunicarmos com o corpo, através dela não só conhecemos as capacidades e limites corporais, em nós, como nos outros. Segundo Leão (2015)

Dança não pode deixar de se constituir como um lugar de descoberta, de consciência e de compreensão de si e do outro, que permita e conduza à apropriação do mundo e sua posterior releitura através de um olhar identitário e criativo, cumprindo o propósito último da educação artística. (p. 1)

Porém, não exploramos a nossa capacidade expressiva corporal por nos sentirmos presos à postura correta perante a sociedade, é visto que maioria dos adultos considera que é mais educado, correto, sociável e intelectual permanecer rígido, e por essa razão limitam a libertação corporal das crianças. No entanto, e uma vez que as crianças ainda não estão totalmente programadas para o “mundo dos adultos”, a dança criativa poderá ser uma

aliada para uma comunicação expressiva corporal e, desta forma, trabalhar para um corpo mais livre, não só no presente das crianças como também para o seu futuro, pois a dança criativa proporciona benefícios a nível cognitivo, emocional, sociocultural e psicomotor (Leandro, Monteiro & Melo, 2018).

Perante esta abordagem, é necessário focar a importância da dança no desenvolvimento expressivo da criança, na medida em que, como todas as artes, é uma fonte de conhecimentos a ser aprofundada. De acordo com Cardoso e Sousa (2018) o desenvolvimento da capacidade de movimento nas crianças deve ser gradual, para que experimentem em si mesmas a libertação de seu fluxo natural do movimento. Desta forma, a criança, através da dança criativa, poderá vivenciar diversas situações imaginárias, do passado, do presente e do futuro, através de brincadeiras criativas e dos movimentos expressivos, pois o único limite é a criatividade de cada criança (Sousa, 2017).

O tema escolhido foi “Do que fala o teu corpo? A Dança Criativa como meio de comunicação de si para as crianças do 1º CEB.” Esta análise visa à exploração das emoções através da Dança Criativa numa educação não formal, de forma a progredir a comunicação expressiva das crianças através do corpo. Neste sentido, o projeto alia à comunicação, a expressão e o corpo “num só”, de forma a libertar a criatividade corporal das crianças e deixá-las perceber que é possível nos expressarmos com o corpo.

Ao encontro desta informação, e atendendo que a investigação é um processo sistemático, será necessário seguir uma metodologia para o trabalho se manter firme. Desta forma, a pesquisa foi organizada por etapas para que a investigação fosse coerente.

Assim, segundo Giddens (2009) o estudo deverá ser iniciado com uma questão de partida, compondo o ponto do problema da investigação. Deste modo, a questão fundamental que motiva este estudo é:

“Em que medida poderá a Dança Criativa constituir-se como veículo privilegiado e comunicação de si?” Para responder a esta questão é importante enfatizar que o intuito desta investigação ação é dar oportunidade à criança de explorar o movimento de forma a conseguir expressar emoções através dele.

Relativamente aos objetivos de investigação, o objetivo geral consiste em explorar a capacidade de Comunicação das crianças do 1º CEB. Os objetivos específicos de investigação são dois, nomeadamente, descrever estratégias para o desenvolvimento da comunicação pela dança de crianças do 1º CEB e, por fim, analisar em que medida a dança criativa contribui para o desenvolvimento de comunicação de crianças de 1º CEB. A intenção será observar as crianças enquanto seres individuais e sociais, sendo que a Dança Criativa será a ferramenta artística para expressarem as emoções e comunicar assim, de dentro para fora e uns com os outros.

A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa e estratégia de pesquisa empregue foi o estudo descritivo. Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram a observação participativa e diário de bordo, tendo efetuado registos fotográficos de cada atividade. Os participantes do projeto foram 25 alunos do 1º ano da Escola do 1º Ciclo de Câmara de Lobos, pertencendo a uma faixa etária de 6/7 anos, posteriormente foi efetuada a análise de conteúdo com base nos resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados.

Este trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: Inicialmente irei abordar a caracterização do Instituição/Meio Escolar onde irei desenvolver o projeto e o meio envolvente, a cidade de Câmara de Lobos. Após, partirei para o enquadramento teórico do trabalho onde contextualizarei vários autores que justificam a importância do projeto que irei implementar, abordarei a importância da comunicação corporal, da dança enquanto forma de expressão e ferramenta na educação. Seguidamente, irei falar na integra do meu projeto: O porquê, como e com quem. De seguida abordarei vários tópicos sobre a dança e a importância da arte e o objetivo geral e objetivos específicos do projeto.

Por último, referirei o plano de investigação e métodos do trabalho, falarei do método que optei por usar na minha investigação explicando os recursos que usarei para obter os dados e a forma como os analisarei.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 ESTADO DA ARTE

É aconselhável avaliar o estado da arte, no sentido de pesquisar trabalhos de investigação que tenham resultados que se identifiquem a este projeto, portanto, este capítulo será destinado a esses estudos que abordaram essencialmente a consciência corporal, a dança criativa e o ensino e a Dança Criativa e as Emoções.

Consciência corporal

Num estudo das autoras Mastrianni, Bofi e Carvalho et al (s/d), fisioterapeutas e do curso de educação física, tem como tema “a consciência corporal na educação infantil”. A investigação foi avaliada através do teste de figura prática que envolvia 40 crianças.

Chegaram a conclusão de que através de um programa de aulas de educação física os participantes tinham um maior desenvolvimento da sua consciência corporal.

A dança criativa e o ensino

Omena (2019), através de um trabalho de pesquisa bibliográfica cujo tema é “Corporeidade e aprendizagem em espaço escolares: a importância da dança na aprendizagem do aluno”. O foco desta investigação foi analisar os benefícios que a dança oferece para a aprendizagem escolar da criança, desta forma o pretendido seria perceber se poderia a Dança ser como um instrumento pedagógico no processo de ensino.

A autora chegou à conclusão com este estudo de que a Dança e a expressão corporal no âmbito escolar, é uma mais-valia para aprendizagem da criança, atendendo que ajuda os alunos a aprender de forma significativa e autónoma. No sentido em que a Dança está envolvida às práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas.

Também, neste sentido de a dança ser uma influência no ensino, um estudo quase experimental do ano 2015, realizado por Salvador, aborda “a dança na educação: uma abordagem interdisciplinar da Dança Criativa e o Estudo do Meio em escola portuguesas”. Tendo como objetivo principal perceber o impacto da Dança Criativa na consolidação das aprendizagens de temas e conceitos da disciplina Estudo do Meio, com crianças do 2º ano do 1º ciclo básico. As conclusões retidas neste estudo demonstraram

que os alunos consolidaram os conteúdos nas aulas de dança apresentaram diferenças significativas nos ganhos de aprendizagem do estudo do meio.

Portanto, nestes dois estudos, a Dança teve importância impacto no ensino formal, porém é necessário também avaliar a predisposição e os desafios de que os professores de dança têm de enfrentar para conseguirem aplicar as técnicas de modo a beneficiar os participantes em vários contextos. Desta forma, Batalha e Cruz (2019) no seu estudo de “Ensino e dança na escola: desafios e perspectivas na visão do professor” teve como objetivo em compreender como professores com formação superior em dança, que lecionam no ensino básico, no contexto de escola pública, se concebem o ensino da dança e se fazem a favor da sua inserção enquanto área de conhecimento no currículo escolar. Porém, os resultados obtidos indicam que a inserção da dança no currículo é ainda um desafio. Este estudo foi realizado no Estado do Rio de Janeiro, no entanto, um outro estudo de Andrade (2016) em São Paulo, abordou o tema “Danças para crianças” que teve como objetivo elaborar uma proposta para o ensino da Dança voltada aos professores de Educação Infantil. Com o intuito de identificar os saberes necessários aos professores que pretendem ensinar às crianças, com o fim de apontar caminhos para que o profissional tenha autonomia nas suas práticas educativas, de formação profissional e atuação profissional.

Concluindo, no estudo, que ainda há muito para os professores aprenderem a aplicar, contudo são necessários mais estudos para que seja possível complementar a teoria com a prática.

A Dança Criativa e as Emoções

Relativamente à Dança e às Emoções, um estudo experimental de Pereira e Pinto (2017), cujo tema é “Including educational dance in na after-school socioemotional learning program significantly improves pupils self management and relationship skills?” o objetivo do estudo foi avaliar a eficácia de um programa de aprendizagem socioemocional, sendo que oferecia Dança Criativa dentro do currículo.

Os resultados concluíram que houve um aumento significativo nas habilidades socio emocionais dos participantes do programa. Num outro estudo de Pereira e Pinto (2018), que abordam o “Development of a social and emotional learning program using educational dance: A participatory approach simed st middle school students”. A pesquisa

teve como foco o desenvolvimento de um programa que potencie as competências socio emocionais através da dança criativa, com alunos do ensino fundamental.

A criatividade foi o objetivo principal para avaliar as necessidades sociais e emocionais e os seus interesses na educação através de atividades artísticas. Os resultados foram recolhidos através de grupos focais, questionário e entrevista, que apontaram que a música e dança correspondiam aos interesses deles, revelando desta forma necessidades sociais e emocionais. Contudo, houve implicações para a prática e escrita.

1.2 CONCEITO DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA

A Expressão Artística é a manifestação de sentimentos e memórias, é uma partilha de visões e vivências. Desta forma, algo que podemos oferecer e partilhar com os outros, é comunicação. Segundo os autores Barret, Webster, Antilla e Haseman (2017) as artes são poderosas no sentido de criar uma base única para criatividade e comunicação, permitam desenvolver estratégias de formas únicas através da expressão e experiência humanas. Para os autores, a expressão está ligada à manifestação das nossas emoções, por essa razão é de focar que através das expressões, nomeadamente a plástica, música, teatro e dança, é possível transpormos as nossas emoções.

Porque a arte é um domínio de expressão e esta diz respeito à manifestação de sentimentos através de diferentes sinais ou signos. Na expressão não se transmite um significado explícito, mas indicam-se sensações e sentimentos. A expressão é ambígua e depende de uma maior interpretação daquele que a percebe. Por exemplo: o choro exprime tristeza – ele exprime, mas não significa tristeza, pois também se pode chorar de alegria. Portanto na expressão há sempre um maior grau de ambiguidade. (Caldas & Pacheco,1999, p.37)

Batalha (2006) afirma que expressões artísticas são essenciais para a contribuição da criação, da comunicação e das interações sociais. Segundo a autora “estas têm um potencial de sucesso inimaginável, quando num ambiente favorável, promovem e motivam os estudantes para tarefas abertas, apaixonantes e criativas.” (p.28). Assim, as expressões fornecem estratégias para uma adaptação das aprendizagens na comunidade educativa, favorecendo, deste modo, a transformação positiva dos alunos.

1.3 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Reis (2003) afirma que a arte é considerada como um dos fenômenos menos fáceis de definir não apenas pela riqueza das suas diversas características, como também pela forma como tem sido vista ao longo dos tempos. Já na perspectiva Sousa (2003) a arte exibe uma organização formal, pelas leis da lógica, ou seja, é simples e objetiva. Para o autor Platão concebia a Arte como algo inatingível e superior ao Homem, o filósofo considerava que a Arte era o esplendor dos Deuses considerando o belo, pois seria “na contemplação da beleza que o homem se pode inspirar para conceber e a beleza, não apenas simples objetos artísticos, meras imagens da beleza, mas imagens internas, espirituais que elevem na sua ascensão espiritual” (Sousa, 2003, p.18). O autor também refere Aristóteles, que apesar de concordar com Platão em alguns factos considerava a Arte como imanente, isto é, próprio do Homem e não dos Deuses, possuindo uma dimensão psicológica.

De acordo com Sousa (2003) com o passar dos séculos começaram a prestar atenção às obras de arte em si mesmas, nomeadamente as obras musicais, danças, peças de teatro, arquitetura esculturas e pinturas.

Após esta breve introdução relativamente à Arte, será importante relacioná-la com a formação do Ser, do indivíduo. A Lei de bases do Sistema Educativo – Lei nº46/86, de 14 de outubro– tornou oficial que a Arte é um fator importante na formação integral da pessoa, sendo que, por esse motivo, deveria fazer parte integrante do sistema Educativo. Salientando o Capítulo VII, do artigo 50º “A organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afetivo, estético, social e moral dos alunos.” (alínea 1).

Posto isto, remetemo-nos para a Educação Artística, que na visão de Sousa (2003 não é aquela que se deve apenas aprender ou saber, mas sim vivenciar, descobrir e experimentar, é um meio que ajuda a pessoa a canalizar as suas emoções através das Expressões Artísticas com os objetivos voltados para o desenvolvimento harmonioso das personalidades. Portanto, a educação artística deve ser envolvida numa integração interdisciplinar. Para o autor, a educação artística não pode ser abordada apenas pelo aspeto cognoscitivo, tendo em conta que os principais objetivos se referem aos níveis emocionais e sentimentais, assim, complementando com Marques (2012), a educação artística contribui para a formação mais completa das crianças e jovens, contribuindo, também, para uma melhoria do Sistema educativo.

O Decreto – Lei n. °344/90, de 2 de novembro definiu e regulamentou a implementação da Educação Artística no sistema escolar, como refere o Preâmbulo do mesmo, independentemente do futuro profissional de uma pessoa, o Governo tem a noção de que a Educação Artística é algo imprescindível para uma formação global e equilibrada do indivíduo. Segundo o artigo 1º, do referido Decreto-Lei, a educação artística refere-se às áreas da Música; Dança; Cinema e audiovisual; Teatro e Artes Plásticas, sendo que os principais objetivos desta educação sejam:

- a) Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afetivo equilibrado;
- b) Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;
- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com catividades de natureza artística;
- e) Detetar aptidões específicas em alguma área artística;
- f) Proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional, destinada, designadamente, a executantes, criadores e profissionais dos ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural;
- g) Desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes;
- h) Formar docentes para todos os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos. (Artigo 1º.)

Assim, de forma a finalizar o Decreto – Lei n. °344/90, de 2 de novembro este de prevê quatro vias de educação artística, segundo o artigo 4:

1 - Para além da educação genérica, a educação artística processa-se ainda de acordo com as seguintes vias:

- a) Educação artística vocacional;
- b) Educação artística em modalidades especiais;

c) Educação artística extraescolar.

(Decreto-Lei n. °344/90, de 2 de novembro, artigo 4).

Sousa (2003) afirma que determinados defensores da transmissão do saber consideram que as artes são meras perdas de tempo porque não direcionam a empregos lucrativos. O autor defende que a arte tem uma grande influência no ser da pessoa, por exemplo, em termos de saúde mental acredita que as artes possuem uma grande valência sobre o equilíbrio da personalidade e a formação do ser, uma influência maior do que as disciplinas de transmissão de saberes. Marques (2012), referindo-se a uma Dimensão Educativa, afirma que a Arte aparece como um meio para atingir um fim, onde cumpre os objetivos gerais da Educação com a adaptação das metodologias para fins educativos específicos. Nesta dimensão encontra-se o domínio da Educação pela Arte e Arte na Educação.

1.4 EDUCAÇÃO PELA ARTE

Conforme defende Sousa (2003), a Educação pela Arte visa a integração interdisciplinar na formação formal, explorando novas metodologias de ensino. Através das artes, o educador poderá fornecer experiências, não só emocionais, como também de confiança e tolerância, diminuindo eventuais situações de conflito grupal, promovendo a comunicação.

Educação pela Arte

Âmbito: Procedimento metodológico;

Objetivo: Educar – formação da pessoa no seu todo (o objetivo é a pessoa);

Docentes: Educadores e professor, com formação em Educação pela Arte.

Metodologia: A Arte; como globalização das Artes, como meio de educação, de formação equilibrada da personalidade.

Sessões: Globalização da Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Dançada, Expressão Verbal, Expressão Literária e Expressão Plástica.

Figura 1: Educação pela Arte

(Sousa, Educação pela Arte e Arte na Educação, 2003, p.69)

1.5 ARTE NA EDUCAÇÃO

No ensino das Artes na Educação, a livre expressão e a valorização da aprendizagem pela experiência devem estar inerentes, passando assim a criatividade a ser admitida como uma carga cultural importante em que a aceitação dos sentimentos e emoções devem ser uma das finalidades da educação. (Marques, 2012, p. 60)

Conforme defende Sousa (2003), ao analisar qualquer currículo escolar constatamos que as Ciências predominam na educação, quer em número de horas ou disciplinas. Por essa razão, as artes na Educação chegam como forma de Expressão fora do currículo. Desta forma, a Arte na Educação fica nas atividades extracurriculares.

Artes na Educação

A – OFICINA DE ARTES

Âmbito: Extra-escolar;

Objetivo: Educação Cultural – formação das pessoas no seu todo pessoal-sociocultural (o objeto são as pessoas criando cultura);

Docentes: Artistas com formação em Psicopedagogia da educação Artística;

Metodologia: Expressão e Criação Artística numa data arte, específica (não há globalização);

Sessões: Oficinas de Pintura, Modelagem, Carpintaria, Tecelagem, etc.;
Grupos de Teatro, de Dança, Corais, Musicais, etc.

B – DISCIPLINA DE ARTES

Âmbito: Disciplina Curricular;

Objetivos: Ensino-Aprendizagem de técnicas artísticas (o objeto é a criação de obras de arte);

Figura 2: Artes na educação

(Sousa, Educação pela Arte e Arte na Educação,
2003, p.69)

1.5.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Segundo o ponto 2 do art.º 43, da Constituição da República Portuguesa: “O Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.” Este artigo limita a intervenção do Estado na organização educativa, assim sendo, a educação não formal baseia-se na Psicologia, na Sociologia e na Pedagogia, definindo deste modo, uma educação fundamentada nas Ciências da Educação (Sousa, 2003). Desta forma, entende-se a educação não formal como um conjunto de atividades ou programas organizados fora

do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos. Ou seja, qualquer atividade educacional organizada e estruturada que não corresponda exatamente à definição de "educação formal". A educação não formal suporta processos de formação que acontecem fora do sistema de ensino. A educação não formal pode ocorrer dentro de instituições educacionais, ou fora delas, e pode acompanhar pessoas de todas as idades.

Segundo a Portaria nº. 63/2001 de 30 de janeiro, o técnico superior de educação, no âmbito da sua especialidade, desenvolve predominantemente funções, competindo-lhe, designadamente:

- Cooperar com os órgãos de administração e gestão do local onde está a exercer a sua atividade;
- Inserir-se em ações destinadas a comunicar e sensibilizar os pais e a comunidade relativamente às problemáticas reconhecidas e ainda criar medidas de reforço da ligação escola-comunidade;
- Sugerir medidas de inovação;
- Cooperar na formulação, supervisão e avaliação dos projetos educativos;
- Proporcionar experiências pedagógicas, abrangendo projetos de investigação e em ações de formação dos órgãos de administração e gestão das escolas, do pessoal docente e não docente, centrando-se em formações centradas na escola;
- Cooperar, no âmbito da sua especialidade, no planeamento e promoção de ações de avaliação e apoio aos alunos com necessidades educativas especiais.

1.6 CONCEITO DE CORPOREIDADE

De forma a notar-se a evolução do conceito de corporeidade ao longo do tempo, será organizada uma linha cronológica, pois apesar de abranger sempre a mesma visão, o termo corporeidade veio a sofrer algumas modificações com os anos. Na visão de Valéry (1921), existe um corpo invisível e visível. O corpo invisível está dividido em subjetivo, social e orgânico. O corpo visível é um designado por corporeidade, sendo que o imaginário - das mensagens e das ideias, é o que transporta as emoções e os valores sociais. Todavia, com o passar dos tempos, o termo corporeidade sofre com leves alterações, Ribeiro (1997) divide os corpos em duas categorias, a Fisicalidade - que engloba os movimentos espontâneos e as expressões. A Corporeidade – são formas mais organizadas e complicadas de movimento com propósitos comunicacionais

Segundo Ahlert (2011) o termo corporeidade indica a essência do corpo, a sua etimologia vem de corpo “(...) que é relativo a tudo o que preenche o espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo.” (p.4). Neste sentido, o autor aponta para a corporeidade como sendo a forma pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento de relação com o mundo. Já os autores Sobreira, Picado e Moreira (2016) acreditam “que a corporeidade é como o ser se mostra, se concebe, se relaciona e nessa existencial idade incorpora as coisas do mundo” (p.72), desta forma, os autores revelam que a corporeidade é uma essência que nos lança às experiências da vida com o nosso corpo. Em suma, é consenso que a corporeidade é a capacidade de o indivíduo sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo.

1.7 DANÇA CRIATIVA

A Dança sempre acompanhou a História da Humanidade, como explica Anderson (1978) que afirma que a dança tem a idade do próprio Homem, pois é uma das artes mais antigas, o movimento – dança. Todas as civilizações do Mundo criaram as suas danças peculiares, havia danças para chamar a chuva, celebrar as colheitas, o nascimento, a morte, a puberdade e o casamento. Porém, de acordo com o autor, a Dança é o movimento organizado para ser visto, sendo que a coreografia é a arte de se criar e elaborar danças, com combinações infinitas de movimentos. Existem em algumas danças gestos que podem referir-se a determinados estados emocionais, podendo a sequência contar uma história. Todavia, autores mais recentes partilham uma visão mais livre da dança, segundo Gehres (2008), a dança foi abrangida, assim como outras linguagens artísticas, pelos novos rumos estatutários da arte, a dança provoca os códigos preestabelecidos de movimento. Para a autora, a dança é uma forma de existência do Homem, por essa razão não a podemos enclausurar nos limites de uma única descrição, apresentação ou demonstração, pois a dança reconstrói-se a cada execução de cada corpo que a sente. Completando com Cone e Cone (2012) “Dance is a unique form of moving that holds various meanings for each of us, depending on how and why dance is a part of our lives. It is purposeful, intentionally rhythmic, and culturally patterned” (p.4).

Marques e Xavier (2013) apontam Rudolf Laban (1879 – 1958) como um autor de referência, pois possibilitou que a Dança passasse a ser um processo Expressivo em construção, sendo o autor principal da Dança Criativa, por meio da manipulação do

movimento. A sua teoria está centrada no sujeito e defende que a composição do movimento é comparável à linguagem.

Sousa (2017) afirma que Laban defendia que para uma formação formal sustentada por uma educação artística eminentemente baseada no movimento, um papel preponderante por ser uma forma de arte através da expressão. Laban considerava a dança dos palcos antinaturais e forçadas, procurando assim alterar as ideias preconcebidas da dança teatral, Laban criou várias escolas de dança formando bailarinos de um modo totalmente revolucionário. De acordo com o autor, na Europa as designações utilizadas por outros autores são, a “dança educacional” por Laban, a “dança educativa” por Sousa a “dança educação, por” Nanni “expressão pela dança” ou “expressão dançada”, pois a expressão seria o principal objetivo. Nos Estados Unidos o termo usado é “dança criativa” (1976-1977), evidenciando mais a criatividade do que a expressão. Para Sousa (2017), todas as designações de dança criativa acabam por incluir, na prática, a expressão e a criatividade como seus principais objetivos, pois uma recebe a energia da outra. Desta forma, podemos considerar a dança criativa como a mais global das formas de educação pela arte, podendo incluir simultaneamente a expressão dramática (dançar e dramatizar), a expressão musical (dançar e tocar instrumentos), a expressão verbal (dançar e cantar) e a expressão plástica (dança com fitas e luzes) (Sousa, 2017).

Segundo Sousa (2017), a dança é algo muito mais simples do que as ideias preconcebidas de ser como um Mundo à parte, com um ensino específico e com professores extraordinariamente especializados que são ou foram bailarinos, com distinção para a realização de espetáculos. Porém, para o autor a dança é a manifestação mais natural do ser humano.

Na visão de Cone e Cone (2012), a dança criativa contribui para o progresso de competências de movimento das crianças, promovendo a capacidade de realizar movimentos de deslocamento corporal, ou sequencias de movimento enquanto aplica os elementos de espaço, força e tempo da dança. Também desenvolve a força, a flexibilidade, velocidade, equilíbrio e coordenação. É através do movimento da dança que a criança se apercebe das diversas opções de expressão corporal, assim, aprende a movimentar-se em segurança à medida que expressa e comunica ideias, sentimentos e compreensão.

Os autores Leandro, Monteiro e Melo (2018) afirmam que “a dança criativa desenvolve a experiência do movimento do fazer (dançar), do criar (inventar) e do sentir (observar), envolvendo as componentes da técnica, da expressão, da imaginação, da criação, do ver e sentir” (p.17) (cf. Figura 3).

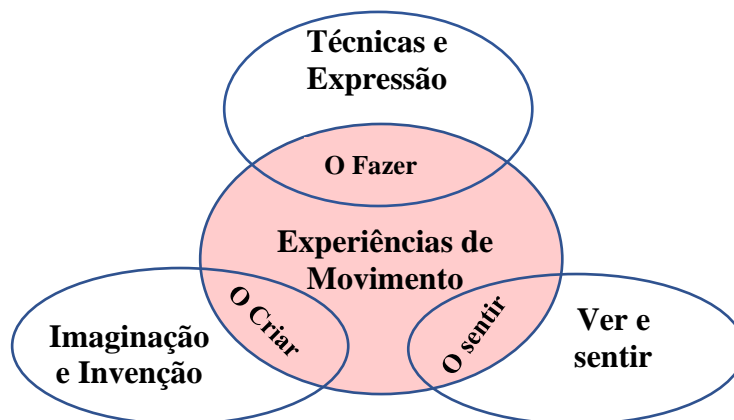


Figura 3: A Dança Criativa enquanto experiência de movimento

(Leandro, Monteiro & Melo, 2018, p.17, adaptado de Vitorino, 2001)

Overby, Post e Newman (2005) complementam que a dança criativa se destina a desenvolver os aspetos criativos, físicos, mentais e artísticos de um indivíduo. O aluno explora a dança criativa como um processo e não como um produto. E, como já referido, os autores reforçam que durante toda a história da humanidade, a dança tem sido um veículo para a comunicação de diversos conceitos universais. Portanto, a dança não é apenas uma disciplina com conteúdo específico, mas poderá ser também uma ferramenta para sintetizar e transformar outras disciplinas.

Segundo Sousa (2017), não há coreografia rígida na dança criativa, a criança movimentase espontaneamente, expressa-se como desejar e cria o movimento que mais lhe agrada. Os movimentos apenas seguem a linha direcional da estética da própria criança. Laban (1978) citado por Marques (2012) menciona que nas escolas onde apostam numa educação artística, o objetivo central não deverá ser a perfeição, criação ou execução de danças sensacionais, mas sim ter em conta os benefícios da criatividade para os alunos.

Na dança educativa não interessa o ensino de técnicas nem o treino corporal, a preparação da criança para a realização de um espetáculo ou que memorize toda uma série de movimentos coreográficos. Interessa, pelo contrário, que se

expresse com máxima liberdade, criando as formas de movimentação que mais lhe agradem, atuando de modo espontâneo e inteiramente para si, para sua própria satisfação, sem estar restringida por qualquer tipo específico de regras ou por qualquer modo de avaliação externa (Sousa,2017, p115).

1.7.1 DANÇA CRIATIVA E AS EMOÇÕES

Leandro, Monteiro e Melo (2018) defendem que as aulas de dança criativa são desenvolvidas através de diversas temáticas, desafiando as crianças a explorarem conceitos com o corpo e, desta forma, aprenderem através dele e do movimento. As crianças ao envolverem o corpo em soluções criativas, para os problemas propostos, são estimuladas a imaginar diferentes respostas corporais e expressivas. Down (2010) exemplifica, alguém que chegue a sua sala de aula, terá a percepção de que as crianças e o professor estão unicamente sentados no chão, com as pernas e braços cruzados, em círculo. Porém, o que está a acontecer está para além da vista, pois através da criatividade as crianças podem estar a navegar, cada uma com uma função diferente, a visitar um lugar exótico.

Imagine a class of young children running as fast as they can, waving red streamers over their heads, and then spinning around and slowly descending to the floor with the streamers floating down beside them. Thought these dance movements, children might be expressing their interpretations of a fast-burning flame slowly flickering out, or they may be pretending to sprinkle red paint all over room (Cone, 2012, p.3)

Assim, para Batalha (2016), podemos caracterizar o movimento Expressivo como “uma atividade universal, que transmite emoções e que se distingue por ser predominantemente motora e portadora de pouca complexidade” (p.29). Para a autora o movimento Expressivo utiliza o corpo através das “não técnicas corporais” promovendo essencialmente movimentos simples e naturais, podendo ter, por vezes, algumas distinções para expressar ideias, emoções, sentimentos e visões.

As emoções fortes são tão desconfortáveis para as crianças pequenas porque elas não a veem como temporárias. Logo, enquanto consola o seu “filho” quando ele está perturbado, explique-lhe que essas emoções vêm e vão. Ajude-o a perceber que é bom reconhecê-las, mas também é bom perceber que, embora esteja triste

(...) daqui a pouco é muito possível que esteja feliz (...) Ajude-o a compreender que é possível perceber e falar sobre o que está a acontecer na sua mente e corpo (Siegel & Bryson, 20018, p. 194).

Neste sentido, Silveira (s/d) considera que as crianças se identificam com a dança, também, como meio de comunicação e de interação corporal, isto é, através da dança as crianças aprendem a sentir e a tocar-se em si mesmas e nos corpos que partilham o mesmo espaço. Com esta experiência, há uma partilha de sensações, experiências e sentimentos através da comunicação da expressão corporal.

1.8 SESSÕES DE DANÇA CRIATIVA

Carline (2011) assume que as aulas de dança têm de ter variedade, pois as crianças necessitam de experimentar uma sequência de atividades para que várias partes do corpo e músculos sejam trabalhadas. Para a autora, as crianças precisam de ter atividades que explorem a grande velocidade e outras atividades explorar a lentidão e a calma. Segundo a autora, as crianças também precisam desenvolver sua visão periférica, reconhecer um espaço aberto, desviar-se de um objeto, ou colega de turma, e parar subitamente. Por fim, às vezes as crianças precisam dançar sozinhas, e outras vezes arranjar estratégias com o colega ou com o grupo. Em suma, “Children need to dance about many things—real, imaginary, funny, happy, and sad. Mostly they need to develop their ideas over time to let things physically and mentally—and to change their minds” (Carline, 2011, p. vii).

Segundo Sousa (2017), existem quatro fases na organização das sessões de dança criativa. A sessão deverá iniciar-se sempre por uma fase de jogos expressivos-criativos destinados à ativação cardiopulmonar, também conhecida como “aquecimento”. Os objetivos desta primeira fase são a intenção de colocar o coração num ritmo mais intenso através de um aumento do fluxo sanguíneo em todas as partes do corpo, de forma a melhorar a oxigenação sanguínea e maior saída dos produtos exalados.

A segunda fase é a mobilização articular, com o objetivo de mobilizar corretamente todas as articulações, com o intuito de reduzir possíveis lesões.

A terceira fase segue-se com determinadas ações destinadas a satisfazer as necessidades encontradas pelo interventor, que poderão ser atividades de memória visual, cognição, relação e dança-drama.

Por último, a quarta fase destina-se a um momento de relaxamento. O oposto da atividade inicial, esta fase tem como objetivo fazer com que o corpo da criança volte à situação de funcionamento normal, ou seja, à calma inicial. Para a fase do Relaxamento também poderão ser utilizados temas como uma ajuda para a criança interiorizar, podendo estar deitada no chão, descontraída e calma.

Pereira (2017), no seu blog pessoal, elaborou uma ficha de leitura do texto “*The lesson do livro Recreative Movement in Further Education*” de W. Meier e de M. Baronek, com o objetivo de dar uma referência à organização das aulas dos professores de Dança Criativa. As aulas de Dança Criativa estão divididas, também como Sousa, em quatro períodos.

O primeiro período refere-se às atividades preparatórias que visam o aquecimento e relaxamento do corpo, ou seja, promover a circulação, a mobilização das articulações e relaxamento, movimentos para fortalecer, sequencias de deslocamentos e consciência espacial.

O segundo período de um planeamento será o *Treino*, que tem como intuito desenvolver consciência corporal, aumentar as capacidades corporais, promover a qualidade e diversidade das frases de movimento. Para esta fase, será a prática de um tema de Movimento que permite aos alunos explorarem vários movimentos e descobrirem o seu movimento próprio.

O terceiro período, que a autora chama de *Climax*, visa o desafio da implementação da experiência adquirida nos períodos anteriores, nesta fase será importante as crianças trabalharem com os colegas.

Por fim, a autora aconselha terminar a aula com uma conclusão, nesta fase as crianças retornam à calma com uma atividade oposta à do *climax*, no sentido de abrandar o ritmo cardíaco através de uma atividade de relaxamento.

Para a planificação de uma aula de dança criativa os autores Pereira (2017), Sousa (2017) e Carline (2011) salientam a importância da aula ser em volta de um tema, de forma a facilitar a realização das tarefas, pois irão associar sempre ao tema e exemplos dados pelo professor.

1.9 A DANÇA CRIATIVA NAS ESCOLAS

Sousa (2003), considera que as metodologias educacionais, deveriam usar movimento para todo o seu procedimento educacional, pois o ensino tradicional é passivo, a criança passa as aulas sentada, parada, “absorvendo” passiva e calada o que o docente transmite verbalmente. Para o autor, o movimento e a ação proporcionam à criança um vasto campo para aquisição de experiências. Atualmente, pretende-se que a criança deixe de ser espectadora para tornar-se autora da sua própria educação. Como Vieira e Pereira (2012) defendem, atualmente a educação é considerada com um valor incontestável, nenhuma das grandes declarações dos direitos do ser humano a oculta como essencial, como princípio ou como finalidade de um futuro que o homem deseja. Porém, existem diversos autores que consideram que o ensino formal ainda utiliza pouco o corpo, de acordo com Onofre (2017) o ritmo da escola tradicional portuguesa continua a apressar as aprendizagens, não respeitando os estádios de desenvolvimento. O autor salienta que os educadores sempre mencionaram que os alunos eram inquietos, distraídos e que só queriam brincadeira, porém, mantêm as crianças sentadas sob o pretexto de que os objetivos têm de ser cumpridos. Já a autora Lopes (2011) completa esta crítica à educação formal, pois considera que a educação se foca nas cadeiras com pequenas mesas à frente, as crianças ficam a olhar para as costas de alguém e ficam de costas para alguém. Afirma que a educação formal, foca-se no lápis e na cópia como método de aprendizagem, porém, a criança é o próprio movimento nas suas relações com o meio e com os outros (Onofre, 2017). De modo a complementar, os autores Leandro, Monteiro e Melo (2018) constataam, também, que o corpo na educação ainda tem uma reduzida expressão, pois há uma maior valorização de uma pedagogia intelectualista, colocando as artes para um segundo plano, em comparação com as outras áreas curriculares associadas à vertente cognitiva.

Desde o seu nascimento procura circular, tatear, apalpar, sentir para pensar; o gesto motor fá-la descobrir a si própria. Enquanto não descobre e domina o seu esquema corporal e situa o seu espaço no ambiente que a rodeia, ela não se sentirá segura e confiante para encontrar os outros e o espaço dela; portanto, não estará em condições para aprender o que os outros lhe transmitem e inclusivamente o que pretendem dela (Onofre, 2017, p.33).

Dando enfoque a teoria de Carl Rogers (2009) “a aprendizagem significativa é possível se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de compreender os sentimentos que ele manifesta” (p.332), complementando com os autores Gleitman, Fridlund e

Reisberg (2009), também afirmavam que Carl Rogers defendia que o desenvolvimento da criança se baseava essencialmente no crescimento. Do ponto de vista do autor, as crianças cresceriam de forma a realizarem as suas potencialidades, que segundo o psicólogo, têm mais tendência para o bem do que para o mal. Rogers pensava que as crianças só atingiam um firme sentido do valor-próprio pessoal, se elas tivessem a experiência de um olhar positivo incondicional.

A Dança Criativa na escola deve proporcionar a participação de todos os educandos, enfatizando a criação de movimentos sem preocupação com a técnica, ou seja, trabalha com a criatividade em torno de movimentos que são transportados de ações automáticas do dia a dia, para uma ação pensada e com expressão de sentimentos e emoções. (Lisa Marie Czelusniak 2013, p10.)

Segundo Andrade (2016), olhar para as crianças é ver algo que ainda não foi decifrado, porém há um ponto de vista do que se passa no exterior. Nesse sentido, a infância poderá ser um meio cheio de incertezas, sendo que as nossas estratégias/saberes são colocadas à prova à medida que intervimos nesse contexto. Finalizando a importância da criatividade e movimento na educação, Veríssimo (2013), que nos remete para os anos 95 d.C ao mencionar Quintiliano (35 d.C – 96 d.C) que na sua retórica afirma: “nem me ofende o gosto pelo jogo nas crianças nem poderia esperar que aquela criança sempre triste e apagada tenha uma mente desperta para o estudo, quando carece do ímpeto próprio desta idade (p.34). Com isto, Quintiliano refere que as atividades lúdicas poderão ser pedagógicas e que são necessárias para o desenvolvimento da criança.

Nesta linha de pensamento, o pedagogo Freire (2009) afirma: "É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar. É a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado." (p.23).

1.10 A DANÇA CRIATIVA COMO PROMOTORA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
Reianan, Hetland e Winner (2000) referem a dança como uma forma de arte que permite o desenvolvimento de diversas competências cognitivas e motoras, incluindo a participação de várias inteligências. Assim, a teoria das inteligências múltiplas de Gardner (2000) veio justificar a pertinência das artes na educação e deste modo estabelecer um quadro de referência para os professores das artes ancorarem a importância das expressões artísticas nas aprendizagens escolares. Autores como Reianan, Hetland e

Winner (2000), Marques (2012) e Leandro, Monteiro e Melo (2018) defendem que a teoria das inteligências múltiplas de Gardner “vieram dar um suporte importante relativamente à importância das artes na educação” (Marques, 2012, p.61). Nomeadamente, a inteligência corporal cinestésica, pois através do movimento as ideias são expostas de forma a dar oportunidade ao corpo de resolver os problemas, assim como as inteligências espacial e musical. Será, através da inteligência verbo-linguística que o indivíduo analisa, compreende e aprende o vocabulário da dança. Na dança, a criança aprende, através do movimento, a expressar os seus sentimentos, levando-as assim a uma tomada de consciência de si, deste modo desenvolve a inteligência intrapessoal. Já o trabalho em grupo poderá desenvolver as competências relacionadas com a inteligência interpessoal. Hanna (2008) refere a inteligência lógico-matemática quando se trabalham as estruturas rítmicas e as componentes de dança (Leandro, Monteiro & Melo, 2018).

A dança deve ser ensinada sentindo e pensando, permitindo ao aluno a descoberta de um caminho de aprendizagem, na tradição platónica da pedagogia, que o faça crescer pessoal e tecnicamente como um todo de especificidade e individualidade, e lhe permita dizer de si, exprimindo-se artisticamente (Leão, 2015, p 6).

O projeto tem o intuito de trabalhar essencialmente a Inteligência Intrapessoal e a Inteligência Interpessoal, na medida em que, de acordo Siegel e Bryson (2018), ao se conhecerem alguns conceitos básicos relativamente ao cérebro compreendem-se melhor as crianças. Assim, os autores relembram que o nosso cérebro está dividido em dois hemisférios, o esquerdo e o direito, sendo que o “o cérebro esquerdo adora e deseja ordem. (...) por outro lado o cérebro direito é holístico e não-verbal. Envia e recebe sinais que nos permitem comunicar, como expressões faciais, contacto visual, tom de voz, postura e gestos” (p.32).

Assim, Siegel e Bryson (2018) afirmam que o hemisfério direito do cérebro influencia, de forma mais direta, o corpo, o que permite receber e até interpretar as informações emocionais. Justificando ainda que “quando há uma alteração do nosso estado físico - através do movimento e do relaxamento, por exemplo -, o estado emocional muda” (p. 80).

PARTE II - DO QUE FALA O TEU CORPO | PROJETO DE INTERVENÇÃO

2.1 CONTEXTO DE ATUAÇÃO

Meio Envolve da Instituição: Cidade de Câmara de Lobos

A Cidade de Câmara de Lobos fica situada na Ilha da Madeira. Na aprovação do Decreto 1º, do nº3 do Código Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei nº31095, de 31 de dezembro de 1940, o facto de Câmara de Lobos ter uma sede de concelho dá-lhe automaticamente a categoria de Freguesia. O Concelho foi criado no ano de 1835, passando à categoria de cidade a 2 de agosto de 1996. É neste concelho que é produzido o Vinho Madeira.

Em 1419 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira atracaram na Ilha da Madeira, na zona de Machico. No primeiro dia de exploração chegaram a Câmara de Lobos, intitularam assim pois quando chegaram havia uma enorme quantidade de lobos marinhos na costa sul.

Atualmente, Câmara de Lobos tem 7,62 km² de área e, segundo os dados estatísticos da Direção Regional de Estatística da Madeira (2011), possui cerca de 671,7 habitantes por km². As atividades principais desta terra são: a agricultura, a indústria de refrigerantes, a pesca, o comércio e os serviços.

Câmara de Lobos: uma Cidade Educadora

O que tornou a escola básica de Câmara de Lobos uma opção viável para implementação do projeto, foi o facto de que o Concelho de Câmara de Lobos é membro pioneiro da Rede Territorial Portuguesa de Cidades Educadoras¹ e um dos primeiros municípios portugueses a integrar a UNESCO Global Network of Learning Cities. Até então foram realizadas várias iniciativas, nomeadamente o Seminário de Educação, realizado

¹ Uma Cidade Educadora é aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes. Na Cidade Educadora, as diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento de todo potencial humano.

anualmente, e a constituição de um Concelho Municipal de Educação. Nesta linha de pensamento, aplicar um projeto educativo e artístico numa escola pertencente a um Concelho membro de Cidades Educadoras seria uma mais-valia para a aceitação da aplicação das diversas atividades propostas pelo projeto numa turma.

Empresa Flow

Para ser possível a implementação do projeto numa escola, a empresa Flow promoveu-o no seu Regulamento do projeto Flow Escolas²: VII Edição – Ano Letivo 2018/2019. Desta forma, tornou-se possível aplicar o projeto na Escola Básica de Câmara de Lobos.

A empresa Flow é voltada para o grupo infantil, fundada em 2010, tem como objetivo garantir a diversão das crianças e pais, disponibiliza várias linhas de brinquedos, jogos infantis, artigos de festa e presentes. Tem como missão assegurar um leque diversificado de produtos e soluções que permitam às crianças a possibilidade de aceder a experiências únicas e diferenciadas. Também presta diversos serviços relacionados com festas e atividades infantis. Atualmente, a marca tem cinco lojas, quatro localizam-se no Funchal (Fórum madeira, La Vie Funchal, Madeira Shopping e Avenida da Madalena) e a quinta, está localizada no Caniço Shopping. Aliada à vertente comercial a Flow tem assumido diversos compromissos, no âmbito da sua missão educativa e social, entre os quais se destaca a Flow escolas.

Projeto flow escolas

O projeto Flow Escolas é uma iniciativa de cariz educativo, surgida no ano letivo 2012/2013, que visa fomentar os hábitos de leitura e a criatividade das crianças em idade escolar e oferecer ferramentas sobre como "educar para a felicidade" a educadores, professores, auxiliares, encarregados de educação e outros. Este projeto integra-se na missão social da marca madeirense Flow e destina-se aos estabelecimentos de ensino público e privado da Região Autónoma da Madeira (creches, jardins de infância, pré-escolar e 1º ciclo).

O projeto Flow Escolas promove:

² Ver Anexo 1

- A leitura e a escrita;
- O teatro e a dramatização;
- A arte e a criatividade;
- A dança e a inclusão;
- A felicidade e o bem-estar.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA A ESTUDAR

EB1/PE de Câmara de Lobos

A Escola Básica do 1º ciclo com Pré-escolar de Câmara de Lobos (EB1/PE de Câmara de Lobos) foi a escola onde o projeto foi aplicado. É um edifício recente, inaugurado em 2010. A instituição está introduzida num meio urbanizado e próximo do bairro social da Palmeira.

É constituída por dois blocos: o pavilhão desportivo e o edifício principal, local onde decorre o ensino formal, a administração e a cantina da escola. De forma a possibilitar a deslocação dos alunos com mobilidade reduzida a escola possui um elevador.

Ao nível de materiais pedagógicos/didáticos a EB1/PE de Câmara de Lobos usufrui de algum material multimédia. A Biblioteca da escola dispõe de uma coleção variada de livros e jogos lúdicos adequados aos vários anos de escolaridade, assim como, de obras que integram o Plano Nacional de Leitura e o Plano Regional de Leitura. A escola também promove diversos projetos pedagógicos, nomeadamente, o Projeto Educativo de Escola (PEE) que é um documento de carácter pedagógico elaborado com a participação da comunidade educativa, através de questionários realizados no âmbito da autoavaliação da escola; O projeto Eco Escolas, é um programa internacional que, ano após ano, encoraja ações e reconhece o trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, no âmbito da Educação Ambiental; O projeto do Clube de Matemática com o objetivo de desenvolver atividades com uma componente lúdica muito forte, com o intuito de abordar a matemática de forma recreativa, no qual o jogo aparecerá como um instrumento didático que promove a motivação do aluno de modo a estimular aprendizagens; O projeto da Biblioteca “Os Brincadores de Sonhos”, com a parceria da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, que tem como intuito promover a interação, a troca de ideias, o desenvolvimento da expressão oral, crítica e autocrítica e a necessidade de trabalhar comportamentos e inculcar valores aos alunos do 4º ano. Por fim, O Clube “Viver a

Leitura”, que visa desenvolver as atividades inseridas no projeto Baú de Leitura, tem como intuito proporcionar o prazer da leitura através dos livros que circulam de escola em escola e de toda uma variedade de atividades que se desenrolam ao longo do ano letivo e, deste modo, promover práticas de leitura utilizando-a para fins, não só educativos, como também de lazer e divertimento.

Todavia, no desenrolar da investigação, foram observadas duas questões pertinentes para uma maior perceção do projeto e do público-alvo: A primeira questão está no facto de que a Escola Básica de Câmara de Lobos tem diversos projetos criativos ao nível pedagógico numa educação formal e não formal. A escola aposta numa Educação Artística para abordar determinados assuntos e matérias. Contudo, apesar dos diversos projetos com uma vertente de expressão artística, todos tinham uma finalidade de aprendizagem formal, ou informal, e nenhum deles se focava na livre comunicação e expressão de si através do movimento.

Educators need to remember that the body is implicated in every subject in school (and beyond). Though not acknowledged, the body, affect, and critical positioning are omnipresent and are in conversation, informing each other, within drama and literacy. (Barret, Webstar, Antilla & Haseman, 2017, p. 18).

Análise swot de EB1/PE de Câmara de Lobos

A análise SWOT (strengths, weakness, opportunities, threats) consiste numa matriz que delimita quatro campos essenciais a reter numa determinada instituição. Esta compreende, através de uma observação, a análise interna e externa bem como os pontos fortes e fracos, caracterizando assim o meio envolvente, o conhecimento dos recursos humanos, materiais e financeiros, como também as suas fragilidades e ameaças.

Pontos fortes (internos)

- Profissionais experientes;
- Existência de atividades pedagógicas, didáticas e ambientais;
- Existência de tecnologias;
- Materiais didáticos a prática pedagógica;
- Criação de jogos online pedagógicos com as crianças;
- Escola apta para crianças com NE;

- Participam do projeto Erasmus +;
- Atividades que promovem aptidões pessoais, sociais e profissionais.
- Atividade para proporcionar aos alunos o prazer pela leitura nos livros.

Pontos fracos (internos)

- Falta de técnicos Superiores da Educação – Não formal;
- Falta de um espaço destinado apenas às Expressões – sala ampla para atividades de dança ou teatro;
- Falta de atividades a nível emocional e expressivo.

Oportunidades (externos)

- Fácil acesso aos transportes públicos;
- Situada numa Cidade Educativa;
- Inserção das crianças em atividades públicas e socioeducativas organizadas pela Câmara.

Ameaças (externos)

- Fraca sinalização referente à localização da escola;
- Situada num bairro social, que desencadeia, por vezes, desequilíbrio de harmonia entre os moradores e agentes de intervenção.

2.3 DESCRIÇÃO DO PROJETO: O QUE FALA O TEU CORPO? A DANÇA CRIATIVA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE SI

O projeto “Do que fala o teu Corpo? A Dança Criativa como Meio de Comunicação de si tem como objetivo promover a expressão das emoções das crianças do 1º ciclo da EB1/PE de Câmara de Lobos. Como já referido, a escola promove diversos projetos, todos com o intuito pedagógico e didático, porém, nenhum projeto foca unicamente na expressão artística dos alunos, nomeadamente a corporal. Por esse motivo, foi considerado que o projeto “Do que fala o teu corpo” poderá ser uma mais-valia para a investigação, para a escola e, mais especificamente, a turma alvo.

Desta forma, de modo a motivar o sentido desta investigação e implementação do projeto, foram organizados objetivos a serem cumpridos até o final da intervenção.

2.3.1 OBJETIVOS DO PROJETO

Objetivo Geral

- Promover a comunicação, através do movimento expressivo, como forma de intervenção.

Objetivos específicos

- Promover a inter-relação entre as crianças, como agentes no processo criativo;
- Delinear estratégias para o desenvolvimento do Movimento Expressivo como forma de comunicação de si;
- Contribuir para a capacidade de Comunicação, de forma a criança ter consciência do seu corpo e do corpo do outro.

2.3.2 PÚBLICO-ALVO

O grupo-alvo do projeto foi um grupo de 25 crianças – 19 raparigas e 6 rapazes. Sendo que 1 criança pertence ao 2º ano, mas por pedido da sua docente e por considerar uma mais-valia para a aluna participar no projeto, ela foi aceite a participar nas atividades do 1º turno. Desta forma, de modo a ser possível trabalhar com todas as crianças, a turma foi dividida em dois turnos – Turma A ficou para o 1º turno e Turma B para o 2º - Esta turma de 1º ano tem duas docentes, a Professora S.S e a S.P, em termos de Educação formal, e de modo a conseguirem prestar atenção a cada especificidade dos alunos, a turma fica subdividida em 2 turnos. A professora S.S fica com a turma A e a Professora S.P com a turma B, os alunos também têm acompanhamento de uma Docente do Ensino Especial, a Professora O.B

Os dados das características do público alvo são apresentados no capítulo III - Metodologia.

2.3.3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: DO QUE FALA O TEU CORPO?

Tendo em conta o contexto social em que as crianças estão inseridas, a primeira sessão foi uma abordagem às emoções: “Como fica o teu corpo quando estás triste/ alegre/ com medo / zangado.” Dialogar com elas para percebermos que o nosso corpo reage de forma diferente às várias situações da vida através de exemplos das crianças, tentando assim percebê-lo. Por fim e, mais uma vez, com o intuito de ficar a conhecer melhor o público-alvo, numa primeira abordagem foram lançadas questões: Como te sentes? / Como pensas que és? Algo muito importante que gostarias que acontecesse?

Sousa (2017) aponta que a planificação de cada sessão terá como base a sessão anterior, contudo haverá sempre o intuito da Comunicação e ajudá-las a perceber alguns dos vários movimentos possíveis com o corpo, para que assim consigam buscar estratégias expressivas-comunicativas pessoais. Desta forma, de modo informal, será enquadrado estudo como visão da investigadora. O facto de as crianças puderem partilhar o “seu mundo” através da dança criativa é uma salvaguarda para elas, pois tudo depende unicamente daquilo que estão a sentir, não havendo movimentos errados. O que motiva a base deste projeto ser a dança criativa é facto de que ela é outra forma de comunicação, pois através da expressão a criança diz coisas que precisam de ser ditas. Porquê a dança? Porque a dança criativa não é algo óbvio para quem vê, por essa razão as crianças não se sentem expostas. No entanto, nas intervenções realizadas será importante improvisar estratégias de intervenção, pois as sessões deverão ser precedidas da criação de um clima de confiança recíproca, atendendo a que na maior parte das vezes podemos ser vistos, à partida, com desconfiança. Isto significa que o interventor deverá ganhar o estatuto de não inimigo, para mais tarde passar a ser visto como um aliado (Carvalho & Baptista, 2008). A intervenção foi numa escola inserida num bairro social, EB1/PE de Câmara de Lobos, aos alunos do primeiro ano, com idades de 6 a 7 anos, sendo que, desde o início, sempre viram a investigadora como uma aliada, pois foi logo recebida com abraços, mesmo sem as crianças saberem ao certo o que iria acontecer em cada sessão.

Para a realização das planificações das sessões de dança foi utilizado a ferramenta do 5W2H, pois através desta ferramenta será possível determinar atividades com clareza. Assim, através do 5W2H ficará estabelecido o que será feito, quem o fará, quanto tempo, e a verdadeira razão por querer abordar o tema sugerido (**Figura 4**).



Figura 4: Planificação de Atividade com a ferramenta do 5w2h.

O planeamento das aulas de Dança Criativa³ teve como base o livro a Arte na Educação e Educação pela Arte – Teatro e Dança, por Alberto Sousa (2017) e o blog pessoal de Lucila Pereira, Noções e planeamento de Dança Criativa (2017). Foi nas essências das leituras destes dois autores que as sessões foram organizadas através de quatro etapas – Atividade preparatória / Exploração de Movimento / Ponto Alto / Conclusão – apostando sempre num diálogo inicial e final. Porém, tal como as sessões sofreram alterações, os termos técnicos dados a cada etapa também. A duração de cada sessão foi sempre de 50 minutos, desta forma e como Pereira (2017) aconselha, foi necessário criar uma grelha para ajudar na gestão do tempo de cada sessão (Figura 5).

Consoante o tempo disponível para a execução da aula, é essencial que haja uma boa gestão de tempo, não só para uma boa execução de cada parte da aula, como também para haver uma abordagem equilibrada de cada elemento que não canse os alunos (Pereira, 2017, p. 3).

³ Ver Anexo 3

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Nº da Sessão	Duração da sessão
Data		50 minutos cada turno
Diálogo Inicial		5 minutos
1. Atividade preparatória		5 minutos
2. Exploração do movimento		15 minutos
3. Ponto Alto		10 minutos
4. Conclusão		5 minutos
Diálogo Final		10 minutos

Figura 5: Planeamento das aulas de dança criativa.

PARTE III - METODOLOGIA

Guerra (2002) aponta a metodologia como sendo: “uma imagem antecipada de um processo de transformação do real e é uma representação das operações que aí conduzirão. É uma previsão ou um acompanhamento intelectual da produção uma mudança.” (p. 120). Lopes e Pardal (2011) afirmam que, no uso corrente, o termo metodologia, é não só associado à ciência que estuda os métodos científicos, como também as técnicas de investigação.

Para iniciar a investigação, é necessário a elaboração de um plano, segundo Giddens (2008), é necessário seguir sete passos do processo de investigação: inicialmente é indispensável definir um problema; de seguida rever a bibliografia existente; formular uma hipótese; selecionar um plano de investigação; realizar a investigação; interpretar os resultados; e elaborar o relatório final.

O projeto de investigação teve como questão de partida “em que medida poderá a dança criativa constituir-se como um veículo privilegiado de comunicação de si?” Sendo que enquanto investigação foram colocados objetivos de investigação a serem alcançados. Nomeadamente: explorar a capacidade de comunicação das crianças das crianças do 1º CEB; descrever estratégias para o desenvolvimento da comunicação pela dança de crianças de 1º CEB; por fim, como último objetivo de investigação, analisar em que medida a dança criativa contribui para o desenvolvimento da capacidade de comunicação de crianças do 1º CEB.

3.1 TIPO DE ESTUDO

A linguagem expressiva patente no projeto foi a Dança Criativa, deste modo, foi através dela que houve resultados genuínos no que toca a personalidade e corporeidade das crianças. Pois, para Bogumil et al (2017) “Despite the magnitude of art, the social sciences have neglected the implementation of art as a research method” (p.360), na visão dos autores, a criatividade e a arte não diminuem a validade da pesquisa. Segundo eles, pesquisas provaram que as técnicas baseadas em artes aprimoram as pesquisas qualitativas e fornecem um processo mais rico e significativo em termos de figuras e de dados. Como afirma Martins (2002) é observável a complementaridade entre arte e ciências, porém são-lhes atribuídas funções diferentes. Segundo o mesmo “a ciência descreve as coisas como são; a arte descreve-as como são sentidas, como se sente que

são” (p.53”). O autor justifica que a Arte tem como fundamento a Expressão, a Sensibilidade, o Jogo, o Prazer, a Criatividade e por fim, a Aprendizagem.

A metodologia subjacente no Projeto “O que fala o teu corpo? A Dança Criativa para crianças do 1º ciclo” submete para uma abordagem qualitativa atendendo que:

(...) os métodos qualitativos encaram a interceção do investigador com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação. As reflexões do investigador sobre as suas ações e observações no terreno, as suas impressões, irritações, sentimentos, etc., constituem dados pleno direito, fazendo parte da interpretação e ficando documentado no diário de investigação e nos protocolos do contexto (Flick,2005, p. 6)

Complementando, através da investigação qualitativa, os dados foram relacionados e reunidos para compreender cada criança e conhecer os seus comportamentos e as suas possíveis barreiras de expressão. Os dados foram recolhidos através de uma investigação ação que se baseou numa observação participante, explorando uma turma de 1º ciclo da escola básica de Câmara de Lobos. Para tal, foi necessário realizar um diário de bordo, que contém vários dados pertinentes recolhidos, a máquina fotográfica foi utilizada para capturar as expressões corporais das crianças.

3.1.1 METODOLOGIA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Segundo Menezes (2010), a investigação-ação é diferenciada pelas diversas abordagens investigacionais sendo possível passar da teoria à prática promovendo a mudança. A autora Guerra (2002) e os autores Lopes e Pardal (2011), afirmam que por esta metodologia ser ampla poderá gerar discussões sobre o sentido e as formas assumidas em traço de união. Guerra (2002) declara, ainda, que a metodologia investigação-ação está associada ao “ato de conhecer a intenção de provocar mudança social” (p. 52), assim sendo, e completando com Lopes e Pardal (2011), a investigação- ação visa a formalização e promoção de mudança no fenómeno estudado, através da recolha e análise de dados. Em suma, e como já referido, a investigação-ação é um conceito que obriga a uma metodologia ampla, pois permite a aquisição de conhecimentos sobre a realidade, baseia-se na resolução de problemas, analisando concretamente as singularidades de cada situação para promover renovações sociais, onde o investigador tem um papel ativo na

contribuição dessa renovação, bem como os sujeitos que nela estão inseridos (Guerra, 2002). No entanto, este é um conceito ambíguo, não muito fácil de definir, pois desde há muitos séculos tem vindo a sofrer alguns problemas de clarificação.

Esteves (2008), aponta para Dewey e Lewin como os fundadores da Investigação-ação. Sendo eles pioneiros de visões contraditórias da sua época, atualmente ainda reconhecidos pelo impacto prospetivo das suas teorias. Deste modo, a investigação-ação pretende, assim, analisar o problema em estudo como a tomada de consciência das origens do mesmo.

Segundo Coutinho (2015), o processo da investigação-ação envolve quatro fases de atuação que funcionam em espiral. A primeira fase é a planificação, no sentido de iniciar a definição do problema de investigação, a formulação de hipótese e da questão de partida. A segunda fase é a ação, ou seja, a implementação do projeto. O terceiro ponto do círculo desta investigação é a observação, nesta fase existe a supervisão do projeto implementado, a fim de, através de registos e documentação apontar cada detalhe que possa ser pertinente da ação. Por último, a quarta fase é a reflexão, que através de uma análise de dados o investigador reflete todo o processo e os resultados obtidos na investigação. Através da investigação-ação, dependendo do processo total, o investigador poderá modificar, se necessário, uma reestruturação do plano de atuação, de forma a implementar um novo ciclo e avaliar novos dados através das estratégias utilizadas em cada ação (**Figura 6**).

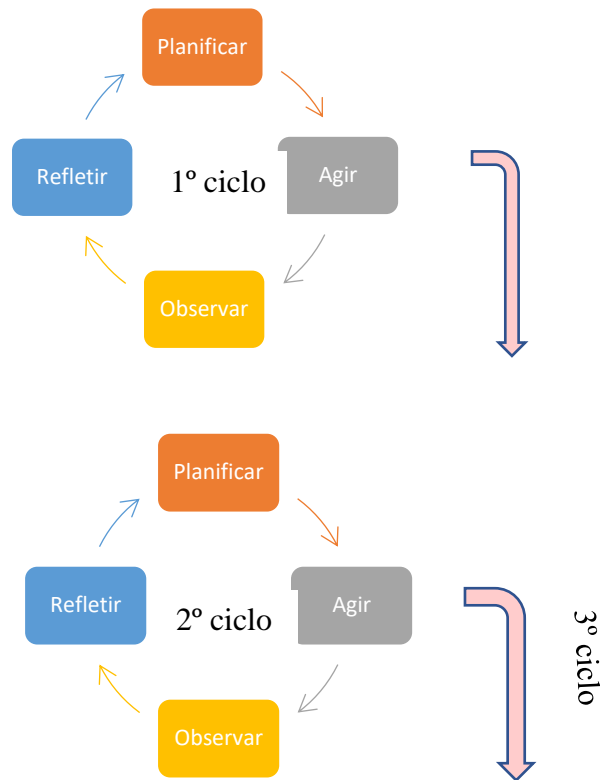


Figura 6: Adaptado: Espiral de Ciclos da Investigação Ação (Coutinho, 2015, p.369).

Com base na figura, um processo de investigação-ação não limita apenas ao 1º ciclo de investigação, pois o pretendido é a transformação, no sentido de alcançar uma mudança de práticas, melhoria de resultados. Assim, este ciclo repete-se se houver necessidade, por parte do investigador, de analisar todo o conjunto de dados obtidos desde o 1º ciclo de investigação ação, até, por exemplo, 3º ciclo. Pois cada implementação envolve uma mudança de estratégias e métodos da implementação anterior.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

As crianças que participaram neste projeto foram divididas por dois turnos, com o intuito de ser possível prestar a maior atenção possível à especificidade de cada criança. A própria turma já estava organizada em duas sub-turmas, de modo a ser mais fácil para as Docentes em ensinar o programa curricular e prestar atenção às crianças. Desta forma, automaticamente, para a implementação do projeto, os turnos já estavam organizados. O primeiro turno tinha 13 crianças, pois a aluna do 2º ano só conseguia ir das 11h30m às

12h20m. Apesar do projeto estar inserido em horário curricular, este foi de caráter não formal.

As docentes que acompanharam as crianças também fizeram parte do projeto, eram duas docentes curriculares e uma Docente de Necessidades Específicas.

3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Coutinho (2003) aponta para cinco estratégias que confirmam a credibilidade e validade dos processos de recolha de dados. Como primeiro requisito, a autora aponta para a coerência metodológica, depois a adequação da amostragem teórica, o terceiro requisito baseia-se no processo interativo de recolha e análise de dados, de seguida a quarta condição seria de pensar de forma teórica e, por fim, o quinto preceito, desenvolvimento da teoria.

Barros e Duarte (2005), consideram que as entrevistas, observações do contexto, documentos oficiais e pessoais, fotografias, desenhos ou conversas informais, poderão ser fontes de informação em estudos qualitativos. Segundo os autores, os dados obtidos através das fontes já mencionadas, têm um dominador em comum: a análise depende essencialmente das capacidades integradoras e interpretativas do investigador.

Para este projeto em específico foi utilizada a técnica de observação com um diário de bordo, como instrumento de recolha de dados, para escrever tudo o que era pertinente à investigação: desde às conversas informais a um movimento ou atitude. A máquina fotográfica permitiu captar o movimento e a expressão das crianças.

Com o intuito de obter mais dados do projeto, foi realizado um inquérito por questionário na primeira e na última sessão com as mesmas questões, de forma a comparar resultados.

As docentes foram entrevistadas, com o intuito de se avaliar até que ponto o projeto foi realmente uma mais-valia para as crianças ou até mesmo para o próprio ensino curricular.

3.3.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 4

Fortin (2009) define que os métodos de observação produzem grandes quantidades de dados, que devem ser agrupados e resumidos com vista a serem interpretados. Uma das

⁴ Ver Anexo 4

formas de resumir dados de observação é a utilização de estatísticas descritivas. O autor também considera a observação é um método de recolha de dados quando estes são difíceis de obter informações de outra forma para além da observação. O autor considera que a observação poderá ser o método mais adequado, exemplificando os estudos de investigação junto de crianças. Para o autor, a observação pode constituir, em certos casos, um método complementar de colheita de dados.

Para recolher informações, o principal meio foi o de observação participante, pois segundo Lopes e Pardal (2011), “não há ciência sem observação, nem estudo científico sem um observador” (p.71). Segundo os autores, caracteriza-se a observação participante pelo registo de conhecimentos tal como foram percebidos, deste modo exige um nível mais elevado de precisão de informação do que observação não participante. O investigador, ao utilizar a observação como recolha de dados, tem à sua disposição diversos meios, nomeadamente, um caderno de notas ou a máquina fotográfica.

Desta forma, para a implementação deste projeto foi necessário a investigadora ser uma participante, utilizando assim a observação participante, atendendo que Vilelas (2017) define o objetivo da observação participante, que é o de recolher dados, sobre comportamento, opiniões ou perspetivas, das quais um observador não-participante não teria acesso.

Ao encontro da informação já citada, para a possível implementação deste projeto foi necessário a investigadora integrar-se em cada turno das crianças da turma A e B. Posteriormente, através da observação participativa foi possível observar cada resposta, comportamento, gestos comunicativos e personalidade para efetuar uma recolha de dados diversificada. Assim, através de uma partilha geral entre a investigadora e as crianças, foi possível captar e refletir vários pormenores pertinentes, não apenas para o bem do projeto de investigação, como também para a própria cooperação e confiança entre todos.

3.3.2 DIÁRIO DE BORDO

Coutinho (2011) refere que após a observação é indispensável, de imediato, o registo escrito para não se perderem dados valiosos, ainda frescos na nossa memória. Para tal, utiliza-se como instrumento de registo as notas de campo, em formato de diário de bordo, ou grelhas semiestruturadas.

Para Reis (2018), a utilização da metodologia qualitativa para uma investigação requer vários métodos de recolha de dados. Para o autor, a metodologia de observação participante requer uma ajuda documental, de modo que o investigador consiga ter uma base documental para apontar tudo o que foi observado e avaliar todo o processo.

Na visão de Fortin (2009), no que toca a ação, também considera que o observador deverá anotar o comportamento no mesmo momento em que um acontecimento particular se produziu ou quando os acontecimentos mudam. Ou seja, para o autor, se os objetivos do estudo de observação são definitivos e se o que deve ser anotado está suficientemente definido poderão ser-se utilizadas listas de verificação. A lista de verificação aponta para todas as atividades observáveis. Na lista devem deverá estar indicado todo o comportamento observável. Desta forma, a codificação das listas tem como fim facilitar a observação e todo o registo.

Desta forma, a avaliação deverá ser uma ferramenta metodológica a ser utilizada, na fase interventiva após a realização das atividades estabelecidas, estas devem sempre ser avaliadas. Assim, as notas de campo poderão ser uma boa ferramenta de ajuda para esta fase final. O investigador deve ter em conta todos os aspetos que fizeram parte das suas atividades, fazendo uma comparação entre o que era esperado e o que realmente foi feito. Poderá ainda apontar o que poderia ser alterado, ou será alterado se o projeto voltar a ser aplicado.

Por essa razão, o diário de bordo foi usado com o intuito de conseguir marcar e documentar o que foi observado e o que a investigadora achou pertinente apontar. Deste modo, foi possível documentar o comportamento das crianças nas atividades propostas e os diálogos entre o público-alvo e a investigadora. Assim, esta técnica foi um instrumento possível de avaliação e reflexão para os acontecimentos com mais significado.

3.3.3 ENTREVISTA⁵ E INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO⁶

Segundo Fortin (2019), a entrevista e o questionário são os métodos de colheita de dados correntemente utilizados. Permitem colher informações, junto dos participantes, relativas às noções, aos comportamentos, aos seus gostos, às emoções e aos sentimentos. Desta

⁵ Ver Anexo 5

⁶ Ver Anexo 6

forma, segundo o autor, a entrevista e o questionário apoiam-se nos Feedbacks dos sujeitos, sendo que o investigador apenas tem acesso à informação que o investigando lhe fornece.

Segundo Pardal e Lopes (2011), o questionário é um instrumento de recolha de informação unicamente preenchido pelo informante. Segundo os autores, esta técnica de recolha de dados é uma das mais utilizadas no âmbito da investigação sociológica. Para Fortin (2009), o questionário é um dos métodos de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos. Na visão de Reis (2018), o questionário é formado por diversas perguntas ordenadas a serem feitas, por escrito, aos investigados, e tem como objetivo obter informações sobre as opiniões, interesses expetativas em relação aos objetivos de investigação.

Na visão de Fortin (2009), o questionário, ao contrário da entrevista, é preenchido pelos sujeitos sem apoio. É um instrumento que traduz os objetivos de um estudo com variáveis mensuráveis. Assim, é uma forma de organizar e controlar os dados, de modo em que a análise de dados possa ser realizada de forma rigorosa.

Desta forma, para este estudo e, atendendo que o público-alvo eram crianças do 1º ano, foi realizado um questionário simples, no sentido de avaliar o Ser da criança: como ela se sente; como pensa que é; e que mencionasse algo que fosse importante acontecer. O primeiro questionário entregue foi realizado em janeiro e as crianças ainda não sabiam falar, por essa razão foi apontado o que cada criança disse. Em maio, no fim desta etapa do estudo, as crianças já sabiam ler e escrever, por isso escreveram as respostas de forma anónima. (Figura 7)

Como te sentes?
Como pensas que és?
Algo muito importante que gostavas que acontecesse?

Figura 7: Inquérito por questionário entregue no primeiro e último dia às crianças.

Fortin (2009) identifica que a entrevista é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas. Segundo a autora, é um processo planeado, sendo um método frequentemente utilizado nos estudos exploratório-descritivos. Tal como Fortin, Reis (2018) também considera que para a entrevista é necessário ter um plano de forma que, quando esta estiver a ser aplicada, todas as informações necessárias sejam recolhidas. Para o autor, as entrevistas permitem que o investigador estabeleça uma relação com o entrevistado “de forma a ter acesso a informações relevantes para a investigação o que permite a descrição dos fenómenos, e é muitas vezes associada à investigação qualitativa” (p. 91).

Também foi utilizada, para a recolha de dados para este projeto, a entrevista semiestruturada, que segundo Pardal e Lopes (2011) “o questionamento do entrevistador vai surgindo, de modo tão natural quanto possível, com precisão e sentido de oportunidade” (p.87). Este tipo de entrevista permite ao entrevistador acrescentar ou retirar as questões, dependendo das respostas do entrevistado, não tendo de seguir um guião à risca, também permite o entrevistado responder de forma livre. A modalidade da entrevista foi a etnográfica, pois segundo Flick (2005, p.93) citado por Pardal e Lopes (2011) “Consiste, essencialmente, na articulação sistemática da “revelação das experiências concretas das pessoas com o tema de investigação” (p.87). Segundo Dias (2009), a técnica da entrevista depende do método utilizado, baseado na teoria da entrevista e também nas condições criadas para sua realização.

As entrevistas realizadas foram dirigidas às Docentes da turma, com o intuito de a investigadora ter a noção se houve alguma transformação com o projeto a ser realizado desde janeiro. Através de um olhar de quem está de fora, mas que lida todos os dias com as crianças, seriam o público com mais base de observação para responder as questões enquanto entrevista!

Tópicos	Informação Pretendida	Questões
Comunicação de si e com os outros.	Descobrir se o projeto desenvolveu a capacidade de comunicação das crianças.	Nota diferença na capacidade de comunicação dos alunos?
As emoções e Aprendizagem Curricular	Encontrar confirmações de que a expressão é uma mais-valia para as aprendizagens curriculares.	Gerou um ambiente propenso à aprendizagem?
Respeito mútuo	Se através da Dança Criativa as Crianças começaram a ter mais empatia com quem está ao redor.	As crianças estão melhores umas com as outras?

3.4 QUESTÕES DA ÉTICA

Para manter coerência na investigação e métodos de recolha de dados, foi pedido autorização por escrito aos pais para darem consentimento da utilização dos dados das crianças, apenas para fins de investigação.

De acordo com Carmo e Ferreira (2015), a realização de uma qualquer investigação implica por parte do investigador a observância de 9 princípios éticos, geralmente aceites pela comunidade de investigadores em Ciências Sociais, que se resumem a: respeitar a identidade do público alvo; esclarecer ao público alvo à tudo o que está exposto; salvaguardar informações que possam ser degradantes para o público alvo; respeitar se houver quem não queira participar no projeto; proporcionar um ambiente de confiança, partilha e verdade mútua; pedir autorização aos encarregados de educação para a participação do educando e por fim ter sensibilidade por toda a partilha em cada sessão.

Carmo e Ferreira (2015) apontam os princípios citados, os quais devem obedecer as relações do investigador com os participantes e, ainda, o facto de que o investigador tem a obrigação de fazer uma exigente explicitação das fontes utilizadas, nomeadamente

documentais. As autoras apenas focam que o investigador terá de ser autêntico quando escreve o relatório da investigação, principalmente no que se refere à análise de dados e a sua apresentação enquanto conclusão, mesmo que por vários motivos, as conclusões não o agradem.

Complementando com Crête (2003), ao explicarmos cada princípio ético de uma investigação, as crianças e os Encarregados de Educação poderão compreender que os dados recolhidos serão tratados sob sigilo de forma a não prejudicar o público-alvo nem a própria investigação e que não serão lesadas ao fazerem parte da investigação, podendo contribuir para que se sintam menos inseguras naquilo que vão dizer ou fazer. Crête (2003) defende, ainda, que os investigadores, na maioria das vezes, compilam ou alteram os nomes das pessoas por questões de privacidade. Por essa razão, de modo a proteger os dados das crianças que participaram no projeto, todos os registos expostos não demonstram a cara e os nomes estão codificados apenas com letras.

3.5 INVESTIGAÇÃO-AÇÃO || PROJETO “DO QUE FALA O TEU CORPO? A DANÇA CRIATIVA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE SI”

A análise de conteúdo foi a técnica utilizada para o procedimento dos dados das entrevistas, inquéritos e observações realizadas. Este método é, segundo Pardal (2011), “um instrumento de análise das comunicações. Tem à sua disposição um conjunto variado de técnicas/procedimentos adaptáveis e aplicáveis a um campo largado de análise” (p. 93).

Após este breve enquadramento, fica assumido que o projeto “Do que fala o teu corpo” teve como metodologia a Investigação-ação. No sentido de que as sessões foram planeadas com base na sessão anterior. Inicialmente, e como são crianças a frequentar o 1º ano, em janeiro ainda não conheciam todas as letras, por esse motivo as respostas ao inquérito foram em forma de diálogo, sendo que cada respostas foram apontadas no diário de bordo, porém, na última sessão foram lançadas novamente as questões do inquérito por questionário, visto que já sabiam ler e escrever quando participaram na última sessão.

No decorrer das sessões, foi observado que algumas crianças com dificuldades específicas tiveram dificuldade em acompanhar os restantes colegas, neste sentido, as aulas eram avaliadas de forma a adaptar estratégias para as crianças em cada sessão. Como afirma Correia (1997), “se, à partida, os alunos revelam saberes, capacidades e competências diferentes, vamos então diversificar e diferenciar os meios, os métodos e as atividades do

processo ensino-aprendizagem, de tal modo que, à chegada, os resultados sejam o mais homogêneos possível” (p.113). Em concordância com o autor, durante o planeamento e realização das sessões o instrumento de avaliação escolhido e mais adequado é o grau de satisfação dos alunos, recorrendo a métodos e meios adequados, com o intuito de proporcionar o bem-estar para cada especificidade das crianças.

Uma programação efetuada sem primeiro se avaliar o desenvolvimento das crianças não é educacionalmente válida. Opinião, suposição, prática ou qualquer outra razão teórica ou empírica, por muito idónea que seja a pessoa que as profere, não são válidas por serem subjetivas. Há sempre a necessidade de se avaliar (com instrumentos com a maior validade e garantia) objetivamente o desenvolvimento da criança para se poder efetuar uma programação que vá, de facto, ao encontro da satisfação das suas reais necessidades (Sousa, 2017, p.167).

Relativamente à metodologia investigação-ação participativa, Guerra (2002) afirma que o investigador, no progredir da sua investigação, carece de uma participação direta na comunidade em estudo. Tanto o investigador como o objeto de estudo são partes ativas do processo de investigação, é necessária uma interação cooperativa de ambas as partes envolvidas na pesquisa. Esta interpelação é conduzida, assim, à construção de um verdadeiro saber relacionado com a realidade estudada. Relativamente ao objetivo da investigação-ação participativa, para a autora, o que realmente importa é o processo da mudança.

3.6 PROCEDIMENTO DE INTERVENÇÃO

O projeto “A Dança Criativa como meio de comunicação de si para crianças do 1º CEB” teve início no dia 31 de janeiro. Numa semana anterior foi feita uma visita às docentes e ao público-alvo, de forma que a investigadora conhecesse o local e compreender as condições de trabalho.

O final do projeto prático foi a 6 de junho, tendo uma duração de 5 meses que resultaram em 15 sessões, com um período semanal, – quinta-feira, com a concordância das docentes para ser em horário formal das 11h30 às 13h20.

Atendendo que era uma turma com 25 alunos, 24 alunos do 1º ano e uma aluna do 2º ano, a turma foi dividida em dois grupos, Turma A e Turma B.

As sessões foram planeadas e fragmentadas em 6 momentos. O primeiro momento era o diálogo, juntávamo-nos em círculo com o intuito de perceber como estaria o “estado de espírito” de cada criança naquele momento, devido as vivências partilhadas pelos alunos em cada semana. A segunda parte consistia na implementação das atividades propostas pela investigadora. Por último, na terceira fase, fazíamos uma retrospectiva geral em grupo sobre a sessão, abordávamos os aspetos positivos e negativos: o que gostavam mais e menos, o que se podia melhorar, entre outros aspetos. Ao longo das sessões a investigadora foi tomando notas e fazendo registos em formato fotográfico.

PARTE IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, vamos apresentar os resultados obtidos do estudo e avaliar a intervenção do ponto de vista da investigadora, das docentes da turma, e dos participantes de modo a verificar se os objetivos inicialmente definidos foram alcançados e apresentar uma síntese relativamente ao desenvolvimento do projeto.

Desta forma, devemos lembrar que a análise de resultados foi desenvolvida com base em métodos qualitativos recolhidos no decorrer da intervenção. Esta multiplicidade de registos permitiu ter uma visão mais alargada do tema-problema em estudo. É nossa intenção compreender em que medida vai ao encontro da revisão da literatura, analisando e confrontando as possíveis hipóteses e relações que se poderão estabelecer.

Para implementação do Projeto foram necessárias quinze sessões com o público-alvo, cada uma abordou temas que a investigadora achou pertinente, tendo em conta os dados recolhidos no desencadeamento de cada sessão. Atendendo que tudo o que se passava em cada sessão era essencial para a recolha de informação.

4.1 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS UTILIZADAS NA INTERVENÇÃO

Conforme pode ser analisado nas notas de campo, numa primeira fase da intervenção, foi dado a conhecer o projeto às docentes que acompanhavam a turma, qual o principal objetivo do projeto e os seus benefícios para cada criança, inclusive para a própria educação formal. Após esta fase, iniciei as sessões com as crianças, depois de cada Encarregado de Educação consentir a participação do seu educando no estudo e a utilização dos respetivos dados. Inicialmente foi pedido um inquérito por questionário, porém, como ainda não sabiam ler nem escrever as respostas ficaram marcadas nas notas de campo.

Numa primeira etapa, foi pedido para cada criança comunicar com o corpo algumas emoções básicas, no entanto a comunicação das crianças foi bastante teatral o que, consequentemente, fez a investigadora focar, desde a primeira sessão, o objetivo da dança criativa. Pois, deste modo e tal como refere Coutinho et al (2009) a Investigação ação indica qual o intuito a ser transformado, para tal existe a reflexão sobre determinada ação. Nesta perspetiva, as sessões tinham como visão o melhoramento das técnicas das sessões anteriores. Portanto, as sessões eram planeadas após cada sessão, correndo o risco de ser

alterada no próprio dia da implementação. Tal como ocorreu para a sessão n.º 6, foi necessário alterar.

4.2 AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Neste subcapítulo, tendo em conta a natureza empírica da intervenção, são apresentados os principais resultados analisados com base nos dados recolhidos, desta forma iremos avaliar a graduação das técnicas e estratégias para a comunicação corporal de cada criança.

Ao olhar de forma geral para o projeto, é importante ter em conta, quando queremos trabalhar a comunicação com as crianças, que é exatamente aquilo que elas comunicam de si, não apenas em diálogos nas sessões como também com o seu corpo. Como referido, no Diário de Bordo, houve sessões em que as crianças mencionaram não estarem bem por situações exteriores à escola, nomeadamente familiares, o que nos leva para segunda questão observada nas sessões, que foi o contexto social, familiar e escolar em que as crianças estão inseridas. Realçando com os autores Olson e Cols (2000), o comportamento que as crianças apresentam pode ser reflexo dos processos de trocas contínuas entre os cuidadores e seu contexto social/ecológico. Segundo Giddens (2008), vemos que em contexto de bairro social os comportamentos de desvio estão cada vez mais em foco. Estes comportamentos não estão em conformidade com um determinado conjunto de normas aceite por um número significativo de indivíduos que vivem numa comunidade ou sociedade, as atitudes têm a influência de um poder social ou classe social. Para o autor a família é designada como um grupo de pessoas unidas por laços de parentesco, em que os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças; esses laços de parentesco são relações estabelecidas entre os indivíduos através do casamento ou por meio de linhas de descendências que ligam familiares consanguíneos. Todavia, o autor também refere que a vida familiar nem sempre é um reflexo de harmonia e felicidade, pois, por vezes, os comportamentos desviantes, problemas mentais e violência doméstica tomam o seu lugar no seio familiar. Complementando, com os autores Carvalho e Baptista (2008), numa fórmula clássica, a família é considerada como o centro de toda a segurança e proteção, contudo, poderá estar a ocultar episódios de violência e subalternidade.

Após esta breve análise, e atendendo que o público-alvo está inserido num contexto de bairro social, será assumido que a Dança Criativa poderá ser uma mais-valia para explorar

a comunicação artística corporal das crianças e, através dela, comunicarem com o exterior qualquer tipo de emoção que não consigam expor de forma “comum”.

Comunicação de si /Expressão das emoções

Aplicação de exercícios em cada sessão foi uma mais-valia para a contribuição da comunicação de si de cada criança, os exercícios eram com base na improvisação, na confiança, no relaxamento e no divertimento, a fim de cada criança atingir confiança para se expor de forma expressiva. Com o desenvolvimento das sessões, as crianças demonstraram-se cada vez mais confiantes com os seus movimentos, não só individuais como em grupo. Inicialmente, elas não dominavam o espaço, o tempo e os níveis, porém, com o avanço de cada sessão começou a ser algo natural para elas.

Por vezes confundiam a interpretação do movimento, tornando-o um pouco teatral, porém a comunicação de si foi gradual. Após a implementação dos exercícios, as crianças conseguiram perceber como conseguimos comunicar de diversas formas aquilo que estamos a sentir, sendo que a comunicação através da dança criativa foi a mais usada.

A expressão dança, uma das áreas de intervenção artística, permite o desenvolvimento geral e harmonioso da criança, que, a partir da utilização da sua “ferramenta” principal, que é o corpo, comunica e expressa pelo movimento, tendo consciência do individual e do coletivo (Caldas & Vasques, 2014, p.79).Em relação as emoções, a crianças conseguiam já saber o significado das suas manifestações corporais, fossem elas positivas ou negativas, inclusive as Docentes notaram diferença na expressão de emoções de cada criança.

P.O - Em termos de relação, de deitar para fora, de partilhar as emoções foi muito positivo! A mim deu-me um conhecimento do grupo totalmente diferente. Porque ali pareciam outras crianças, eles deitavam com uma naturalidade tudo o que lá dentro ia, que eu ficava perplexa ao ver o comportamento deles. Alguns surpreenderam-me pela positiva, mas por alguns também fiquei dececionada como tinham ali muitas coisas acumuladas e ali era uma oportunidade de deitarem para fora.

P.S: Quando eu digo a Clau, refiro-me porque ela era uma criança muito fechada. Depois do primeiro dia notei logo uma diferença, ela a brincar a se expressar.

Completamente outra Clau. A Fat também mais mudou, pois, aquela menina tem problemas de autoestima e eu notei que isto fez-lhe bem, fez-lhe ter outro conceito dela própria e verificar que sim, que é normal ter dificuldades, mas que podem ser ultrapassadas.

P.S: Para mim o Dvd foi uma revelação, aquele choro do Dvd para mim, aquela parte de sensibilidade do Dvd, foi uma revelação. Porque ele era o aluno rebelde. E aquela aula que o fez chorar e, ele já não conseguir fazer mais nada sem ser chorar, naquela aula com perguntas feitas por si Marta não achei normal a reação dele. Achei impressionante aquele deitar para fora. Porque era algo que estava lá dentro a sufocá-lo.

Foi notório que a Dança Criativa foi um meio de comunicação para o público-alvo, na entrevista por questionário na última aula dois alunos da Turma A afirmaram que “Eu gostaria de continuar a trabalhar as emoções com o corpo.” e “Eu sou boa a expressar emoções com o meu corpo.”

Um aluno da Turma B também disse no questionário: “Gostei Muito das aulas da Marta, fez-me bem.”

Noção do tempo e espaço

As primeiras sessões tinham como objetivo apreender a noção espacial, portanto trabalhamos o lado direito e esquerdo, o ir para a frente e para trás, fazer movimento tendo em conta o espaço reservado para cada um. Também, inicialmente, foi trabalhado o toque com o outro corpo através de atividades de manipulação corporal, com as vendas – que alguns tinham dificuldades. Todas as crianças eram diferentes, todas necessitavam de atenção e de estratégias adequadas, havia, inclusive, duas crianças com necessidades específicas, a “Mtd” tinha o Síndrome de Down e a “Ins” tinha incapacidade motora nas pernas.

Houve um melhoramento gradual no que concerne às técnicas e estratégias para a comunicação corporal de cada criança. No início do projeto, as crianças tinham algumas dificuldades para conseguirem exprimir-se corporalmente, desta forma foi dada a oportunidade de primeiramente explorarem o espaço e o tempo em que atuavam, para depois poderem usufruir de mais ferramentas corporais. Através da sessão Temporalidade

(sessão nº 5) e a sessão Espacialidade (sessão nº 6), as crianças ganharam mais consciência sobre o que as rodeia, sobre a velocidade que podem usar, as várias posições e estratégias, os ritmos e articulações (aluno 2: “Fiz muitas coisas com o meu corpo” sessão nº5, turma A). Porém, para as crianças terem uma base para compreenderem a sessão nº 5 e nº6, foi necessário na segunda sessão fazer uma introdução ao espaço e ao outro através do Toque, desta forma as crianças utilizaram o toque para conhecer o seu corpo e o corpo do outro para posteriormente conseguir explorar o que está a sua volta.

Foi possível observar também, que durante as sessões que envolvia o contacto entre eles (figura 8), as crianças abraçavam-se e tocavam-se todo o tempo. Esses momentos tiveram uma grande importância na socialização e cooperação entre elas no entendimento pela consciência corporal e pelo conhecimento do outro, pois é através da construção da consciência de si mesma que se constrói a partir da consciência do outro.



Figura 8: Sessão nº2 “O toque” e a sessão nº 5 “Temporalidade”.

Improvisação/Criação

Um outro aspeto fundamental foi a capacidade de improvisação. No decorrer das sessões a investigadora reconheceu a grande abertura para a comunicação por parte do grupo evidenciado. Tendo em conta que todas as coreografias improvisadas foram criadas pelas crianças, em equipa, é de salientar as capacidades adquiridas através das sessões com a coreografia final realizada por eles (sessão nº13 e Sessão nº14). As crianças conseguiram arranjar estratégias para qualquer obstáculo, tanto a nível técnico, como também, na

relação interpessoal e intrapessoal com os colegas e investigadora. Sendo assim, no final as crianças sabiam que cada um “é o que é” e já tentavam respeitar.

Podemos observar a primeira fotografia, é da sessão nº3 “O toque-União”, as crianças fizeram uma roda e andaram a volta, apenas. Já na segunda imagem, as crianças exploram o nível baixo e comunicaram as suas emoções. (Figura 9)



Figura 9: Sessão nº2 e Sessão nº13

Relações Intrapessoais

Em relação ao trabalho em equipa, verificou-se melhorias no espírito de entreajuda dos participantes envolvidos nesta intervenção registando-se inúmeras situações de cooperação e interação como é possível observar na figura 10.

A capacidade de exprimirem as emoções foi melhorando com as sessões, sendo que a turma A é mais emocional e a turma B mais expressiva, por exemplo, na sessão nº4 “O Balão” os alunos transmitiram respostas diferentes à pergunta aos exercícios relativos a Exploração do Movimento e ao Ponto Alto – “Foi mais fácil com colegas ou sozinho?” – A turma A respondeu “o que fazemos com os colegas” e a turma B disse “Foi mais fácil sozinho e mais difícil com os colegas”. No entanto, na última sessão que foi pedido uma coreografia, consta nos apontamentos do Diário de Bordo que: “Os dois turnos estiveram à procura de estratégias, a discutir uns com os outros ideias, a correr pela sala e a gritar”.

Contudo, também foi possível ver uma graduação da relação entre as crianças e investigadora, algo que foi notório pelas Docentes de Educação Especial.

P.O: Qualquer criança espera dos adultos disponibilidade, atenção, carinho, é básico! E realmente, também o seu perfil, para além das funções que está

redispota nesta escola também ajudou muito, as suas características como pessoa. Deu aso aquilo que podemos assistir! Muita abertura, muita disponibilidade. As regras existiram e eles perceberam, experimentaram várias vezes. No global foi extremamente positivo!

No decorrer de cada sessão a confiança entre o grupo foi aumentando, como por exemplo, na sessão n.º 9 “Entrega-te”, fizemos um exercício com vendas, ao qual no final a aluna Ari respondeu: “já não tive medo do escuro porque confio na Marta”. No primeiro exercício que fizemos com a venda, ela respondeu que não tinha gostado, porém, com crescer da confiança ela chegou a sessão n.º 9 com outra postura.

No sentido, de tudo ter sido gradual, as Docentes consideraram que deveria ser um trabalho contínuo abordando os 4 anos da escolaridade.

P.S: Eu vou ser sincera, acho que isto é um trabalho de continuação. Não o trabalho de um ano. É um trabalho que vai dar frutos, se fosse um trabalho efetivo do 1º ao 4º ano, provavelmente íamos ver melhoras no 2º ano, bocado mais no 3º ano e provavelmente muito melhor no 4ºano.

Pois, para além de a dança ter sido uma mais-valia para a gestão de emoções também influenciou as crianças no ensino formal, como refere a Docente do ensino especial: “Eles vinham mais disponíveis para a aprendizagem. Sem dúvidas!”



Figura 10: Sessão nº4 e Sessão nº14

Por fim, foi através de tudo o que foi vivido nas sessões que a investigadora conseguiu aperceber do efeito que as aulas tinham nas crianças, no último dia, quando entregaram frases escritas por eles. Foi percebido que, independentemente dos resultados, tudo foi genuíno.

Desta forma, após averiguar detalhadamente o Diário de Bordo, considero que os objetivos foram alcançados, pois as crianças reconhecem o seu corpo e do outro – Lun: “É claro que é importante, estamos a conhecer o nosso corpo e o corpo do outro. Não é? – Quando questionados sobre a dança criativa – Jlan: “Aprendemos mais coisas sobre o nosso corpo”. Quando uma aluna específica não quis fazer a sessão n.º 5, mas ficou a observar os colegas, concluiu que a deveria ter feito – “pois Marta, mas arrependi-me, se eu tivesse feito o resto da aula o meu corpo ia estar mais calmo como o dos meus colegas”. Desta forma é de concluir que as crianças retiraram de cada sessão uma aprendizagem, não só em relação ao seu corpo, como também as suas emoções, o espaço ao seu redor, os movimentos ilimitados que são possíveis, às limitações do seu corpo... Em suma, foram sessões de autodescoberta.

No final os alunos já não teatralizavam os seus movimentos, deixavam o corpo fluir. Não havia a sensação de mecanismo e muito deles conseguiram “deixar-se levar” pelo momento e sentimento. Comunicando com o exterior o que se passava no seu interior.

CONCLUSÕES

Conclusões sobre a investigação

A realização do projeto possibilitou a aplicação de conhecimentos adquiridos ao longo do curso, é sem dúvida um grande complemento na minha formação onde surge, pela primeira vez, a possibilidade de desenvolver competências profissionais.

Com o trabalho em parceria, entre investigadora e alunos, pretende-se o desenvolvimento de uma cultura de colaboração e de cidadania, baseada numa perspetiva sistemática e complexa da realidade, onde se partilham e articulam informações, recursos, atividades, estratégias e avaliações, das quais resulta uma maior eficiência e eficácia das intervenções.

Desta forma, com a construção deste projeto pretendia que o grupo-alvo tivesse momentos de aprendizagem de forma lúdica e significativa de maneira a haver mais empenho e entusiasmo por parte do grupo. Pretendia, ainda, ser um elemento dinâmico, criativo e inovador, para tal tive a ajuda das coordenadoras do projeto que me apoiaram em diversos aspetos.

Para a iniciação do projeto foi necessário compreender a diversidade de personalidades e o contexto social do local onde estava inserida a escola. Esta distinção englobou os princípios e valores éticos e morais de cada um.

Inicialmente, foi um grande desafio, contudo, servirá para adquirir e melhorar as minhas competências técnicas, pedagógicas e profissionais, adquirindo novas aprendizagens que posso aplicar no meu futuro profissional. Para a realização de uma intervenção é necessário termos em conta vários métodos e técnicas, tais como, a observação, análise do diagnóstico, criação de metodologias junto da comunidade. Em suma, é necessária a autoavaliação do trabalho desenvolvido, verificando se os objetivos foram ou não alcançados, constatando assim, a finalidade do projeto.

Relativamente a arte, esta é importante na vida da criança, pois contribui para o seu crescimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento da criatividade, tornando-a um indivíduo expressivo e que vê o mundo de uma maneira mais sensível (Stern, 1974).

A arte é vista e sentida de maneiras diferentes entre crianças e adultos. Para o adulto a Arte está ligada a algo belo, às exposições, a museus, à estética. Para a criança, a Arte é uma forma de expressão. A criança faz o que lhe dá satisfação e alegria, brincar e desenhar é a maneira de ela expressar o olhar no seu próprio Mundo.

Os desenhos das crianças feitos na sessão nº11 e nº12, assim como cada uma das suas formas de expressão pode ser encarada como um espelho da sua criatividade infantil, pois são como um registo de tudo o que é visto no seu meio, o que proporciona ao investigador um modo de compreender melhor seu aluno e assim ajudá-lo a exercer as suas aptidões.

No que concerne as emoções, desde cedo aprendemos a importância de controlar e a conter as emoções que são vistas como negativas, contudo, seria crucial aprender também a exteriorizá-las de forma adequada e saudável. Nem sempre é mais saudável conter, mas antes exteriorizar, desde que seja de uma forma saudável, trazendo benefícios para o próprio e para as suas relações.

No entanto, durante algumas sessões também foram exploradas outras linguagens artísticas, nomeadamente a Expressão plástica, musical e teatral como aliadas à Dança Criativa, através das emoções.

Como descrito no Diário de bordo, nem tudo o que planeei foi realizado, pois as aulas eram inconstantes e foi necessário mudar muitas vezes o que estava programado, na hora da intervenção. Não vejo como algo negativo, considero que seja normal acontecer, não só pelo que foi constatado na Revisão de Leitura, como também pela experiência de lidar com grupos assim tão novos, apesar de que neste grupo o enquadramento social influenciava imenso.

Sobre a participação das crianças e dos professores nas aulas, foram satisfatórias. Esse interesse de participação criou-se aos poucos, onde as crianças procuravam não faltar. Os professores também participaram bem, ficando na sala apenas quando estavam muito atarefados.

Em resposta à pergunta de partida “em que medida poderá a Dança Criativa constituir-se como veículo privilegiado e comunicação de si?” Os dados expostos indicam que a Dança Criativa libertou os músculos das crianças. Elas conseguiram decifrar emoções sentidas e transpor para os seus movimentos. Por essa razão a Dança Criativa é um veículo

privilegiado da comunicação de si mesmo, no sentido de as crianças terem encontrado forma de exprimir as suas emoções com criatividade.

Cada criança se expôs, porém sentiram-se seguras ao fazê-lo, pois o ambiente das sessões proporcionava confiança para que houvesse partilha por parte de cada um de nós. Através da Dança Criativa podemos exprimir-nos de uma forma que para quem vê em segundo plano não consiga decifrar. Portanto, há comunicação de si, contudo a informação transmitida é protegida.

Foi um fator importante para as crianças ser “uma dança estranha” (Fat, sessão nº13), pois sentiam-se com confiança.

Considero que foi um projeto que deveria ter continuidade, porém, a legislação relativa à Educação formal dificulta a entrada nas escolas a profissionais da Educação não formal, sendo possível só através de concursos públicos. No entanto, a ideia não é descabida, como foi observado 5 meses de sessões foram uma mais-valia, se fosse algo gradual poderia ser uma forma de as crianças gerirem as emoções, desenvolverem competências de trabalho de equipa, trabalharem na sua autoestima e ainda concentrarem-se nas aulas, como foi possível constatar nesta específica investigação.

A verdade, é que quando concluímos um projeto desta dimensão, muitas vezes ficamos com a sensação de que naquele momento é que deveríamos estar a iniciar, pois como referido pelas Docentes, deveria ser um projeto contínuo. Por essa razão, sinto que o projeto ficou ao meio, se fosse algo com maior duração teria mais material.

De forma concluir este relatório, será importante salientar, mais uma vez, a importância da dança criativa. O nosso corpo é o principal comunicador de emoções e sentimentos. Para termos consciência do nosso próprio corpo é necessário conseguir utilizá-lo como um todo, desta forma, para nos conhecermos é importante conhecer o nosso corpo, interior e exterior. Sendo a Dança Criativa uma ferramenta para tal, pois é algo livre e experimental, conseguimos criar movimentos que irão nos permitir conhecer o nosso corpo, não apenas com movimentos pré-concebidos. O toque, a imaginação, a criatividade e o sentir cada membro do nosso corpo, permitir-nos ter consciência do mesmo, eles estão lá, existem e são para serem utilizados, não de forma mecânica, mas sim livre e criativa.

Por fim, considero que poderia haver mais informação sobre esta temática, na minha ótica ainda há poucos estudos o que tornou um obstáculo para conseguir justificar o projeto.

Limitações no estudo e pesquisas futuras

Foi possível verificar algumas limitações teóricas e práticas no desenvolver do projeto, tais como:

Uma das limitações iniciais desta investigação foi em termos de pressupostos teóricos relativos ao estado da arte e na construção do enquadramento teórico relacionado com as várias temáticas da dança na educação. Alguma da documentação encontrada, mencionava autores antigos, dos quais não consegui encontrar os originais.

O tempo foi também uma limitação, mas que se tentou superar de uma forma ética e moral consciente. Este foi um fator apesar de evidente, pois não existem investigações terminadas ou perfeitas, que se tentou atenuar mediante as eventualidades da melhor forma possível. A ciência como processo de construções e desconstruções trata de amenizar esta limitação, pois ela permanece, enquanto as investigações e os seus autores passam.

Seria de todo pertinente realizar um estudo longitudinal, pois só assim poderíamos obter resultados a longo prazo. Poderíamos ainda considerar e complementar as opiniões de diferentes profissionais da área artística e social, (sendo deveras importante um trabalho multidisciplinar). Consideramos importante a análise individual de cada participante, tendo em conta as diferentes áreas, tais como: Psicológica, física e social.

Portando, seria importante, as escolas (e não só) optarem por terem outros agentes de Prevenção que não só os professores, pois, estamos aptos a desenvolver projetos e a intervir (nomeadamente, através das artes).

Após diagnosticada uma determinada problemática, “é urgente e indispensável estabelecer prioridades, escolher metodologias, valorizar experiências bem-sucedidas, aproveitar saberes adquiridos.”, como também, é urgente criar linhas orientadoras para a implementação de um projeto que pretende dar respostas, que deve obedecer a princípios de uma planificação estratégica que deverá proporcionar a mudança. (Carvalho & Baptista, 2004)

Posto isto, concluímos que com mais agentes educacionais em campo, a área da prevenção seria muito mais rica e mais abrangente, mais dinâmica e possivelmente mais ativa. Mas ainda há muito trabalho a fazer, mas o importante é começar e nunca parar, esperando que surjam sempre projetos na área da prevenção

Cabe ao profissional, criar estratégias para que o sujeito de intervenção seja um ser único e multidimensional, capaz de gerar a mudança positiva e também de demarcar as suas trajetórias de vida.

Com outro tipo de recursos também se conseguiriam desenvolver outro tipo de processos de trabalho. Uma palavra de apreço aos agentes que cooperaram com a sua boa vontade no apoio à investigação, mas também de sensibilização aos que se recusaram, uma vez que o seu comprometimento é preeminente também para o seu próprio desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

- Ahlert, A. (2011). *Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade*. Revista Ibero-Americana de Educação. V.1.
- Albin, C. (2016). *The Benefit of Movement: Dance/Movement Therapy and Down Syndrome*.
- A Lei de bases do Sistema Educativo – Lei nº46/86, de 14 de outubro. Consultado em: https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/222418/details/normal?p_p_auth=D688OvBC.
- Anderson, J. (1978). *Dança*. Editorial Verbo – Lisboa. São Paulo.
- Andrade, C. (2016). *Dança para Criança: Uma proposta para o ensino de dança voltada para a educação infantil*. Unesp – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes. São Paulo.
- Barret, Webstar, Antilla & Haseman. (2017). *International Journal of Education & the Arts. A Reason to Respond: Finding Agency Through the Arts*. Vol 18. Nº 25.
- Barros, A & Duarte, J. (2005). *Métodos e Técnicas de Pesquisa de Comunicação*. Editora Atlas.
- Batalha, Cruz. (2019). *Ensino e dança na escola: desafios e perspectivas na visão de professor*. Rio de Janeiro.
- Carmo, H & Ferreira, M. M. (2015). *Metodologia da Investigação: guia para autoaprendizagem (3ª Ed.)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carline, S. (2011). *Lesson Plans for Creative Dance: Connecting With Literature, arts, and Music*. Human Kinetics.
- Caldas, A & Vasques, E. (2014). *Educação artística para um currículo de excelência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caldas, J & Pacheco, N. (org.) (1999). *Teatro na Escola, A Nostalgia do Inefável*. Porto: Quinta Parede.
- Carvalho, A & Baptista I. (2008). *Educação Social – Fundamentos e estratégias*. Porto Editora, Lda.
- Carvalho, M & Baptista, I. (2004). *Educação Social – Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.

- Carta das Cidades Educadoras. (2004). Consultado em: <http://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/uploads/sites/12/2018/09/Carta-das-cidades-educadoras.pdf>
- Constituição da República Portuguesa: Consultado em: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.Ed.). Edições Almedina.
- Crête, J. (2003). *A ética em investigação social*. Em B. Gauthier, *Investigação Social* (N. Salgueiro, & R. P. Salgueiro, Trads., pp. 233-252). Loures: Lusociência.
- Cone, T & Cone, S. (2012). *Teaching Children dance*. 3rd ed. Edition: Copyright.
- Diário da República – 1º série. *Ministério da Educação. Decreto – Lei nº 344/90, 2 de novembro*. Consultado em: https://www.dgae.mec.pt/?wpfb_dl=1032.
- Direção Regional de estatística da Madeira. (2011). Consultado em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/>.
- Dow C. (2010, março). *Young Children and Movement: The Power of Creative Dance*. Megazine: Young Children, p.31.
- Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto Editora, Lda.
- Fortin, M. F. (2009). *O processo de investigação da concepção à realização* (5ª Ed.). Loures: Lusociência.
- Freire, P. (2009). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Brasil: Editora Paz e Terra.
- Geheres, A. (2008). *Corpo-Dança-Educação: Na Contemporaneidade ou a da Construção de Corpos Fractais*. Editora: Tadinense AG.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gleitman, H; Fridlund, A & Reisberg, D. (2009). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, I. (2009). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção: O planeamento em Ciências Sociais*. 2ª Edição. Parede: principia.
- Leandro, C; Monteiro, E & Melo, F. (2018). *Manual de Dança Criativa: Uma aprendizagem Interdisciplinar no 1º Ciclo do Ensino Básico*. 1ª edição. Edição: Copyright 2018, Psicossoma.

- Leão, C. (2015). *Para que serve a Dança? O projeto pedagógico da escola de Dança Clara Leão*. Universidade Aberta.
- Czelusniak, I. M. (2013). Caderno pedagógico - *Dança Criativa: possibilidades de intervenção por meio da Pedagogia Histórico-Crítica no oitavo ano do Ensino Fundamental*. Secretaria de estado da educação superintendência da educação universidade estadual do centro-oeste. Paraná. Consultado em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_edfis_pdp_lisa_marie_czelusniak.pdf.
- Lopes, M. (2011). *O Saber dramático: A construção e a reflexão*. Editora: Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Macara, A. (2007). *Alma da dança: dilemas e criação de produção*. Ed: Companhia de Dança de Almada, Gráfica 2000 Lda.
- Macara, A & Batalha, A. (2006). *Dança e Movimento Expressivo: Textos e resumos do seminário Internacional*. Ed: Faculdade de Motricidade Humana, Gráfica 2000 Lda.
- Martins, A. (2002). *Didáticas das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Menezes, I. (2010). *Intervenção comunitária: uma perspectiva psicológica*. 2ª Edição. Livpsic.
- Mostroianni, Boffi, Carvalho et al. (s/d). *A consciência corporal na Educação Infantil*.
- Omena. (2019). *Corporeidade e aprendizagem em espaços escolares: A importância da dança na aprendizagem do aluno*.
- Onofre, P. (2017). *Intervenção Motora – conceitos e práticas educacionais*. 1º edição. Ed Vieira da Silva, Lisboa.
- Overby, L; Post, B & Newman D. (2005). *Interdisciplinary learning through dance: 101 movement*. Edition: Copyright.
- Pardal, L & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores, S.A.
- Pereira, L. (2017). *Noções e Planeamento de Dança Criativa*. Consultado em: <https://sites.google.com/site/lucilaportugal/novidades/escoladadancaopenfloor-mirandela/escola-de-danca-open-floor/bodyfusion/nocoes-e-planeamento-de-danca-criativa>.

- Pereira, Pinto. (2017). *Including educational dance in an after-school socio-emotional learning program significantly improves pupils self management and relationship skills?*. Lisboa.
- Pereira, Pinto. (2018). *Development os a social and emotional learning program using educational dance: A participatory approach aimed at middle school students*. Lisboa.
- Portaria n.º 63/2001. Consultado em: <https://dre.pt/application/conteudo/315151>
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. P. (1997). *Corpo a corpo: possibilidades e limites da crítica*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa*. 1º edição, Lisboa. Ed: Padrões Culturais
- Salvador. (2015). *A Dança na educação: uma abordagem interdisciplinar da Dança Criativa e o Estudo do Meio em escolas portuguesas*. Portugal.
- Secretária Regional da educação. Marques. (2012). *Revista Portuguesa de Educação Artística*.
- Secretária Regional da educação. Marques, e Xavier. (2013). *Revista Portuguesa de Educação Artística*
- Siegel, D & Bryson, T. (2018). *O cérebro da Criança*. Ed: Casa das letras – janeiro 2018.
- Silveira, A. (s/d). *Faz melão, faz melancia: um relato sobre dança, educação infantil e educação física*.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 1ºVolume. Stória Editores, Lda.
- Sousa, A. (2017). *Educação pela arte e artes na educação: Drama e Dança*. 2ºVolume. Stória Editores, Lda.
- Trilla, J. (2004). *Animação sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. Editorial Ariel.
- Valéry, P. (1921.1922). *Centre National de La Recherche Scientifique*. Vol 8. (Fança)
- Veríssimo, N. (2013). *História da Educação: Textos de apoio*. Universidade da Madeira. Funchal.
- Vieira, F & Pereira, M. (2012). *Se houvera quem me ensinara... A educação de pessoas com Deficiência Mental*. 5ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian.

- Vilelas J. (2017). *Investigação o Processo de Construção do Conhecimento* (2ª Ed.). Lisboa. Edições Sílabos
- Vygotsky, L. (1934). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Lisboa: Dinalivro

ANEXOS



VII Edição – Ano Letivo 2018/2019

REGULAMENTO

Introdução

O projeto **Flow Escolas** é uma iniciativa de cariz educativa, surgida no ano letivo 2012/2013, que visa fomentar os hábitos de leitura e a criatividade das crianças em idade escolar e oferecer ferramentas sobre como "educar para a felicidade" a educadores, professores, auxiliares, encarregados de educação e outros.

Este projeto integra-se na missão social da marca madeirense Flow e destina-se aos estabelecimentos de ensino público e privado da RAM (creches, jardins de infância, pré-escolar e 1º ciclo).

O que é a Flow?

A FLOW nasceu em 2010, com o objetivo de garantir a diversão das crianças e pais, disponibilizando várias linhas de brinquedos, jogos infantis, artigos de festa, gifts e outros, para além de prestar serviços relacionados com festas e atividades infantis. Atualmente, a marca tem cinco lojas, quatro no Funchal (Forum Madeira, La Vie Funchal, Madeira Shopping e Avenida da Madalena) e a quinta, no Caniço Shopping. Alçada a esta vertente comercial, a Flow tem assumido diversos compromissos, no âmbito da sua missão educativa e social, entre os quais se destacam o projeto **Flow Escolas**.

Qual a missão do projeto Flow Escolas?

O projeto **Flow Escolas** pretende, essencialmente, promover:

- A leitura e a escrita;
- O teatro e a dramatização;
- A arte e a criatividade;
- A dança e a inclusão;
- A felicidade e o bem-estar.

Que estabelecimentos de ensino podem participar?

Podem participar no projeto **Flow Escolas** todos os estabelecimentos de ensino público e privado (creches, jardins de infância, pré-escolar e 1º ciclo).

Como participar no projeto Flow Escolas?

O estabelecimento de ensino interessado em receber o projeto deverá preencher a ficha de inscrição em anexo e enviá-la para o e-mail flowescolas@flow.com.pt. É de salientar que a participação no projeto não acarreta qualquer custo para a escola, com exceção do Especial Teatro FLOWástico (preços sob consulta).

ANEXO 2 – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Declaração de Consentimento

Eu _____
_____, portador do documento de identificação n.º _____,
válido até _____, representante legal do/a
menor _____
_____, portador do documento de identificação
n.º _____, com idade de _____, participante no projeto “A Dança
como Instrumento de Inclusão”, inserido no Mestrado em Intervenção e Animação
Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de
Leiria, declaro o meu consentimento de forma clarificada, relativamente à recolha de
dados verificados na investigação do/a participante que represento, através da gravação
áudio, vídeo e de fotografia, apenas para uso na recolha e no tratamento de dados e não
para divulgação.

Data: ____/____/____

Assinatura do/a representante legal:

ANEXO 3 – PLANEAMENTO DAS SESSÕES

Sessão nº1	As emoções
O quê?	Através da Dança Criativa explorar as emoções.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	31 de janeiro, das 11h30 às 13h20.
Porquê? (Com intenção de ficar a conhecer melhor a visão de cada interveniente através das emoções expostas por eles, a fim de adaptar cada sessão ao público alvo.
Como?	Desafiando cada aluno a representar com o seu corpo como este fica quando passa pelas emoções, nomeadamente, a raiva, a tristeza, o medo, a alegria.
Quanto Custa?	Não ouve custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	As emoções	Nº da Sessão	1	Duração da sessão
Data	31 de janeiro de 2019			45 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Apresentação: Cada um diz o seu nome e o que mais gosta de fazer, após a apresentação de cada um os colegas têm de mencionar qualidades de quem acabou de se apresentar.			10 minutos
1. Atividade preparatória	Na primeira fase pedir para fechar os olhos e respirar pelo abdómen, de seguida fazer o aquecimento.			5 minutos
2. Treino	Os alunos deslocam-se pela sala, a investigadora pergunta: <i>Como fica o teu corpo quando está triste?</i> Os alunos terão de movimentar o corpo segundo a emoção da tristeza. Em cada emoção exposta, os alunos reúnem-se em círculo com a investigadora e partilham como sentiram o seu corpo e quais são os momentos que sentem as emoções mencionada. (raiva, tristeza, alegria, medo, paixão)			15 minutos
3. Clímax				0
4. Conclusão	Discutir a importância de o nosso corpo reconhecer as emoções em vários momentos da vida. Exercício de relaxamento.			10 minutos
Focus grupo	Responder as seguintes perguntas do questionário aberto: Como te sentes? Como pensas que és? Algo muito importante que gostavas que acontecesse?			5 minutos

Sessão nº2	O toque
O quê?	Através da Dança Criativa explorar o toque no outro corpo.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	7 de fevereiro, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	Com intuito de reconhecer o seu corpo através do corpo do outro, de forma a perceber que, apesar de todos terem um corpo igual, nem todos os corpos são capazes do mesmo.
Como?	Através do clímax, o exercício a dois, as crianças terão de chegar a um consenso dos toques do corpo que será melhor para ambos os lados.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	O toque	Nº da Sessão	2	Duração da sessão
Data	7 de fevereiro de 2019			45 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que me queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Na primeira fase pedir para fechar os olhos e respirar pelo abdómen deitados no chão, de seguida fazer o aquecimento.			5 minutos
2. Treino	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos deslocam-se pela sala, a investigadora lança o desafio de: Nariz com nariz; • Mão esquerda com mão esquerda; Orelha com orelha; • Ombro direito com ombro direito; Joelho esquerdo com joelho esquerdo; Sola do pé com sola do pé. (etc)			10 minutos
3. Clímax	Em duplas, os alunos têm de criar uma coreografia improvisada, utilizando os movimentos do exercício anterior. Apresentar para a turma.			15 minutos
4. Conclusão	Cada um faz um movimento simples e a turma copia. Exercício de relaxamento.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil?			5 minutos

Sessão nº3	O toque - União
O quê?	Através da Dança Criativa explorar o toque no seu e no outro corpo.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	14 de fevereiro, das 11h30 às 13h20.

Porquê?	Com intuito de reconhecer o seu corpo através do corpo do outro, com o intuito de perceberem que cada um é importante e tem a sua função.
Como?	Através do Treino e do clímax, os grupos constituintes por 4 elementos, irão explorar o “eu” o “outro” e “nós”.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	O toque - União	Nº da Sessão	3	Duração da sessão
Data	14 de fevereiro de 2019			45 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Na primeira fase pedir para fechar os olhos e respirar pelo abdómen deitados no chão, de seguida fazer o aquecimento.			5 minutos
2. Treino	Os alunos deslocam-se pela sala em silêncio, quando ouvirem o som da flauta terão de abraçar um dos colegas, mas quando ouvirem o som de um metalofone terão de tocar no seu próprio corpo e por fim, o quando ouvirem o som de um tambor a turma toda terá de unir o corpo num só.			10 minutos
3. Clímax	Em grupos de quatro elementos, os alunos têm de criar uma coreografia improvisada, explorando os três elementos do exercício anterior. Na primeira fase, toque no próprio corpo, de seguida o toque no corpo do outro e por fim o corpo como se fosse um só, todos unidos. Apresentar para a turma.			15 minutos
4. Conclusão	Exercício de relaxamento, somos uma árvore: Somos a raiz, o tronco, os galhos, as folhas, os frutos. Associar ao exercício do treino e do clímax, no sentido da união.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			5 minutos

Sessão nº4	O Balão
O quê?	Através da Dança Criativa explorar o toque no seu e no outro corpo.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	21 de fevereiro, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	O balão, apesar de ser um instrumento ainda visível, irá exigir uma habilidade corporal criativa à criança de forma a utilizar o corpo estrategicamente.
Como?	A criança imaginará que o balão não pode desprender do seu corpo, assim envolverá a criatividade corporal de modo a arranjar estratégias para que ele não caia no chão, numa primeira fase será individual e posteriormente em dupla.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	O Balão	Nº da Sessão	4	Duração da sessão
Data	21 de fevereiro de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Na primeira fase pedir para fechar os olhos e respirar pelo abdómen deitados no chão, de seguida fazer o aquecimento.			5 minutos
2. Treino	Os alunos deslocam-se pela sala com os balões já enfiados, a investigadora lança o desafio às crianças de dançarem com o balão a deslizar pelo corpo sem que ele caia no chão.			10 minutos
3. Clímax	Em dupla, e apenas com um balão por cada 2 alunos, terão de garantir que enquanto, por exemplo, batem com o pé esquerdo no chão ou a orelha na mesa, o balão que está entre os dois corpos não cai ao chão.			15 minutos
4. Conclusão	Girar pelo chão com os olhos fechados utilizando o corpo como instrumento para superar os obstáculos encontrados.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			5 minutos

Sessão nº5	Temporalidade
O quê?	Através da Dança Criativa explorar o toque no seu e no outro corpo.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	28 de fevereiro, das 11h30 às 13h20.

Porquê?	Explorar a temporalidade de forma a usar exemplos do dia a dia.
Como?	A criança explorará o lento com o corpo através dos exemplos de uma nuvem ou nascer do sol, explorará a rapidez com o corpo através dos exemplos de um avião.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Temporalidade	Nº da Sessão	5	Duração da sessão
Data	28 de fevereiro de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Preparação do Movimento	Ao deslocar-se pela sala, a investigadora desafia-os a movimentar-se de forma lenta (Como, por exemplo, uma nuvem, uma pena no ar, nascer do sol); A movimentar-se de forma rápida (por exemplo, aviões andorinha, setas); movimentos acelerados (exemplo, aviões e foguetões a levantar voo) movimento desacelerado (exemplo, travagem de um carro, um avião a aterrar).			10 minutos
3. Ponto Alto	A investigadora colocará músicas lentas, rápidas, acelerando etc. A pares os alunos terão de seguir o ritmo musical com o corpo.			15 minutos
4. Conclusão	Andar pela sala, com o gesto de auto abraço, ao som de uma música lenta que vai sendo baixada de intensidade.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

Sessão nº6	Espacialidade
O quê?	Através da Dança Criativa explorar a espacialidade.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	7 de março, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	Explorar as direções e planos para a criação de pequenos movimentos dançados e assim explorar a espacialidade.
Como?	A criança descobrirá a espacialidade através das direções e dos planos: frente, retaguarda, lados, diagonalmente, para cima, para baixo. Explorará desta forma os planos: planos elevados, plano médio e plano baixo.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Espacialidade	Nº da Sessão	6	Duração da sessão
Data	7 de março de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração do movimento	Ao deslocar-se pela sala, a investigadora desafia-os a movimentar-se segundo as direções indicadas: retaguarda, lados, diagonalmente, para cima, para baixo. De costas, dois a dois, terão de explorar o plano elevado, plano médio e plano baixo.			10 minutos
3. Ponto Alto	A pares terão de criar de uma pequena frase de movimento dançado que se repete, utilizando as direções e planos. Apresentar aos colegas.			15 minutos
4. Conclusão	Como um gelado a derreter ao sol.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

Sessão n.º 8	O que estás a sentir? (continuidade)	
O quê?	Através da Dança Criativa explorar os sentimentos de cada criança.	
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.	
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.	

Quando?	28 de março, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	A Dança Criativa poderá ser uma aliada na gestão emocional das crianças.
Como?	Através dos movimentos explorados em sessões anteriores, as crianças terão de representar as emoções com o corpo.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	O que estás a sentir? (Continuidade)	Nº da Sessão	8	Duração da sessão
Data	14 de março de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração do movimento	Os alunos irão preencher uma ficha em relação às emoções no corpo. Após um breve diálogo, irão explorar as emoções transcritas nas fichas e as partes do corpo que elas têm uma maior influencia.			15 minutos
3. Ponto Alto	Em grupos de quatro elementos, terão de criar uma pequena coreografia utilizando as emoções exploradas. Se possível, lançarei o desafio para ensaiarem durante a semana em alguns intervalos, para apresentarem no início da próxima aula e assim motivar o trabalho de grupo fora das aulas.			10 minutos
4. Conclusão	Explorar várias formas de contrair uma parte do corpo, descontraindo o mesmo tempo a oposta.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

Sessão n 9	Entrega-te!
O quê?	Através da Dança Criativa explorar a inter-relação dos colegas.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	4 de abril, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	A Dança Criativa poderá ser uma aliada na confiança uns com os outros entre as várias crianças.
Como?	Em pares, uma criança estará de olhos vendados enquanto que a outra “manipula” o corpo da colega.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Entrega-te!	Nº da Sessão	9	Duração da sessão
Data	4 de abril de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração do movimento	Inicialmente as crianças irão apresentar a breve coreografia ensaiada na última aula, como avisado à turma, o objetivo é perceber quem conseguiu trabalhar em equipa. Brevemente, relembrar as articulações do corpo como introdução à atividade do ponto alto.			15 minutos

3. Ponto Alto	Em pares, virados de frente um para o outro, uma das crianças terá os olhos vendados e a outra terá de movimentar o corpo da colega, após breves minutos as crianças trocam de função. O objetivo no exercício é relaxar o corpo de quem tem os olhos vendados e promover a confiança no colega.	10 minutos
4. Conclusão	Sentir o pé do colega: Ao ambiente de uma música calma, as crianças divididas em pares estarão deitadas de costas, e com as plantas dos pés a tocarem-se. Serão lançadas sugestões de sentirem a planta do pé do colega, o calcanhar e os dedos. Fazer o movimento da bicicleta sem perder o contacto. Uma das crianças executa movimentos lentos com os pés e outra deve segui-los.	5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?	10 minutos

Sessão n º10	Caixa dos desafios
O quê?	Através de desafios recordar exercícios das sessões anteriores.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	24 de abril, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	Os alunos, em contexto aula, ficavam entusiasmados quando me direcionava aos exercícios como sendo desafios para eles cumprirem, por essa razão a sessão nº10 será a caixa dos desafios.
Como?	Numa caixa de sapatos, decorada por mim, estarão escritos em vários pedaços de papeis desafios alusivos a exercícios das sessões anteriores e os alunos terão de cumprir esses desafios.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Caixa dos desafios	Nº da Sessão	10	Duração da sessão
Data	24 de abril de 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração de Movimento e Ponto Alto	<p>Para a realização desta sessão a Exploração de Movimento e o Ponto Alto serão unidos, pois este exercício exige tempo.</p> <p>A caixa dos desafios: Na caixa estarão vários desafios de exercícios feitos em sessões anteriores.</p> <p>Os alunos estarão em círculo, colocarei uma música e a caixa vai andar de mão em mão, quando a música parar o aluno que tiver a caixa na mão terá de tirar o desafio e cumpri-lo. Após completar o desafio poderá tirar da caixa um chocolate.</p>			30 minutos
4. Conclusão	<p>Sentir o pé do colega: Ao ambiente de uma música calma, as crianças divididas em pares estarão deitadas de costas, e com as plantas dos pés a tocarem-se. Serão lançadas sugestões de sentirem a planta do pé do colega, o calcanhar e os dedos. Fazer o movimento da bicicleta sem perder o contacto. Uma das crianças executa movimentos lentos com os pés e outra deve segui-los.</p>			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

Sessão n º11	Desenhar corpos	
O quê?	Através do contorno do corpo que em pares irão realizar, cada criança terá de desenhar-se e identificar as emoções no seu corpo.	
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.	
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.	

Quando?	9 de maio, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	As crianças após conseguirem identificar as emoções no seu corpo, será uma mais valia para a realização de uma coreografia improvisada por elas.
Como?	Com papel de cenário, em pares fazer o contorno um do outro. Depois, cada aluno “completa” o seu corpo, ou seja, desenha os olhos, as orelhas, nariz (etc), após desenharem no seu corpo, terão de identificar quais as partes do corpo que sentem determinadas emoções.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Desenhar Corpos	Nº da Sessão	11	Duração da sessão
Data	9 de maio 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	<p>Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?</p> <p>Chuva de ideias: as crianças irão partilhar emoções ou estados de espírito que serão colocadas no quadro.</p>			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração de Movimento e Ponto Alto	<p>Para a realização desta sessão a Exploração de Movimento e o Ponto Alto serão unidos, pois este exercício exige tempo.</p> <p>Numa primeira fase, em pares as crianças irão fazer o contorno do corpo do colega em papel de cenário, depois, cada criança irá desenhar alguns pormenores no seu corpo.</p> <p>Numa segunda fase deste exercício, haverá um momento de leitura da História do Monstro das cores, que aborda as emoções. Após serem discutidas as emoções, cada criança irá tentar identificar o lugar do corpo que sente determinadas agitações.</p> <p>Nota: Possivelmente a segunda fase passará para a sessão nº12, de modo a conseguirmos mais tempo para cada etapa deste exercício.</p>			30 minutos

4. Conclusão	Exercício da suavidade: Mais uma vez, os alunos irão testar a suavidade, mas apenas passando os próprios dedos da mão pelo corpo.	5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?	10 minutos

Sessão n º12	Desenhar corpos (continuidade)
O quê?	Através do contorno do corpo que em pares irão realizar, cada criança terá de desenhar-se e identificar as emoções no seu corpo.
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	16 de maio, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	As crianças após conseguirem identificar as emoções no seu corpo, será uma mais valia para a realização de uma coreografia improvisada por elas.
Como?	Com papel de cenário, em pares fazer o contorno um do outro. Depois, cada aluno “completa” o seu corpo, ou seja, desenha os olhos, as orelhas, nariz (etc.), após desenharem no seu corpo, terão de identificar quais as partes do corpo que sentem determinadas emoções.
Quanto Custa?	Houve um custo total de 12 euros.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Desenhar Corpos (continuidade)	Nº da Sessão	12	Duração da sessão
Data	16 de maio 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	<p>Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?</p> <p>Chuva de ideias: as crianças irão partilhar emoções ou estados de espírito que serão colocadas no quadro.</p>			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração de Movimento e Ponto Alto	<p>Numa segunda fase deste exercício e, de forma a completar a sessão anterior, haverá um momento de leitura da História o Monstro das cores, que aborda as emoções. Após serem discutidas as emoções, cada criança irá tentar identificar o lugar do corpo que sente determinadas agitações.</p>			30 minutos
4. Conclusão	<p>Exercício da suavidade: Deitados no contorno do corpo deles irão tentar concentrar-se em qual parte é que a calma fica mais saliente no corpo deles.</p>			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

Sessão n º13	Coreografia	
O quê?	Em grupos de 4 elementos, terão de criar uma coreografia com base nas sessões anteriores.	
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.	

Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.
Quando?	23 de maio, das 11h30 às 13h20.
Porquê?	Uma coreografia criada pelas crianças estará envolvido o trabalho individual e em grupo. Individual, porque cada um irá comunicar-se por si, mas também em grupo porque terão de se organizar e partilhar entre eles ideias para a realização do projeto final – coreografia.
Como?	Iremos rever tudo o que foi recriado, criado e falado nas sessões anteriores. Assim, as crianças reviverão essa base para dar início à sua coreografia em grupo, salientando sempre que o importante são elas comunicarem. No sentido de que o movimento é que controla o corpo e não o corpo o movimento.
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Coreografia	Nº da Sessão	13	Duração da sessão
Data	23 de maio 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração de Movimento e Ponto Alto	Iremos rever a aula anterior, quais os membros em que o nosso corpo sente determinadas emoções. Irei formá-los em grupos de 4 elementos, Terão de criar uma coreografia, onde cada um irá expressar-se individualmente, como já o fizemos nas aulas, mas em grupo, o que também já foi feito em aulas anteriores. Exemplificarei de que a coreografia pode ser uma história, mas cada um é uma personagem.			30 minutos

4. Conclusão	Livre: Faz o que achas que deixa o teu corpo calmo!	5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?	10 minutos

Sessão n º14	Coreografia (continuidade)	
O quê?	Em grupos de 4 elementos, terão de ensaiar a coreografia idealizada na sessão anterior.	
Quem?	Investigadora, do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, do Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.	
Onde?	Na turma de 1º ano da EB1/PE de Câmara de Lobos.	
Quando?	30 de maio, das 11h30 às 13h20.	
Porquê?	A coreografia que as crianças estão a criar através do trabalho individual e em grupo. Será uma oportunidade de comunicarem individualmente, porque cada um irá comunicar-se por si, mas também em grupo porque terão de se organizar e partilhar entre eles ideias para a realização do projeto final – coreografia que será apresentada na última sessão, dia 6 de junho.	
Como?	As crianças darão continuidade à sessão anterior, terminar e ensaiar a coreografia de cada grupo.	
Quanto Custa?	Não haverá custos nesta sessão.	

Planeamento das aulas de Dança Criativa

Sessão	Coreografia (Continuidade)	Nº da Sessão	14	Duração da sessão
Data	30 de maio 2019			50 minutos cada turno
Diálogo Inicial	Como se estão a sentir? Como correu a semana? Algo muito importante que queiram contar?			5 minutos
1. Atividade preparatória	Mobilização articular.			5 minutos
2. Exploração de Movimento e Ponto Alto	As crianças irão dar continuidade à coreografia criada pelos grupos de 4 elementos – a sessão será dedicada à criatividade no trabalho de grupo e individual. Terão esta sessão para terminar a coreografia e ensaiar para apresentar no próximo dia 6 de junho.			30 minutos
4. Conclusão	Sons da natureza: Com música ambiente de sons da natureza (Pássaros, mar, cascatas, vento ...), as crianças estão dispersas pela sala, com a postura mais confortável, e irão imaginar um lugar que as deixe seguras e calmas.			5 minutos
Diálogo Final	O que foi menos fácil? O que foi mais fácil? Como se estão a sentir?			10 minutos

ANEXO 4 - OBSERVAÇÃO DAS SESSÕES

Sessão n°1

Sessão n°1: As emoções

Data: 31 de janeiro

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 13 alunos **2º turno:** 12 alunos

Para o primeiro dia de intervenção é necessário ficar a conhecer o público alvo, deste modo as crianças, de cada turno, ficaram em círculo. No início da aula, entrou uma professora do 2º ano a pedir que uma aluna dela fizesse parte do meu projeto, pois considerou que seria um bom projeto para a criança tendo em conta o seu contexto social e emocional, eu aceitei-a. Cada criança apresentou-se dizendo o seu nome e o que mais gostava de fazer, no fim de uma criança apresentar-se os restantes colegas tinham de dizer uma qualidade de quem se apresentou. Após a apresentação fizemos exercícios de aquecimento e de seguido a atividade proposta -corpo e emoção, a primeira emoção para representar com o corpo raiva, depois a felicidade, a tristeza, o medo, a paixão e por fim, apesar de não ser uma emoção, lancei o desafio das crianças representarem o corpo de um adulto.

Como fica teu corpo quando está zangado?

Maior parte das crianças, dos dois turnos, cruzaram os braços e bateram com os pés no chão em sentido de marcha. Após a demonstração perguntei como ficara o corpo delas quando estão zangadas e responderam que fica muito pesado, perguntei o que os deixam zangados. Responderam quando os pais ou a professora brigam / Quando brigam com os colegas e amigos / Quando não conseguem fazer bem os exercícios das aulas/ Quando lhes mandam fazer coisas que não querem/ Quando estão a brincar e têm de limpar a casa.

Como fica o teu corpo quando estás feliz?

As crianças começaram a correr e a gritar pela sala com os braços no ar e abraçar-se uns aos outros. Perguntei como sentiram o corpo no quando estão felizes, as crianças responderam que fica muito mais leve, que “até apetece levantarmos os braços”. Perguntei as razões que lhes deixam felizes, responderam que ficavam felizes quando a

professora dá autocolantes pelo esforço deles/Quando brincam com os amigos/ Quando aprendem letras novas/ Quando os pais fazem batata frita para comer/ Quando brincam com alunos do 4º ano/ Quando o pai volta a casa.

Como fica o teu corpo quando estás triste?

As crianças cruzaram os braços ao andar pela sala, a expressão facial mudou completamente, para um exagero da expressão, andaram pela sala a imitar o som do choro e não falavam com ninguém. Perguntei como ficou o corpo deles quando estão tristes, responderam que ficou leve, mas não apetecia levantar os braços como na felicidade/ o meu corpo ficou pesado/ parecia que estava preso/ a cara também ficou bastante pesada/ O meu corpo queria ir para o chão. Quando te sentes infeliz? Quando a professora fica triste/ Quando fico doente/ Quando os pais brigam comigo/ Quando ninguém quer brincar comigo/ Quando me chamam nomes/ Quando alguém que gostamos morre.

Como fica o teu corpo quando estás com medo?

Maioria das crianças andaram pela sala com o gesto de abraçarem a elas mesmas, com a expressão de medo, outras crianças ficaram paradas e outras esconderam-se debaixo das mesas. Perguntei como ficou o corpo, responderam também pesado/Não conseguia andar muito/Estava preso/. Perguntei quando sentem medo, responderam quando aparecem aranhas/ Quando alguém morre/ Quando os pais brigam/ Quando fica escuro.

Como fica o teu corpo quando estás apaixonado?

Como fica o teu corpo quando estás apaixonada? As crianças, após um momento de desdém, colocaram as mãos na cara e começaram a olhar para o alto e a mandar beijos aos colegas. Perguntei como ficou o corpo deles com a paixão, responderam que: o meu corpo fica feliz/ Fico envergonhado/ Também fica leve/ Parece que estamos a voar. Perguntei quando se sentiam apaixonados, relembrando os vários tipos de amor, responderam que sentiam amor pela professora, pela família, pelo animal de estimação e pelos amigos.

Como é o corpo de um adulto?

Todas as crianças, dos dois turnos, cruzaram os braços, umas aparentaram a expressão zangada batendo com os pés no chão, outras sorriram, porém de braços cruzados, algumas crianças estavam com mãos em punho na direção ao chão. Fiquei curiosa com

a imagem que as crianças têm dos adultos. “Por que acham que o corpo do adulto é assim?” Responderam: Eles não têm muito tempo/ Eles também gostam de sorrir/ Às vezes não sorriem muito/ Às vezes estão chateados por causa das contas/ Às vezes eles brincam com crianças.

Antes da aula terminar fiz algumas questões aos alunos de cada turno, de forma a ficar a conhecê-los melhor:

Como te sentes?

Maioria dos alunos, dos dois turnos, responderam que se sentiam bem, mas uma criança do 1º turno respondeu que não estava feliz, por coisas que tinham acontecido em casa, e outra que não sabia o que estava a sentir. Respondi que o que poderia estar a acontecer em casa iria melhorar e perguntei se ela queria partilhar o que se estava a passar, respondeu que não, mas que “sim que ia melhorar”. A outra aluna eu respondi que não fazia mal não saber como se está a sentir. Outros alunos disseram que se sentiam leves, uns felizes e outros alegres. Os do segundo turno responderam todos que estavam bem e felizes.

Como pensas que és?

1º turno: Não souberam como responder, porém disse que era o que eles sentiam quem/como eram no seu coração, quando ninguém estava a ver. Então, as crianças começaram a dizer que eram felizes e alegres, outra criança disse que era mais ou menos, outra disse que era como a mulher maravilha, deixando outras colegas mais confortáveis para dizer que pensam que são como os ídolos, nomeadamente a luddy bug, a Elsa da Frozen e como o Homem Aranha.

2ºturno: Todos começaram a dizer que eram crianças. Expliquei que não precisam de sentir vergonha e que queria saber apenas o que elas realmente pensam quem/como são e não aquilo que a família ou professores dizem que eles são. Começaram a ser honestos comigo e responderam: que são como o homem aranha, uma aluna disse que era linda, outra a Lluddy bug, outra disse que era boa cozinheira e restantes alunos disseram que eram o Neymr, Cristiano Ronaldo E Messi, pois consideram que conseguem ser tão bons quanto os seus ídolos.

Algo muito importante que gostavas que acontecesse?

1º turno: As crianças não sentiram dificuldade em responder a esta questão, disseram que queriam uma família unida, outros que queriam ter poderes mágicos, outros queriam um concurso de dança, outros que queriam conhecer o seu ídolo, outras crianças disseram que queriam ficar para sempre com a Prof Sónia, gostava de ser sempre feliz, gostava que a Marta voltasse sempre.

2º turno: Tal como as crianças do primeiro turno, não sentiram dificuldade em responder a esta questão. Responderam que queriam que ficasse tudo escuro, salvar o mundo, queriam aprender a rezar, dois disseram que queriam ser médico para salvar a professora Susana, outro apanhar todos os monstros do mundo, uma aluna queria ser piloto para ir ter com o seu pai, uns queriam ensinar pessoas, ser um super herói, ter um bebé para cuidar e ser bom.

Já tiveram algum contacto com a Expressão Artística?

1º Turno: No total de 13 alunos (contando com a aluna do 2º ano). 9 crianças já tiveram contacto com o teatro e com a dança, todas no pré-escolar.

2º turno: No total de 12 crianças 9 crianças tiveram teatro e 10 crianças tiveram dança, todas no pré-escolar.

Sessão nº2

Sessão nº 2: O toque

Data: 7 de fevereiro

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 13 alunos **2º turno:** 11 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: Inicialmente, após tirarem os sapatos, perguntei como estavam? Todos responderam bem, perguntei se havia algo que me queriam contar? Ficaram pensativos, mas disseram que não. A Professora só perguntou se não aprenderam não tinham aprendido nada de novo nessa semana. Todos entusiasmados, e atropelando uns aos outros para falar, queriam contar-me que aprenderam a letra R e que às vezes quando

fica zangado faz tanta força que se torna noutro R, dera-me o exemplo de carro, cigarro, errado.

2º turno: Fiz o mesmo com os do primeiro turno, após tirarem os sapatos, perguntei como estavam? Todos responderam bem, perguntei se havia algo que me queriam contar, pois já sabia que tinham aprendido uma letra nova, disseram que o R, mas quando fica com medo aparecia outro R ao lado.

2. Atividade preparatória

Pedi para respirarem fundo, colocando a mão na barriga, ao inspirar a barriga sobe e ao expirar a barriga desce. Porém, foi mais fácil o exercício com o 2º turno, pois o primeiro estava mais agitado, talvez porque tiveram de arrumar as mesas da sala de aula deles enquanto que os de 2º turno foram para a sala de música. Esticamos os braços, as pernas, mexemos com o pescoço e fingimos ser sapos.

3. Exploração do Movimento

Para este ponto da aula os dois turnos estiveram muito bem, foi um exercício dinâmico que proporcionou muito divertimento, focando na atenção e no conhecimento do corpo, pois seria necessário tocarem com o mesmo membro no membro dos outros. No segundo turno, não havia número pares, por essa razão tive de fazer com uma aluna.

4. Ponto alto

Desafiei-os a criar uma coreografia improvisada com o colega. Tiveram de utilizar a atividade anterior e criar uma coreografia improvisada com menos de 10 minutos, foi necessário cada par ser criativo. Depois de uns minutos a explorar tiveram de apresentar à turma, o que harmonizou um momento de riso, de elogios e aplausos. Pois, apesar das dificuldades todos arranjaram estratégias para a apresentação.

5. Conclusão

Infelizmente não foi possível fazer uma conclusão nem um diálogo final com o 1º turno, pois a aula foi dada na sala de aula e tiveram de arrumar para a minha aula e antes de finalizar. Contudo, no 2º turno, como ficaram na sala de música e não foi necessário arrumar a sala foi possível chegar ao diálogo e conclusão.

Porém, para a conclusão do 1º turno, cada colega fez um gesto e os restantes copiavam.

6. Diálogo Final

Perguntei: Todos aqui conseguem correr muito rápido?

10 levantaram a mão.

Perguntei: Todos aqui sabem jogar a bola?

6 levantaram a mão

Perguntei: Todos aqui sabem fazer a espargata?

4 levantaram a mão.

Em modo de conclusão da aula:

Investigadora: Percebem? Todos temos um corpo, mas nem todos fazemos o mesmo com ele.

Aluno 1: É porque não somos bons a tudo.

Aluno 2: Nem temos de ser, senão nunca havia campeões.

Aluna: Há coisas que não consigo fazer porque estou doente, mas consigo fazer muitas coisas que os meus colegas não conseguem.

Aluno 3: Há coisas bué fáceis de se fazer.

Investigadora: Sim há, tens toda a razão! Mas há coisas que são mais fáceis para o teu corpo do que para o meu, ou mais fáceis para o meu do que para o teu

Aluno 2: O nosso corpo consegue fazer muitas coisas.

Investigadora: Imensas, é por isso que cá estou, para descobrirmos as muitas coisas que o nosso corpo consegue.

Fotografias da aula



Sessão nº3

Sessão nº 3: O Toque – União

Data: 14 de fevereiro

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 13 alunos **2º turno:** 11 alunos

1. Diálogo inicial

1º turno: Após chegarmos à sala de música e depois de cada aluno retirar as sapatilhas e deixa-las arrumadas, perguntei como estavam, todos responderam que estavam bem, perguntei como tinha corrido a semana, todos responderam que tinha corrido bem, mas uma aluna respondeu que “a minha não foi muito boa”, perguntei o porquê, “a minha mãe obrigou-me a arrumar a casa”, eu expliquei que nós também temos que tentar ajudar os nossos pais, que podemos ajuda-los em casa, “sim, é, eu ajudo-a sempre, mas fico cansada”. Todos os alunos começaram a dizer que também ajudavam, abanei a cabeça num sinal de orgulhosa, voltei a explicar que é bom ajudarmos a nossa família naquilo que conseguimos. Perguntei se tinham aprendido algo novo, todos entusiasmados responderam que tinham aprendido a letra B.

Perguntei se sabiam que dia era, responderam a gritar que era o dia dos namorados, uma aluna disse que era o dia dos amigos e outra o dia do amor. Eu disse que estavam todos certos, que era um dia especial, tal como todos os dias, temos de dizer as pessoas que gostamos delas. “Eu digo que gosto da minha mãe” disse um aluno todo satisfeito, e eu respondi que por ser um dia tão especial íamos nos focar no amor da turma.

2º turno: Fui buscar os alunos à sala, estavam muito entusiasmados, chegamos a sala de música, as crianças retiraram os sapatos. Perguntei como estavam, “estou muito feliz”, outra aluna “eu também, a Professora Su deu-me um doce porque esforcei-me a ler”, afirmei que quando nos esforçamos acontecem coisas boas e doces, uma aluna respondeu “sim, eu também respondi porque li muito bem”, sorri e elogiei os alunos pelo esforço, questionei se não tinham aprendido uma letra nova, todos entusiasmados (como os do 1º turno) começaram a gritar que tinha sido a letra B, de Bonita, de Bola, de Boa, de Bela. Após os acalmar perguntei se sabiam o que estava a ser celebrado naquele dia: “O dia do amor”, disse-me um aluno. Perguntei se sabiam onde é que havia amor e responderam-me: “Nos amigos, na professora Su e nos pais.” A Professora Su,

que estava a assistir a aula, perguntou algo aos alunos que acho pertinente salientar:

Professora Su: É verdade, eu brigo convosco porquê?

Vários alunos ao mesmo tempo: Porque nós portamo-nos mal.

Professora Su: Não, é porque eu gosto de vocês e acredito que conseguem ser sempre melhores.

Marta: É verdade, é como a vossa família, as vezes brigam e dizem-vos “não” porque gostam de vocês e querem o vosso melhor.

Aluno(s): Sim, nós sabemos. A Professora acha que conseguimos ser bons e a Marta também.

Marta: Vocês já são muito bons!

Nota: Consegui ir para a sala de música com o 1º turno, assim não perdemos muito tempo a afastar as mesas. Porém, a aluna que está numa cadeira de rodas, para ela não ficar sempre na cadeira eu retiro-a e coloco-a sentada no chão encostada aos bancos da sala, pois não tem muito equilíbrio. Com os alunos do segundo turno não tive qualquer tipo de contratempo.

2. Atividade preparatória

No início da atividade preparatória do 1º turno, após retirar a Inês da Cadeira de rodas e colocá-la encostada às bancas da sala, a Lun e a Luan começaram a discutir porque ambas queriam ficar com a Inês, devido ao pouco equilíbrio da Inês considero que é importante ter uma colega ao lado, acabou por ficar a Luan com ela, pois a Ins pediu. Para este momento da aula, coloquei ambos os turnos a se concentrar na respiração e logo de seguida fiz exercícios para aquecer o corpo. Como dizer não e sim com a cabeça, esticar o braço esquerdo e direito, os dois, esticar a perna esquerda e a direita.

3. Exploração do Movimento

Os alunos deslocaram-se pela sala em silêncio, quando ouviam o som da braguinha tinham de abraçar um dos colegas, mas quando ouviam o som de um metalofone tinham de tocar no seu próprio corpo, por fim, quando ouviam o som de uma caixa chinesa a

turma toda unia o corpo num só. O exercício no início foi um pouco confuso para eles, assim, fiz duas a três vezes o mesmo som para eles fazerem o movimento e só depois coloquei os três sons numa atividade só.

Porém, no primeiro turno observei um conflito entre duas alunas. A Mria recusava-se a fazer par com a Cláu, começou a insultá-la. Voltei a sentar a turma em círculo e falei que ninguém é melhor ou pior do que ninguém e que devemos ser amigos, quando a Marta pedia para ficar em pares têm de ficar felizes com qualquer colega, a crianças intervirem, pois sabiam o que estava a acontecer:

Alunos: “A Mria não gosta da Cláudia” / “Ela chama-lhe nomes” / “A Mria não gosta da Cláu porque é de outra cor” / “É porque a Cláu tem dificuldades a fazer os trabalhos” /” A Mria só quer brincar com a Alex”.

Expliquei que o que estava a acontecer não era só entre a Cláu e à Mria, mas sim com a turma toda. Salientei que é normal dar-mo-nos melhor com uns colegas do que com os outros, mas isso não significava que tínhamos de tratar menos bem os colegas. Por fim, esclareci que ninguém daquela turma tem uma cor de pele igual, e começamos a comparar as cores uns dos outros com os nossos braços.

Dei continuidade ao exercício, mas permiti a Mria ficar com a amiga Alex, para não causar mau estar, porém para o trabalho de grupo na face do Ponto Alto coloquei-a no mesmo grupo da Cláudia.

4. Ponto Alto

Em grupos de quatro elementos, os alunos tiveram de criar uma coreografia improvisada, explorando os três elementos do exercício anterior. Na primeira fase, toque no próprio corpo, de seguida o toque no corpo do outro e por fim o corpo como se fosse um só, todos unidos. No final, apresentaram para a turma, os dois turnos estiveram muito bem, esforçaram-se e conseguiram o pretendido, que foi explorar o toque!

5. Conclusão

Para a conclusão da aula fizemos um Exercício de relaxamento - somos uma árvore. Expliquei às crianças que íamos comparar a árvore à turma e teríamos de representar cada parte da árvore com o nosso corpo. Ficamos sentados em círculo, recordando o que sustenta a árvore, nomeadamente, a raiz, o tronco, os galhos, as folhas e os frutos.

	Respostas 1º turno	Respostas 2º turno	Gesto representativo
Quem/o quê poderá ser a raiz, quem mantém a turma ligada?	<p>“A raiz podia ser a turma”</p> <p>“ou a escola”</p> <p>“também podia ser os professores”</p> <p>“Sim, a professora Só”</p>	<p>“A Professora Su”</p>	<p>Continuados sentados, abrimos as pernas e colocamos a cabeça e os braços para frente, fazendo movimentos lentos.</p>
O tronco, quem será o tronco?	<p>“Nós somos o tronco e a professora a Raiz”</p> <p>(Todos concordaram)</p>	<p>“Nós, nós somos o tronco”</p>	<p>Levantamos e esticamos o nosso tronco.</p>
Os ramos?	<p>“É a matéria nova que aprendemos”</p>	<p>“Nós também podíamos ser os ramos, podemos repetir?”</p> <p>“As letras que aprendemos”</p>	<p>De tronco esticado, estendemos os braços.</p>
As folhas o que poderão ser?	<p>“Está a ficar difícil Marta, pode ser os números que aprendemos?”</p> <p>“Os livros da escola”</p> <p>“Pode ser nós a lermos”</p>	<p>“As folhas crescem se nos dermos bem”</p> <p>“Pode ser os autocolantes que a Professora dá”</p>	<p>Com os braços esticados começamos a mover levemente os dedos das mãos.</p>
E por fim, as frutas?	<p>“A fruta é quando temos notas muito boas”</p>	<p>“Quando nos esforçamos”</p> <p>“Quando somos bons alunos”</p>	<p>A balançar o tronco, com os braços esticados e a mover os dedos levemente,</p>

	“Somos nós também, se nos portarmos bem”		fizemos gestos circulares no alto com os braços.
--	--	--	--

Considerarei todas as respostas de cada criança corretas, não corrigindo nada do que foi dito ou sugerido para fazermos com o corpo, pois considerarei importante a visão das crianças. Para os alunos do 1º turno, a nossa aula ficou por aqui, devido aos contratempos.

6. Diálogo Final

Apesar de ter conseguido fazer o diálogo final com os alunos do 2º turno, foi uma conversa breve.

Marta: Muito bem meninos, percebem que cada um de vocês é importante para esta turma?

Alunos: Sim!

Marta: Vocês dão-se todos bem? Não chamam nomes nem gozam com os vossos colegas?

Aluno: Não, eu não faço isso.

Aluno 2: Às vezes os do 4º ano gozam com os do 1º ano.

Aluno 3: Mas eu defendo-me!

Marta: Muito bem, não deixem que gozem convosco nem vocês devem gozar com ninguém. Não é porque alguém é mau para nós que também temos de ser para essa pessoa. E com os colegas do outro turno? Vocês são todos amigos?

Alunos: Sim, somos amigos.

Marta: Muito bem! O que acharam da aula de hoje? Foi fácil? Difícil?

Alunos: Foi “bué” fácil!

Aluna: Fizemos coisas divertidas!

Aluno 2: Mas estou muito cansado.

Fotografias da aula



Sessão nº4

Sessão nº 4: O Balão

Data: 21 de fevereiro

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 13 alunos **2º turno:** 12 alunos

Diálogo Inicial

1º turno: Os alunos do primeiro turno estavam animados, mas a aluna do 2º ano estava particularmente desanimada – esta aluna mostra-se muitas vezes deprimida. Perguntei se estava tudo bem com ela, ela respondeu-me que estava mal disposta devido ao bolo que tinha comido, disse que se ela não se estivesse a sentir muito bem não era obrigada a fazer a aula, mas ela insistiu em fazer e aceitei. Perguntei como estavam e como tinha corrido a semana, responderam-me que estavam bem e que a semana tinha sido boa, expeto a aluna do 2º ano, que respondeu que ficava aborrecida em casa e que ficava feliz por vir para casa. Questionei o que teria acontecido para ela se sentir assim, respondeu que não se tinha dado bem com a mãe, novamente por causa da questão de arrumar a casa. E mais uma vez, os alunos, com os tons de voz em cima uns dos outros, responderam que tínhamos de ajudar em casa. Expliquei que é verdade, que a nossa família trabalha e também estão cansados, mas têm de arrumar a casa, tal como cada um de nós. Apesar de desconhecer o contexto familiar de cada criança, achei pertinente salientar a importância da nossa ajuda nas arrumações em casa, é importante fazer os trabalhos de casa, ajudar a família nas arrumações e brincar, porém lembrei que enquanto crianças são essas as funções deles, que se houvesse algo que lhes estivesse a incomodar em casa que podiam falar com um professor, mas os alunos demonstraram estar tudo bem. Como todas as semanas, perguntei o que tinham aprendido de novo na escola, responderam a letra G e deram o exemplo da palavra Gaiola.

2º turno: Quando fui buscar o 2º turno à sala de aulas reparei que pairava uma energia diferente na sala deles e que a Professora Su se demonstrava aborrecida com os alunos. Quando os alunos chegaram a sala de música, e após nos organizarmos em círculo, perguntei o que se tinha passado. Responderam que a professora Susana estava triste, porque a turma tinha se portado mal. Chamei a atenção que a professora Su só que o bem de cada um deles, é normal ela ficar triste quando eles não se comportam bem, combinamos que quando a Professora entrasse eles pediam desculpa e davam um grande abraço. Os alunos concordaram logo! De resto, perguntei como estavam e como

tinha corrido a semana, estavam entusiasmados, a semana tinha corrido bem e cada um estava feliz, uma aluna realçou a sua felicidade ao partilhar que a sua sobrinha tinha feito anos no dia anterior. Disse que já sabia que tinham aprendido uma letra nova, mais uma vez, todos a falar por cima uns dos outros, gritaram que tinha aprendido a letra G, exemplificando a palavra Gato.

2. Atividade preparatória

Para dar início à atividade inicial, pedi para que cada aluno fechasse os olhos, avisei que se não conseguissem não fazia mal, podiam ficar de olhos abertos, optando todos por ficar de olhos aberto, expeto uma aluna do 2º turno. Pedi para se deitarem no chão e colocar as mãos no abdómen e se concentrassem na respiração, como já tínhamos feito em aulas anteriores. Após o exercício de relaxamento, começamos a aquecer o corpo, esticando o máximo que conseguíssemos cada parte do nosso corpo.

3. Exploração do Movimento

Após encher os balões e colocar os nomes de cada aluno no balão, expliquei o exercício pretendido. Exemplifiquei que poderiam colocar o balão na cabeça e a partir daí deixá-lo cair pelo corpo, porém, não podiam deixá-lo cair ao chão nem joga-lo ao ar, teria que estar colado ao corpo como se fosse uma formiga. O exercício, apesar de muitas crianças reivindicar a sua dificuldade, proporcionou muitos risos e desafiou as crianças a arranjam estratégias para manter o balão no corpo. No final do exercício, já nenhuma criança, dos dois turnos, pronunciaram a frase “não consigo”, pois após controlarem a situação conseguiram o equilíbrio.

4. Ponto Alto

A pares, e após conseguir convencer cada par de aluno a colocar um balão à parte, tiveram de garantir que enquanto batiam com o pé esquerdo no chão ou colocavam orelha com orelha, ou os dois braços no ar, ou a testa com a testa, o balão que estava entre os dois corpos não podia cair ao chão. Houve muitos balões que caíram ao chão, porém não desistiram do exercício, e estando com o colega tornou mais divertido.

5. Conclusão

Entreguei uma venda a cada aluno, expliquei que iam vendar os olhos com o objetivo de eles conseguirem sentir a vibração do chão e de, mesmo sem ver, passar pelo corpo do colega sem medo, mas não o podendo magoar. Assim, após cada aluno colocar a venda,

deitaram-se no chão e começaram a rebolar. Algumas crianças, jogaram pelo seguro e não saíram para muito longe do ponto de partida delas, outras crianças rebolaram passando pelo corpo dos outros colegas tentando ultrapassar o corpo, por fim, também houve crianças que levaram para a brincadeira e jogavam-se para cima dos colegas propositadamente.

8. Diálogo Final

1º turno: É importante o diálogo final com os alunos, não apenas para discutir a aula e os exercícios feitos com também para falarmos de certos assuntos observados em aula.

Marta: Então meninos, o que acharam da aula de hoje? Muito fácil? Ou acharam difícil?

Alunos: Gostamos, foi muito fácil!

Aluna: Teria gostado mais se a turma se portasse bem.

Marta: Meninos, é normal ficarem mais entusiasmados. Eu não vos falto ao respeito nem vocês devem faltar a mim. Mas, já disse que não permito que falem ao respeito aos vossos colegas e hoje isso voltou a acontecer. Porquê que ainda gozam com os vossos colegas?

Aluna: A Marta ficou triste connosco.

Marta: Fico triste, é verdade, sei que vocês não o fazem porque querem me ver triste. Mas, então expliquem-me, querem ver os vossos colegas tristes?

Aluno: Não Marta, desculpa!

Alunos: Desculpa Marta!

Marta: Quem é que aqui gosta de ser gozado que levante a mão! – ninguém levantou. – Pois, ninguém gosta, pois não? Porquê que não gozam, T?

Aluno 3: Porque ficamos tristes.

Marta: Então porque continuamos a gozar com os colegas?

Aluno 3: Desculpa Marta.

Marta: Não és só tu que tens de pedir desculpa, nem é só a mim.

Alunos: Desculpa Marta!

Marta: E a restante turma? Peçam desculpa uns aos outros!

Alunos: Desculpa!

Marta: Também quero vos pedir desculpa se estou a faltar em alguma coisa com vocês. Prometam que para a semana vão tentar se comportar melhor!

Fizemos a promessa com o dedo mindinho de todos!

Marta: O que acharam melhor o exercício que fizeram sozinhos com os balões ou com os colegas?

Aluna: O que fizemos com os colegas foi mais fácil!

Marta: E as vendas nos olhos? Querem que repita?

Alunos (alguns): Sim!

Alunos (Restantes): Não!

Marta: Porquê? Não gostaram?

Alunos: Não, não gosto do escuro

(alguns alunos começaram a rir)

Marta: Muito bem, não faz mal, também não gosto muito do escuro. Mas olhem que podemos fazer coisas muito engraçadas no escuro. Podemos tentar um dia.

Alunos: Sim!

Turno 2: O 2º turno manteve-se mais calmo durante a aula, assim que a professora Susana entrou na sala todos os alunos foram abraçá-la e pedir desculpa pelo comportamento deles.

Marta: O que acharam dos exercícios de hoje?

Aluno 1: Foram fixes!

Aluno 2: Gostei deles Marta.

Aluna 1: Também foi muito divertido.

Aluno 1: Podemos ficar com os balões?

Marta: Que bom, ainda bem que gostaram, o que foi mais fácil, fazer com o colega ou fazer sozinho? Sim, os balões são para vocês.

Aluna 2: Foi mais fácil sozinho e mais difícil com os colegas.

Marta: Todos concordam? – Fiquei espantada, pois no outro turno as respostas tinham sido diferentes.

Alunos: Sim!

Marta: Muito bem, mas porquê que foi mais fácil sozinho?

Aluna 3: Porque ninguém nos atrapalhava.

Aluna 4: Sim, com os colegas havia sempre asneira.

Marta: Muito bem, mas gostaram dos dois exercícios?

Alunos: Sim!

Marta: E o último exercício das vendas?

Aluno 2: Foi divertido tocar nos colegas enquanto estávamos no chão.

Aluna 5: Eu sabia quem eram os que eu tocava.

Marta: Conseguiram reconhecer os vossos colegas?

Alunos: Sim / Alguns

Marta: Que interessante! Alguém teve medo do escuro?

Alunos: Não!

Fotografias da aula



Sessão nº 5: Temporalidade

Data: 28 de fevereiro

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 12 alunos **2º turno:** 10 alunos

1. Diálogo Inicial

Turno 1: A Professora O, do ensino especial, foi comigo para assistir a aula de dança criativa do 1º turno. Após chegarmos a sala de música e ultrapassarmos a euforia dos disfarces de carnaval de cada um, lembrei-os da promessa da última da aula, que íamos tentar dar-nos todos bem e tentar fazer com as aulas de dança criativa resultem, pois eles têm um papel fundamental para o bom funcionamento da aula. Perguntei se a semana tinha corrido bem, todos responderam que sim, e como sempre, perguntei como estavam, responderam que estavam felizes por ser carnaval, porém, estavam bastante preocupados porque a Professora Só estava doente e não tinha ido à escola, nem iria ao desfile de Carnaval da escola na sexta feira, dia 29 de fevereiro. Percebi a preocupação deles, mas expliquei que a Professora ia melhorar, que eles tinham de pensar assim para conseguir lhe dar mais força, salientei que na próxima semana ela estaria com eles. Ficaram mais calmos, mas reparei que a aluna do 2º ano estava desanimada por não ter um fato de Carnaval, disse-lhe para não se sentir mal, pois sexta feira ela teria um fato e o importante seria ela se divertir ao máximo, ela abanou a cabeça em sinal de perceber. Questionei qual teria sido a Letra aprendida esta semana, começaram todos a falar, a letra “G” de “Gato” / “Gonçalo” / “Guilherme”.

Turno 2: Enquanto ajudava os do 1º turno a calçar-se os do 2º turno começaram a chegar, tornou-se um pouco menos fácil controlar, pois a Professora O já tinha saído e as crianças estavam eufóricas a brincar uns com os outros. Porém, a Professora Susana foi à sala chamá-los, pois estranhou a demora. Após acalmarem-se, elogiei os seus fatos e dei os parabéns a um aluno que fazia anos e estava “*super*” feliz. Perguntei como estavam, todos responderam “bem” exceto uma aluna, que disse que estava mal, pois não gostava do Carnaval. Tentei perceber o porquê, afinal o carnaval era uma oportunidade das crianças se fantasiarem e se divertirem, mas apenas respondia-me que não gostava, respeitei a visão dela. Disse que sabia que tinham aprendido uma letra nova e todos responderam, alto e bom som, “Letra G de Gato”.

2. Atividade preparatória

Atividades de mobilização articular, nomeadamente, começamos a nos espreguiçar, a esticar o corpo. Abanamos as ancas, o pescoço e cabeça, os pulsos e tornozelos.

3. Exploração do Movimento

Ao deslocarem-se pela sala, desafiei-os a movimentar-se de forma lenta, rápida, movimentos acelerados, movimentos desacelerados, porém foi um exercício por movimento. Primeiramente, para o movimento lento, disse para imaginarem que são uma nuvem ou uma pena no ar ou o nascer do sol, notei facilidade nas crianças a fazer este exercício, muitas fecharam os olhos e adaptaram o movimento lento. Para o exercício para se movimentarem de forma rápida, pedi para imaginarem os aviões, as setas e as andorinhas, expliquei que para ser um movimento rápido eles não tinham de correr, apesar de maioria das crianças terem optado por correr, disse que não fazia mal, mas que não se esquecessem das outras partes do corpo. O terceiro exercício foi os movimentos acelerados, lembrei-os como fazem os aviões e os foguetões para levantar voo, por fim, os movimentos desacelerados, imaginando, por exemplo um avião a aterrar. No desenvolver do exercício, do 2º turno, uma criança colocou-se debaixo das mesas, sem explicar a razão, tentei convencê-la a participar na aula, mas a única coisa que me disse foi que tinha saudades da mãe, respondi-lhe que estava quase na hora de sair e que a mãe já estava a chegar, porém, a criança continuou aborrecida e sem querer falar com ninguém. Tentei falar com ela, brincar, colocá-la no meu colo, mas voltava sempre para debaixo da mesa, deixa-a estar, disse que quando se sentisse bem que podia voltar para a aula. Também, uma aluna estava aborrecida, porque tinha uma colega a copiar os seus movimentos, voltei a colocá-los em círculo e expliquei que tinham de ser criativos, os movimentos tinham de vir de cada um e não do colega do lado.

Foram dados vários exemplos para as crianças imaginarem e ser mais fácil o desenvolvimento do corpo, porém, tiveram algumas dificuldades no movimento acelerado e desacelerado. A Professora O aproveitou a aula para se expressar, utilizei-a como exemplo, as crianças como a admiram tentavam fazer como ela e, muitas delas, fechavam os olhos para os movimentos. Estavam particularmente energéticos, por ser carnaval, em modo de reflexão, assumo que deveria ter aproveitado essa energia para uma verdadeira expressão por parte da criança.

4. Ponto Alto

Coloquei músicas lentas, rápidas, aceleradas e desaceleradas, os alunos andaram pela sala e inspiraram os seus movimentos nas músicas colocadas, as crianças ficavam animadas com os movimentos rápidos e sérias com os movimentos lentos, nos movimentos desacelerados e acelerados elas ficavam confusas e começavam a rir com o que faziam, porém estava tudo certo! Por fim, a pares, os alunos tiveram de criar uma coreografia improvisada para apresentar à turma, tiveram pouco mais de cinco minutos de ensaio. No 1º turno, uma aluna estava chateada, reparei que estava longe das suas amigas, perguntei o que se passava e disse que queria ficar com uma das suas amigas no exercício, questionei se a colega com quem ela estava não era sua amiga, respondeu-me que era, mas tinha medo que as colegas deixassem de ser amiga dela por ela estar com outra criança. Parei o exercício, expliquei para a turma toda que não era preciso ninguém ficar triste com ninguém apenas porque não foram pares dessa pessoa, todos perceberam e concordaram e a aluna em questão ficou mais calma.

5. Conclusão

O ponto da conclusão foi um momento para as crianças relaxarem, coloquei uma música lenta e pedi para colocarem os braços ao peito em gesto de abraço, exemplei, disse para se abraçarem com muita força e depois disse para imaginarem que estavam a abraçar alguém que gostavam. Umhas crianças optaram por ficar paradas e outras andaram pela sala.

6. Diálogo Final

1º turno: Já estava em cima da hora, não houve muito tempo para o diálogo.

Marta: Então meninos? Como correu a aula hoje?

Aluna 1: Portamo-nos mal!

Marta: Não se portaram mal, estavam com muita energia, mas não se portaram mal! Sei que as vezes é difícil conseguirmos fazer as coisas que os adultos pedem.

Aluna 2: Pois, eles pedem muita coisa.

Marta: Mas quero o vosso bem, quero que aproveitem estas aulas para se expressarem. Preferem estar sentados na cadeira, com uma mesa a frente a fazer fichas?

Aluno 1: Não, isso deixa-me ainda mais cansado! – As aulas de ginástica são mais divertidas.

(Os alunos dizem muitas vezes que estão cansados)

Marta: Meninos, mas isto não é ginástica. É Dança Criativa! Aqui podem ser muita coisa e fazer imensos movimentos com o vosso corpo, até mesmo inventar!

Aluna 3: Professora, posso mostrar uma dança que fiz?

Marta: Mostras na próxima aula, pode ser? É que já está na hora de ir. Mas, gostaram da aula? Foi muito difícil?

Alunos: Sim! Foi fácil!

Turno 2: Devido ao início atribulado da aula também tive um diálogo breve com os do 2º turno.

Marta: Meninos, o que acharam da aula? Foi difícil?

Aluno 1: Foi!

Marta: Então porquê?

Aluno 1: Porque fiz mal o último exercício.

Marta: Tu não fizeste mal o último exercício, fizeste muito bem! Vocês todos estiveram muito bem e têm estado sempre bem. A Marta já explicou que aqui não há nada errado! – Meninos, acreditem em vocês como eu acredito, vocês estão a fazer o que conseguem e é isso que eu quero!

(Notei a turma mais aliviada)

Marta: Já te sentes preparada para dizer o porquê de não gostares do Carnaval?

Aluna 1: Simplesmente não gosto!

Aluna 2: Ela não gosta do Carnaval porque calha no dia de anos dela.

Aluna 1: Não é por isso!

Aluna 2: Ela não vai ter bolo!

Marta: Não faz mal, sei que ficas triste. Mas lembra-te que fazer anos é algo muito bom, poderás brincar e estar disfarçada no teu dia de anos. Nem todos têm essa sorte!

Aluna 1: Não é por isso que estou assim...

Marta: Então, queres partilhar?

Aluna 1: Sinto-me feia com este fato, a minha avó comprou um muito grande para mim.

(Ela estava disfarçada de branca de neve, pedi-lhe para se aproximar de mim, fiz um nó na t-shirt para apertar e subi a saia, as suas colegas começaram a exclamar que ela tinha ficado melhor, o que lhe deixou mais alegre.)

Marta: Meninos, em relação a aula, querem contar-me mais alguma coisa?

Aluno 2: Fiz muitas coisas com o meu corpo!

Aluna 3: Sim, eu também fiz imensas!

Aluno 3: Foi divertido!

Marta: Acharam muito difícil?

Alunos: Não!

Marta: O que gostaram mais?

Aluna 4: De fazer a dança com a minha amiga!

Os alunos começaram a calçar-se e eu fui falar com a aluna que tinha decidido ficar debaixo da mesa, ela explicou que tinha colocado para almoçar na escola e enganou-se, tinha medo que a mãe não esperasse e fosse embora. Disse para ela não se preocupar, porque a mãe vai saber que ela estará a almoçar e vai esperar, no entanto, também expliquei que ela devia de ter feito a aula, respondeu-me: “ "pois Marta, mas arrependi-me, se eu tivesse feito o resto da aula o meu corpo ia estar mais calmo como o dos meus amigos."

Fotografias da aula:



Sessão nº 6: Espacialidade

Data: 7 de março

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 12 alunos **2º turno:** 11 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: Fui buscar as crianças a sala de aula, estavam felizes porque a professora Sónia já tinha voltado e estava melhor da saúde. Chegaram a sala de música arrumaram os sapatos e colocamo-nos em círculo. Perguntei como estavam e como tinham sido as férias de Carnaval deles, todos disseram que tinham gostado, pois comeram malassadas e viram o desfile de Carnaval, apesar de não perceberem a razão de no desfile terem pouca roupa, reponderam que gostaram. Achei engraçada a intervenção deles, e expliquei que no Carnaval a tradição dos desfiles sempre foi assim, sendo que no Brasil é muito mais comum. Perguntei se tinham aprendido uma letra nova, responderam a letra J de “Joana” / “Jiboia”/ Joaninha” / “Janela” / “Jardim”.

2º turno: Após trocar os turnos, e cada um se sentar em círculo com os sapatos já arrumados, perguntei, tal como no 1º turno, como estavam e como tinha sido a semana do carnaval. Ficaram todos entusiasmados para responder, pois uns tinham comido gelados, malassadas, ver o desfile, participaram no desfile das escolas. Disse-lhes que tinha ficado feliz por ter corrido assim tão bem a semana deles, perguntei ao aluno que tinha feito anos na aula passada como tinha sido os anos dele e ele disse que tinham sido muito “fixes” pois recebeu umas sapatilhas de futsal e uma bola de futebol. Também perguntei à aluna que fez anos no carnaval, pois na semana anterior ela não estava muito entusiasmada com o seu dia de anos, mas ela disse que tinha gostado muito dos anos e que até teve um bolo de aniversário e recebeu uma casa da barbie. Fiquei realmente feliz por eles! Por fim, disse que sabia que tinham aprendido a letra J e começaram a falar “Juliana” / “Janela” / “João” / “Javali”.

2. Atividade preparatória

Mobilização articular: rodar a cabeça, esticar e encolher os braços, esticar e

3. Exploração do Movimento

Os alunos começaram a deslocar-se pela sala e lancei o desafio, as crianças gostam quando digo que tenho desafios pois ficam mais motivados, de movimentarem-se comigo pela retaguarda, lados, diagonalmente, para cima, para baixo. Após explorarem

estes movimentos, em turma exploramos os planos, baixo, médio e alto. Porém, notei-os realmente presos, algo estava a desmobilizá-los, recordei-me do conselho das minhas orientadoras e aproveitei o estado de espírito deles para desenvolver a criatividade corporal.

4. Ponto Alto

Desta forma, não segui o programado (A pares terão de criar de uma pequena frase de movimento dançado que se repete, utilizando as direções e planos. Apresentar aos colegas). Ao invés disso, coloquei-os em círculo e perguntei o que estavam a sentir, ficaram confusos com a minha pergunta. Eu expliquei que, com os movimentos que tinham feitos no exercício anterior, teriam de explicar-me com o corpo deles aquilo que eles estavam a sentir. Alguns alunos conseguiram exprimir-se, outros utilizaram movimentos de ginástica e outras crianças não se sentiram bem para ir ao centro do círculo, assim, após cada criança ir ao centro pedi para andarem pela sala a fazer o exercício. Os alunos que não foram ao centro do círculo sentiram-se mais a vontade para se expressar, porém, para as crianças mais extrovertidas, o círculo foi um meio de os acalmar e concentrar.

5. Conclusão

Tendo em conta a alteração no programa da sessão, não terminamos a sessão com nenhuma atividade de conclusão. Apenas lancei o desafio a cada um de explorar com o corpo as emoções que sentiam durante a semana.

6. Diálogo Final

Com os dois turnos não foi possível conclusão nem um diálogo final, concentramo-nos na expressão e não consegui ter controlo no tempo. Contudo, a aula terminou com alguns alunos a conseguir utilizar a criatividade corporal para se expressar.

Nota: Tendo em conta o observado nas aulas criativas e o contexto social que maioria das crianças estão inseridas, achei pertinente, a partir desta aula, começar a explorar as emoções nas próximas.

Fotografias da aula



Sessão nº7

Sessão nº 7: O que estás a sentir?

Data: 21 de março

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 13 alunos **2º turno:** 11 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: A professora Susana estava de baixa, por esse motivo a docente Sónia teve de ficar com os dois turnos. Quando cheguei a sala de aula os alunos estavam a fazer exercícios propostos pela professora, assim, de forma a ser mais fácil a docente Sónia mandou os alunos que já tinham terminado os exercícios, ficando alunos do 1º e 2º turno misturados. Os alunos acompanharam-me até a sala de música, porém a sala estava fechada e perdemos algum tempo até a porta ser aberta. Depois de acalmar os ânimos, os alunos arrumaram os ténis e sentaram-se em círculo, como habitual perguntei como estavam, atendendo que tinha faltado na semana anterior senti que eles estavam mais energéticos do que o normal, todos queriam falar. Uma das crianças estava muito feliz porque tinha recebido um colar de Jesus, outra criança respondeu que estava triste, pois um aluno do 4º ano começou a assustá-la com o assunto da Momo. Depois da criança ter mencionado o assunto, todas as crianças ficaram entusiasmadas para falar também, todavia, já tinha perdido muito tempo da aula e após deixar cada criança falar um pouco das suas preocupações tentei acalma-las e explicar esse fenómeno da Momo e em como ela não poderia fazer mal, realcei que a imagem que as crianças vêem é apenas uma estatua que fica situada no Japão. Porém, continuavam a falar, inclusive um aluno questionou “Não vamos treinar Marta?”. Tive de dar início a sessão, o que deixou uma aluna aborrecida, pois queria falar, ao ponto de se afastar e recusar-se a fazer a aula.

2º turno: O segundo turno entrou na sala de música já mais calmo, após a rotina inicial começamos o nosso diálogo, perguntei como estavam e como tinha corrido a semana, responderam que estavam bem e que a semana tinha corrido bem. Questionaram a razão de eu ter faltado na última semana, expliquei que tinha ido ao médico com a minha irmã, preocupados perguntaram se ela estava doente, achei interessante a perceção das crianças e considerei importante partilhar com eles que ia ser tia e que estava muito feliz! As crianças ficaram contentes por mim, algumas partilharam que também tinham sobrinhos e irmãos e que gostavam muito deles! Por fim, partilharam que no dia seguinte ia haver uma festa na escola, da eco-escola, por isso também iam passear na parte da manhã ao museu da Calheta.

2. Atividade preparatória

Mobilização Articular: Esticamos os braços para cima o máximo que conseguíamos, depois esticamos para o lado, juntamos as pernas e imaginamos que estavam a puxar o nosso corpo dos dois lados. Colocamos o corpo leve, com o tronco inclinado e os braços para baixo, fizemos movimentos lentos de um lado para o outro.

3. Exploração do Movimento

Relembramos os movimentos expressivos das aulas anteriores. Após uma breve revisão, deslocamo-nos pela sala a dançar com a cabeça, depois com os ombros, logo de seguida com os braços, os pulsos, as mãos, o tronco, as ancas, as pernas e os pés. Os alunos mostraram-se motivados com estes exercícios, gostaram de explorar os movimentos com as várias partes do corpo. As crianças chamaram-me a atenção para o seu cansaço, assim, depois de terminado a movimentação voltamos a ficar em círculo e as crianças aproveitaram para descansar, no final de cada etapa colocamo-nos sempre em círculo para descansar e explicar o exercício seguinte. Porém, a criança do primeiro turno que tinha ficado aborrecida por não ter falado mais no círculo recusou-se a fazer este exercício, tentei falar com ela e explicar-lhe, mas ela fugia, considerei em levá-la de volta para a sala de aula, contudo, não iria ajudá-la em nada, por essa razão deixei-a estar no seu canto.

4. Ponto Alto

O exercício foi individual, cada criança teve o desafio de se expressar corporalmente, relembrei os exercícios das últimas 7 sessões, no sentido de que todos os possíveis movimentos expressivos estariam corretos. Disse que poderiam começar em qualquer posição, com movimentos grandes, pequenos, angulosos, rápidos, lentos, com o corpo pesado ou leve. Pedi para deslocarem-se pela sala e fazer o que “corpo quer fazer”, ia perguntando as crianças como elas se sentiam, respondiam “Feliz / bem / mais ou menos e pedia para me explicarem isso com o corpo, no final, quem quisesse, ia ao centro do círculo e expressava com o corpo, muitos fizeram movimentos de ginástica e chamei a atenção para esse aspeto. A aluna do primeiro turno continuava no seu canto, mas neste exercício, quando ela pensava que eu não estava a ver, fazia movimentos no seu canto, o que me fez perceber que realmente foi melhor não a ter levado para a sala de aula. Todavia, quando o segundo turno estava nesta etapa, os alunos do 4º ano pediram-me para entrar na sala para levarem as mesas, bancos, cadeiras e os

instrumentos musicais, pois estavam a organizar as coisas para a festa do dia seguinte. Foi um fator que nos fez perder muito tempo, pois não era possível haver concentração com as crianças a entrar e a sair e a arrastar as mesas e cadeiras.

5. Conclusão

O exercício de conclusão seria para as crianças explorarem várias formas de contrair uma parte do corpo, descontraindo o mesmo tempo a oposta, porém, derivado aos contratempos salientes em cada turno não foi possível realizar o exercício de conclusão, tendo passado para a sessão seguinte.

6. Diálogo Final

Devido aos contratempos que afetaram ambos os turnos não possível sentarmo-nos em círculo para discutir a sessão, porém, enquanto eles estavam no exercício do Ponto Alto fiz-lhes algumas questões:

É muito difícil se expressar?

1º turno: Não / Sim / Não gosto de dançar!

2º turno: Não!

Falar com o corpo é fácil?

1º turno: É fácil!

2º turno: É fácil!

Então porque nem sempre conseguimos expressar-nos com o corpo?

1º turno e 2º turno: As crianças não souberam responder, muitas olharam para mim com um olhar de dúvida. Porém, após esta pergunta muitas crianças desafiaram-se a expressar-se realmente, muitas fecharam os olhos e continuaram a aula, mas desta vez a tentar sentir o corpo. Um aluno, que considero ser desafiante, expressou-se como nunca tinha visto em outras aulas, no final fez questão de chegar ao pé dele e dizer que tinha ficado muito orgulhosa dele.

Fotografias da aula



Sessão nº 8: O que estás a sentir?

(continuidade)

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 11 alunos **2º turno:** 10 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: A professora Su ainda estava de baixa, por essa razão os turnos continuavam unidos a ter aulas. A professora Só mandou primeiro os alunos que costumam ir no 2º turno, a professora O do Ensino Especial não conseguiu assistir a minha aula, pois como a Docente Só estava sozinha ela tinha de prestar auxílio. Os alunos vieram comigo para a sala de música, após a rotina habitual sentamo-nos em círculo e, como faço sempre, perguntei como estavam. Responderam que estavam bem e estão felizes porque já sabiam ler. Fiquei feliz por esse marco, porém quando fui buscá-los à sala eles estavam a terminar uma ficha de avaliação e aproveitei o momento para perguntar como tinha corrido e responderam que tinha corrido bem, mas ficam sempre nervosos. Expliquei que não precisam de ficar nervosos, apenas tinham de dar o seu melhor!

Questionei se eles se lembravam do que tínhamos feito na nossa primeira aula, eles ainda pensaram alguns instantes antes de responder: “Triste” / “Chorar” / “Medo”.

Fiquei satisfeita por se lembrarem e aproveitei para explicar a ficha que iriam realizar, a aluna do 2º ano não conseguiu participar nesta aula, pois também tinha uma ficha de avaliação. Após preencherem na ficha as partes do corpo que determinadas emoções se manifestam mais, perguntei como se sentiam e todos responderam “relaxado”.

2º turno: Os alunos que vieram na segunda parte são os alunos que costumam de vir na primeira. Sentaram-se em círculo, após tirarem os sapatos. Perguntei como estavam e como tinha corrido a ficha de avaliação, responderam que estavam bem e que a ficha tinha corrido muito bem. Questionei se eles se lembravam da primeira aula, não hesitaram, responderam logo que sim: “Foi na sala da professora Sónia” / “Foi o do Feliz” / “O do raivoso e apaixonado”. Disse-lhes que tinha ficado feliz por ainda se lembrarem tão bem e expliquei o que seria para fazer no exercício da ficha, utilizando um desenho do turno anterior. Como no grupo anterior, perguntei se sentiam relaxados após a realização daquele exercício, todos responderam que sim, exceto uma que afirmou ter se sentido confusa.

2. Atividade preparatória

Mobilização Articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo.

3. Exploração do Movimento

Após o exercício da atividade preparatória nos reunimos em círculo e pedi para observarem com a máxima atenção o que tinham feito na ficha, lembrei das respostas dadas na primeira aula, de como o corpo ficava pesado ou leve com determinadas emoções, pedi para explorarem as emoções transcritas nas fichas e as partes do corpo que elas têm uma maior influencia. Estive o exercício a lembrá-las que tinham de fazer movimentos que nunca tinham visto, nada de movimentos teatrais ou de ginástica. Inevitavelmente, as crianças faziam esses movimentos, contudo, quando me ouviam a falar tentavam explorar outras formas.

4. Ponto Alto

O ponto da exploração de movimento envolveu mais tempo, mas tiveram uns minutos para iniciarem o ensaio em grupos de quatro elementos, desafiei-os a ensaiar nos intervalos para apresentarem na aula seguinte, salientei que ia prestar atenção ao grupo que trabalhou mais em equipa. Este ponto foi um desafio maior, pois uma aluna recusava-se a fazer com os colegas e em outro grupo a aluna com a síndrome de down andava atrás das colegas para aleijá-los, expliquei que temos de tentar arranjar estratégias para trabalharmos com os nossos colegas, pois afinal somos todos amigos!

5. Conclusão

Explorar várias formas de contrair uma parte do corpo, descontraindo o mesmo tempo a oposta. Exemplifiquei fazer músculo num braço e abanar o outro, músculos nas pernas e abanar os braços, contrair a cara e deixar o corpo leve. Porém, algumas crianças sentiram dificuldade, mas todas tentaram.

6. Diálogo Final

1º turno:

Marta: Então meninos, como estão?

Alunos: Bem!

Marta: O que aconteceu para alguns aqui não quiserem fazer grupo com certas colegas?

Aluna 1: A colega voltou a falar da momo e ela fica com medo!

Aluna 2: Pois, estão sempre a falar disso!

Marta: Meninos, mas já expliquei que não vale a pena terem medo, a momo é apenas uma estátua. Não deixem isso vos assustar!

(Após um breve diálogo sobre a momo as crianças acalmaram-se)

Marta: Meninos acharam que foi fácil?

Alunos: Sim!

Marta: Todas as emoções foram fáceis de expressar?

Aluno 1: Não, o amor foi difícil!

(Os alunos do 2º turno começaram a entrar, chamei a parte a criança que tinha se recusado a fazer com o grupo e expliquei-lhe para ela não ficar assutada, pois a colega não ia tocar mais no assunto)

2º turno:

Marta: Meninos, como se estão a sentir?

Aluno 1: Sinto-me muito relaxado!

Aluno 2: Estou feliz!

Marta: O que acharam desta aula?

Alunos: Foi fixe / Gostei.

Marta: Há algo que queiram partilhar?

Aluna 1: Que os nossos corpos podem falar de forma “esquisita”.

Marta: Como assim esquisita?

Aluno 1: Ninguém percebe o que ele diz!

Marta: Mas quando vocês fazem os exercícios vocês percebem?

Alunos: Sim!

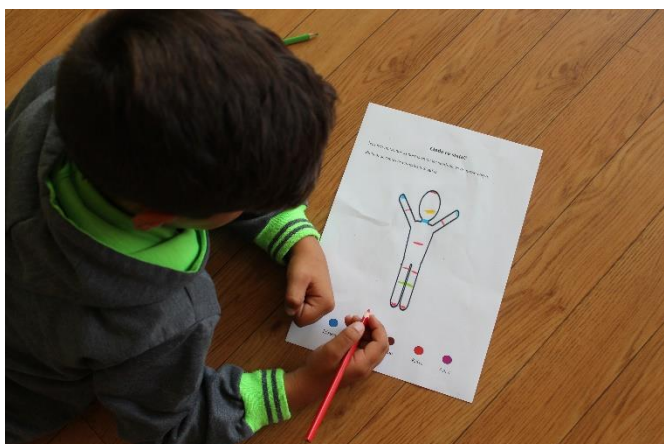
Marta: É isso que importa meninos, que percebam o que o vosso corpo faz.

Aluna 2: E que o nosso corpo perceba também, não é?

Marta: Muito também, é isso mesmo! – É muito difícil?

Alunos: Não, é fácil! / As vezes é difícil / Não sei / É estranho

Fotografias da aula



Sessão nº 9: Entrega-te!

Data: 4 de abril

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 12 alunos **2º turno:** 12 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: A professora Su continua de baixa, por isso os turnos continuavam unidos a ter aulas. A professora Só mandou primeiro, de novo, os alunos que costumam ir no 2º turno, e, mais uma vez, a professora Ol do Ensino Especial não conseguiu assistir a minha aula para auxiliar a Docente Só devido a falta da Professora Su. Os alunos vieram comigo para a sala de música, após o habitual sentamo-nos em círculo e reparei que faltava uma aluna, que tinha síndrome de Down e pertencia a este grupo, perguntei por ela e os colegas responderam-me que depois uma auxiliar trazia-lhe à sala. Como sempre, perguntei como estavam. Responderam que estavam bem, porém ouvi um não (é uma aluna bastante simples e envergonhada que não costuma de falar muito, porém está realmente presente em aula quando se expressa), perguntei-lhe se queria partilhar, ela respondeu que não, expliquei que ela podia confiar em nós e perguntei se tinha sido algo em casa, respondeu que não, questionei-lhe se foi com a turma, também respondeu que não. Observei a expressão dela e lembrei-me de fazer outra pergunta: “Sentes que não sabes o que é, é isso?” Ela abanou a cabeça a dizer que sim, expliquei-lhe que não faz mal as vezes não percebermos a razão de estarmos tristes. Disse-lhe para ela aproveitar a aula para expressar o que sentia, ela sorriu e disse que sim! Os colegas, após ouvirem a aluna, alguns começaram também a dizer que não estavam bem, mostrei o meu interesse em saber a razão. Responderam que tinham saudades da Professora Su, expliquei-lhes que ela tinha de estar em casa a descansar, mas que depois das férias da Páscoa já voltava!

2º turno: Os alunos que vieram na segunda parte são os alunos que costumam de vir na primeira, a aluna com Síndrome de Down chegou apenas no 2º turno. Sentaram-se em círculo, após tirarem os sapatos. Perguntei como estavam responderam que estavam felizes, porque já eram quase férias da Páscoa. Perguntei-lhes o que faziam nas férias, eles disseram: “Comer amêndoas e ovos da Páscoa” /” Passear com a família” /Assistir a Via-Sacra” /” Ir a missa” /” Brincar com os primos/irmão/vizinhos/amigos”. Respondi

que eram umas férias muito animadas, mas em tom de brincadeira perguntei se iam estudar, todos eles responderam muito sérios que sim! Disse-lhes para estudarem, mas também para brincarem bastante!

2. Atividade preparatória

Mobilização Articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo, abanar o corpo todo de forma louca.

3. Exploração do Movimento

Inicialmente as crianças ensaiaram a suposta coreografia ensaiada na última aula e, como avisado à turma, o objetivo era perceber quem tinha conseguido trabalhar em equipa. Os dois turnos não ensaiaram nenhuma vez e isso notou-se na apresentação de cada grupo, apesar de alguns alunos começarem a culpar outros membros do grupo, expliquei-lhes que um grupo tem de ser sempre unido, não há culpados, também salientei que, apesar de não terem ensaiado, conseguiram improvisar certos movimentos e equipa e isso foi muito satisfatório para mim.

Após a apresentação de cada grupo relembramos as articulações do corpo e os vários movimentos possíveis com graças a elas.

4. Ponto Alto

Em pares, virados de frente um para o outro, uma das crianças tinha os olhos vendados e a outra teve de movimentar o corpo da colega, após breves minutos as crianças trocaram de função. O objetivo no exercício era relaxar o corpo de quem tem os olhos vendados e promover a confiança no colega, porém, muitos alunos dispersavam-se e iam ter com outros colegas ou fugiam do colega vendado numa espécie de jogo da “cabra cega”, chamei-os sempre a atenção e eles voltavam aos seus postos. Todavia, houve pares que se dedicaram a este exercício e foi interessante ver a capacidade que cada aluno tem de manobrar o corpo do outro. No primeiro turno fiquei com a aluna que tinha respondido que não estava bem, foi uma dinâmica interessante, atendendo que ela a uma aulas atrás respondeu-me que não gostava da venda, porque tinha medo do escuro, deixei-a à vontade comigo, disse-lhe que ela podia confiar em mim até mesmo de olhos vendados e correu bem, mas ela deliciou-se quando foi a vez dela de manipular

os meus movimentos. No 2º turno fiquei com a aluna com Síndrome de Down, também foi interessante, pois comigo ela fazia os exercícios como eram pedidos, porém com os colegas ela agredia-os. No exercício ela conseguiu colocar o seu corpo leve e confiar em mim para manusear o dela, porém, a aluna da cadeira de rodas chegou a sala quando estávamos a meio do exercício, pois tinha ficado na sala a terminar os trabalhos escolares. Com a entrada da aluna o único par possível para ela seria o meu, pois não considerei que deveria de mudar os pares apenas com a entrada dela. Tirei-a da Cadeira de Rodas e deixei a **Mtd** (aluna com Síndrome de Down) ser o par dela, o que, por surpresa minha, foi a melhor opção. Pois a **Mtd** é uma criança com características bruscas, não teve medo de agarrar no corpo da **Ins** (aluna da Cadeira de Rodas) e explorar. Se algum dos restantes colegas tivessem ficado com a **Ins** eles iriam o máximo de cuidado e pouco iriam explorar e deixá-la explorar.

5. Conclusão

Para a conclusão exploramos a suavidade, levei penas e entreguei uma a cada aluno, coloquei uma música ambiente. Disse que podiam se deitar, estar sentados, em pé, como se sentiam melhor, mas teriam de passar a pena pelo corpo e sentir a suavidade dela. Os dois turnos, no exercício do exercício não estavam a prestar atenção a pena, porém, foram parando de falar e aumentei o som da música ambiente e foi um exercício que funcionou realmente bem, eles ficaram completamente concentrados a sentir a pena. Fez-me refletir, que talvez, devesse de apostar em mais exercícios de suavidade para a conclusão.

6. Diálogo Final

1º turno:

Marta: Então meninos, foi difícil?

Alunos: Foi difícil a parte da venda!

Marta: Pois, talvez tivesse sido mais fácil se não tivessem abandonado o vosso colega, quando deveriam de estar a guiá-lo.

Alunos – que fizeram par: Nós sentimo-nos seguros um com o outro!

(Tinha notado também este par estava realmente empenhado no exercício)

Aluna: Marta, pedimos desculpa!

Marta: Meninos, mas já expliquei que não é a mim que têm de pedir desculpa, este exercicio é para confiarem no vosso colega e o vosso colega confiar em vocês, apenas não percebo a razão de alguns não o terem feito!

Aluna 1: Já não tive medo do escuro porque confio na Marta.

Marta: Que bom! Mas também houve momentos que vocês estiveram muito bem e fiquei orgulhosa, apesar de não terem conseguido o tempo todo, houve um minuto ou outro que todos tentaram!

Marta: Gostaram?

Aluno 1: Sim, gostei da pena!

Marta: Muito bem, boas férias meninos!

(Todos os alunos começaram a dizer que tinham gostado do exercício de conclusão)

(Perguntei a aluna, que no início da aula respondeu-me que não estava bem, como ela estava agora, ela respondeu que se sentia muito melhor!)

2º turno:

Marta: Meninos, gostaram?

Alunos: Gostei da aula!

Aluna 1: A pena foi muito boa!

Aluno 1: Sim, quero repetir!

Marta: Muito bem, fico feliz. O que acharam das vendas?

Aluna 1: Boa, mas gostei mais da pena.

Marta: Muito bem, mas falem-me agora um pouco do exercício da venda. Tiveram confiança?

Alunos: Sim!

Aluna 2 e Aluna 3: Tive medo!

Marta: Medo, muito bem. Mas medo porquê?

Aluna 2: Porque não sabia o que estava a acontecer.

Aluna 3: A Mtd faz muitas palhaçadas e tinha medo de me magoar.

Marta: Mas ela magoou-te?

Aluna 3: Não, até foi muito divertido!

Marta: E tu Sfi, não sabias o que estava a acontecer, mas quando fizeste à tua colega ela também não sabia – O objetivo é esse, confiarem nos vossos colegas.

Aluno 2: Sim, foi fixe a aula, mas gostei das penas.

Alunos: Sim, podemos voltar a fazer?

Marta: Vá, depois penso nisso. Boas férias!

Imagens



Sessão nº 10: Caixa dos desafios

Data: 2 de maio

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 10 alunos **2º turno:** 12 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: A professora Su continua de baixa, por isso os turnos continuavam unidos a ter aulas. A professora Só mandou primeiro os alunos que costumam ir no 2º turno, e, mais uma vez, a professora Ol do Ensino Especial não conseguiu assistir a minha aula para auxiliar a Docente Só devido a falta da Professora Su.

Fui buscar os meninos à sala de aula, e a **Crl** interpelou-me logo a visar que tinha o pé a doer, pois tinha se magoado no recreio. Perguntei se ela tinha ido com a auxiliar e ela respondeu que sim, a aluna tinha a pele ligeiramente raspada.

Colocamo-nos em círculo e perguntei como estavam, todos responderam que estavam bem, exceto a **Crl** que, voltou a referir o seu pé magoado, e o **Dvd** que disse que estava mal. A **La** começou a fazer pressão ao **Dvd** para ele dizer que estava bem. Expliquei-lhe que ela não tem de fazer algo assim ao colega, pois ele tem o direito de não estar bem e de se quiser, partilhar connosco. O **Dvd** explicou que tinha passado por um mau momento na casa de banho, pois quando foi beber água engasgou-se e ficou assutado, entretanto a aluna **Crl** continuou a dizer que se tinha magoado no pé.

No fim, depois de a **Jlan** partilhar um momento engraçado no recreio e do **Mts** partilhar o que tinha recebido de novo. Dei-lhes a novidade que em breve as sessões comigo acabariam, a reação deles foi ficar em silêncio, não mencionando nada. Apenas fizeram uma expressão facial que demonstrava terem dúvidas. Contudo, deixei-os estar a digerir a informação e iniciei a sessão.

2º turno: Quando estava a ajudar os alunos do primeiro turno a auxiliar chegou com a **Mtd** (a aluna costuma ficar no 1º turno). Avisei que não fazia mal, que ela podia entrar. Enquanto eu estava a ajudar a calçar os colegas, a **Mtd** começou a correr atrás de alguns colegas e eles começaram a gritar “A Mtd não para”. Disse-lhe para ela correr à vontade enquanto espera pelos outros colegas, mas não a queria a magoar quem estava na sala,

avisei também aos alunos para não a provocarem. Pois como sabem que a **Mtd** corre atrás para os magoar, fazem disso uma brincadeira.

Após acalmar os ânimos de um turno entrar e outro sair, sentamo-nos em círculo e, como faço sempre, perguntei como estavam. Todos responderam que estavam muito bem. A **Lna** disse as aulas estão correndo bem e que tem trabalhado muito, disse que ficava feliz, acho bom eles se esforçarem nas aulas e brincarem muito nos intervalos e em casa, os restantes alunos também disseram logo depois que trabalhavam muito em aula. E partilharam o que tinham feito no fim de semana, como andar de bicicleta, ir à praia, passear com os pais.

Também avisei ao turno de que estava quase a terminar as sessões, por essa razão iríamos todos tentar continuar a trabalhar em equipa para que tudo funcionasse. As reações deste grupo já foram diferentes, começaram a perguntar o porquê e a **Sfi** disse que tinha ficado muito triste com a novidade. O **Tig** disse que não percebia a razão de eu não ir todos os dias com eles. Expliquei-lhes de forma sintética as razões e iniciamos a aula.

2. Atividade preparatória

Mobilização articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo.

3. Exploração de movimento e Ponto Alto

Foi decorada uma caixa com fotografias deles nas sessões da Dança Criativa, no interior da caixa estavam escritos 28 desafios. Inicialmente tinha colocado chocolates para entregar no final, a Docente Clara Leão aconselhou-me a entregar algo saudável, ao invés de chocolate. Gostei da sugestão e pensei em entregar uma peça de fruta, porém, acabei por não entregar nada. Penso em fazê-lo na última aula!

A caixa dos desafios consistiu em realizar os vários desafios de exercícios feitos em sessões anteriores, pois os alunos gostavam quando me dirigia às atividades como desafios. anos alunos ficaram em círculo, coloquei uma música e a caixa andou de mão em mão, quando a música parou o aluno que tivesse a caixa na mão teve de tirar o

desafio e cumpri-lo. Para a realização desta sessão a Exploração de Movimento e o Ponto Alto foram unidos, pois este exercício exigiu tempo.

A caixa calhou uma vez a cada aluno, todos eles completaram os desafios que saíram. Alguns, no início, mostraram vergonha, mas após a ajuda do grupo a dar sugestões e a relembrar as aulas conseguiram fazer o exercício. Inevitavelmente, houve brincadeiras entre eles pelo meio do exercício, mas considero que correu bem. Pois os alunos conseguiram comunicar e relembrar as sessões anteriores.

4. Conclusão

Sentir o pé do colega: Com o ambiente de uma música calma, as crianças foram divididas em pares. Ficaram deitadas de costas, e com as plantas dos pés a tocarem-se. Lancei sugestões de sentirem a planta do pé do colega, o calcanhar e os dedos. Pedi para fazerem o movimento da bicicleta sem perder o contacto. O início do exercício foi menos fácil de realizar, pois as crianças riam devido as cocegas nos pés o que, conseqüentemente, gerava brincadeiras entre todos. Por essa razão, optei por eles estarem simplesmente a sentir o pé do outro, sem mexer, foi assim que consegui trazer a calma para aquele exercício, com eles a sentirem apenas as vibrações dos colegas através dos pés.

5. Diálogo Final

1º turno	2º turno
<p>Após o exercício de conclusão, sentamo-nos em círculo e antes de ser eu a perguntar algo, eles começaram:</p> <p>Jlan: Porque escreves sempre?</p> <p>La: Como conhecestes a Professora Susana?</p> <p>Marta: Meninos, eu ainda sou estudante. Escrevo para não me esquecer do que aconteceu nas minhas aulas. Conheço a professora Susana, porque ela aceitou que</p>	<p>Um pouco já em cima da hora, colocamo-nos em círculo para dialogarmos sobre a aula:</p> <p>Marta: Então meninos, o que acharam da aula de hoje?</p> <p>Tig: Por que já tas quase a ir embora?</p> <p>Marta: Foi como já expliquei no início da aula, é porque já estou quase a acabar o projeto.</p> <p>Ru: A Marta vai ficar mais quanto tempo?</p>

<p>o meu projeto de Dança Criativa fosse feito convosco.</p> <p>Mts: És uma menina?</p> <p>Lrc: Ela é uma menina adulta!</p> <p>Jlan: Não sabem? Ela é uma adolescente!</p> <p>Marta: A professora Susana também teve de fazer algo como a Marta está a fazer, percebem? Para a Marta conseguir terminar os estudos eu tenho de fazer este projeto convosco.</p> <p>La: Ainda bem que foi connosco! (Começaram todos a abanar a cabeça a concordar com a colega).</p> <p>Marta: Digo o mesmo! Mas o meu projeto é conseguir provar aos adultos que a dança criativa é importante para as crianças. Vocês concordam que o que andamos a fazer nas aulas é importante?</p> <p>La: É importante!</p> <p>Marta: Porquê?</p> <p>La: Não sei!</p> <p>Marta: Como ficam quando acabam as minhas aulas?</p> <p>Rdg: Bem!</p> <p>Jlan: Aprendemos coisas novas sobre o nosso corpo!</p> <p>Ari: Tudo o que demos nas aulas é importante.</p> <p>Marta: Muito bem meninos, fico feliz! Mas quero que em casa pensem um pouco sobre as nossas aulas. Esta bem?</p>	<p>Marta: Penso que mais umas 3 aulas.</p> <p>Sfi: Não queria que acabasse.</p> <p>Marta: Eu sei, mas vamos aproveitar bem estas últimas aulas. Não é? (Abanaram a cabeça a dizer que sim)</p> <p>Marta: Gostaram da aula?</p> <p>Todos: Sim!</p> <p>Marta: Foi difícil?</p> <p>Todos: Não!</p> <p>Sfi: Gostava de ter feito mais.</p> <p>Ins: Não foi difícil!</p> <p>Lna: Achei tudo fácil!</p> <p>Marta: Muito bem, vocês acham que é importante aquilo que andamos a fazer?</p> <p>And: É importante para aprender a mexer com o corpo!</p> <p>Tig e Leo: Não!</p> <p>Marta: Vocês não acham que é importante?</p> <p>(Os dois começaram a rir, a Leonor ficou envergonhada e respondeu “Sim”)</p> <p>Marta: Não faz mal não acharem que não é importante, a culpa não é vossa! Eu é que peço desculpa por não conseguir mostrar-vos como é importante!</p> <p>(Os dois ficaram a olhar para mim)</p> <p>Lun: É claro que é importante, estamos a conhecer o nosso corpo e o corpo dos outros também. Não é?</p> <p>Marta: Sim, eu acredito que sim e fico feliz por pensares assim. – Eu acho que estão todos a ir muito bem nas minhas sessões!</p>
--	--

<p>(Abanaram a cabeça como sinal de compreensão).</p> <p>Marta: O que acharam da aula de hoje?</p> <p>Lar: Foi fixe!</p> <p>Marta: Os desafios foram fáceis?</p> <p>Todos: Sim!</p>	<p>No final, enquanto os alunos calçavam-se, disse ao Tig que se ele não se sentisse bem nas minhas aulas, não fazia mal ele ficar na sala com a Professora. Com um olhar admirado, ele respondeu-me que não, que gostava de estar nas minhas aulas. Questionei-lhe como pode ele gostar de estar nas minhas aulas se não as considera importantes, pois já lhes tinha dito que não obrigava a ninguém a ir, ele simplesmente sorriu e eu disse-lhe que estava feliz pelo que ele alcançou nas minhas aulas. Apesar de ser uma criança desafiante, ele fecha os olhos e simplesmente move o corpo genuinamente.</p> <p>Questionei a Leo, também uma criança desafiante, pela sua resposta, ela disse-me que se sentia feliz no final das minhas aulas, mas o problema é que há sempre algo que a chateia no intervalo. Disse-lhe para aproveitar esse sentimento, pois considerava que ela tinha muito por explorar e expliquei-lhe que era importante que não deixe que qualquer coisa lhe estrague o bom humor.</p>
---	---

6. Fotografias da aula



Sessão nº 11: Corpos desenhado

Data: 9 de maio

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 10 alunos **2º turno:** 9 alunos

1. Diálogo Inicial

1º turno: Fui buscar as crianças à sala de aula, a professora Susana continua de baixa, por isso os turnos continuavam unidos a ter aulas.

Como tinha papel de cenário no chão, pedi-os para retirarem os sapatos à porta da sala de música. Quando viram o papel ficaram todos entusiasmados! Sentei-os em círculo e iniciamos o nosso diálogo, pois considero importante o momento de partilha – para que as crianças possam partilhar os seus sentimentos, brincadeiras e momentos.

Perguntei como estavam, todos responderam que estavam muito bem, principalmente a **Mtd** que partilhou que ia fazer anos no domingo, dia 12 de maio, que ia ter uma festa e estava muito feliz – a **Mtd** não tem por hábito participar muito nos diálogos, apenas quando a peço para falar, mas mesmo assim fica envergonhada. No entanto estava tão feliz pela sua festa de anos que fez questão de partilhar

As crianças pensaram um pouco melhor e partilharam que não estão assim tão bem. Os alunos começaram a conversar, não estavam assim tão bem porque estavam doentes, ou porque tinham se cortado ou brigado no recreio. Contudo, houve um aluno, **Mts**, que partilhou algo mais forte! Disse que estava mal porque a sobrinha de 6 meses tinha falecido e como sente a família triste, é um meio pequeno e muitos deles conhecem a família uns dos outros, os alunos ficaram todos sérios e a **Jlin** começou a chorar bastante. Não é fácil dizer algo num momento assim mais frágil, disse que sabia como era doloroso perdermos alguém, mas se pensarmos que essa pessoa está melhor ou que temos uma “estrelinha a olhar por nós” a nossa dor vai diminuindo. Pedi para nos abraçarmos, com o coração e deixei-os estar um pouco a refletir enquanto se abraçavam.

Turno 2º: O 1º turno terminou a sessão e conforme os alunos vão se calçando eu mando-os para a sala, pois o do 2º turno começa a chegar e é sempre um momento que se dispersam. Avisei aos do 2º turno para tirarem os sapatos, pois tinha o papel de cenário no chão e não era muito conveniente pisarem.

A turma sentia-se feliz, pois iam fazer uma visita de estudo e como disseram é sempre bom passear! E como já estávamos um pouco atrasados e eles viram o contorno dos colegas dos colegas queriam logo avançar para perceberem o que tinha sido feito com o turno anterior. No entanto, tentei acalmá-los. Perguntei como estavam e todos responderam que estavam bem, as aulas estavam a ir bem. A **Ins** é que partilhou que não estava assim tão bem porque o avô ia viajar e ia sentir saudades, mas avisei-lhe de que ela não tinha de se preocupar, pois ele ia voltar.

Os alunos estavam entusiasmados, por isso avançamos!

2. Atividade preparatória

Mobilização articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo.

3. Exploração de movimento e Ponto Alto

Para a realização desta sessão a Exploração de Movimento e o Ponto Alto foram unidos, pois este exercício exige tempo de concentração.

As crianças juntaram-se em pares e cada uma fez o contorno do colega no papel de cenário que estava no chão. As crianças tiveram de ter cuidado neste exercício, de modo que iam fazendo o contorno, ia explicando em como é importante termos respeito pelo corpo do outro. Assim, tentaram desenhar o corpo do colega com cuidado, muitos contornos ficaram desproporcionais ao corpo de quem estava a ser desenhado, porém nenhuma criança achou isso preocupante, pelo contrário, aproveitaram os pormenores para o exercício posterior. Após cada criança desenhar o contorno do colega, pedi-os para se concentrarem no corpo que era deles e comecem a desenhar o seu corpo, mas sem roupa.

Esta etapa do exercício foi muito interessante, avisei para não desenharem roupa, mas houve crianças que não resistiram e tiveram de fazer um risco nos pulsos, ou nos joelhos, ou colocaram bijuteria, ou meias. Outras crianças pintaram o cabelo e olhos de cores totalmente diferentes aos originais. Muitas raparigas desenharam o peito, porém ao invés de dois mamilos, desenharam 2 corações para substituir. Por fim, houve uma

criança, a **Lar**, que desenhou um pênis no seu desenho e depois desenhou um no desenho da melhor amiga. Expliquei que se ela quisesse fazer no corpo dela eu percebia e não fazia mal, até porque é o corpo dela e a intenção deste exercício seria explorar a corporeidade, porém é errado fazermos no corpo do outro. Exatamente por essa razão, porque é o corpo do outro e nós não devemos de desenhar nele só porque sim! Por essa razão, juntei a turma em círculo e falamos sobre desenhar no corpo do outro e o respeito que devemos ter.

No entanto, achei interessante a aluna **Lar** ter desenhado um pênis no desenho, pois levantou várias questões pertinentes. **A Lar**, fisicamente é loira, de cabelo comprido e ondulado e olhos azuis. Em quase todas as sessões ela levou vestidos e a nível de personalidade é bastante envergonhada e delicada, no entanto é sempre das primeiras a abraçar-me quando chega a sala e quando vai embora.

Este exercício deu-me a possibilidade de observar outro lado das crianças, uma imagem do que poderão achar que são, ou do que querem ser, ou do que será desconhecido e curioso para eles relativamente ao seu corpo.

4. Conclusão

Mais uma vez, os alunos testaram a suavidade, mas apenas passando os próprios dedos da mão pelo corpo. Pedi-lhes para passarem com carinho, para sentirem orgulho neles e passarem a mão pelo corpo com muita suavidade. Disse que não precisavam de ficar com vergonha, pois estávamos de olhos fechados e queria que cada um sentisse a suavidade da sua mão a passar pelo corpo.

Os alunos reagiram bem a este exercício, no que toca à suavidade eles aderem logo. Mas, muitos abriram os olhos para ver se alguém estava a olhar para eles e tinham muito cuidado por onde passavam a mão.

5. Diálogo final

Devido à gestão do tempo não consegui dialogar muito no final com os dois turnos.

1º turno	2º turno
Marta: O que acharam da aula? Todos: Boa! Marta: Difícil?	Marta: O que acharam da aula? And: Descobrimos que a Marta não quer que brigamos uns com os outros!

<p>Todos: Não!</p> <p>Marta: Sentem que conhecem o vosso corpo?</p> <p>Mts: Sim!</p> <p>Jlian: Conhecemos o nosso e o do outro colega, não é?</p> <p>Crl: Conhecer o nosso e respeitar o do outro!</p> <p>Marta: Claro, isso é importante!</p> <p>La: Gostei de desenhar.</p> <p>Lou: Foi relaxante!</p> <p>(Todos abanaram a cabeça a dizer que sim).</p>	<p>Marta: E descobriram isso nesta aula?</p> <p>Sfi: Descobrimos aqui!</p> <p>Tig: Ficamos a conhecemo-nos melhor!</p> <p>Marta: Muito bem, gostaram da aula?</p> <p>Todos: Sim!</p>
--	---

Imagens da sessão:



Sessão nº 12: Corpos desenhado
(continuidade)

Data: 16 de maio

Horário: 11h30 – 13h20

1º turno: 12 alunos **2º turno:** 11 alunos

Diálogo Inicial:

1º e 2º turno: Como sabia que a Exploração do Movimento e o Ponto Alto teria de ter o máximo de tempo de proveito, não prolonguei muito o diálogo inicial. Apenas perguntei como estavam, todos estavam bem. Principalmente os alunos do 1º turno, pois a Prof Susana já tinha chegado. Perguntei se sabiam o que eram emoções, os alunos ficaram confusos, mas chegaram lá ao relembrar algumas aulas anteriores. Pedi-lhes para sugerirem emoções: Amor; Tristeza; Furioso; Alegre; Medo; Chorar; Aborrecido; Feliz, +/-; Zangado.

2. Atividade preparatória

Mobilização articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo.

3. Exploração de movimento e Ponto Alto

Para a realização desta sessão a Exploração de Movimento e o Ponto Alto serão unidos, pois este exercício exige tempo.

Após analisarmos as emoções sugeridas pelos alunos na chuva de ideias, haver um momento de leitura da História do Monstro das cores, que aborda as emoções, as mesmas que os alunos sugeriram e que temos vindo a abordar ao longo das sessões.

O livro apresentado foi em Pop-Up, foi um motivo forte para os deixar mais concentrados na história e nas ilustrações. A história fala sobre um monstro que acordou com as emoções todas baralhadas, associando as cores às emoções. Uma menina explica ao monstro que é necessário arrumarmos as nossas emoções, pois “Assim, todas baralhadas, não funcionam”. Na história, ela explica ao monstro que ele tem de separar

as emoções e arruma-as em frascos, mas expliquei-lhes que os nossos frascos são o nosso corpo e é nele que devemos arrumar as nossas emoções.

Marta: Isto nunca vos aconteceu? Acordarem com as emoções todas baralhadas? Não sabem se estão tristes, felizes, com medo ou aborrecidos?

Alunos (dois turnos): Sim, muitas vezes!

Jlan (1º turno): Às vezes acordo chateada e as vezes acordo feliz!

Mts (1º turno): Acordo feliz quando sei que a Marta vem!

Dvd (1º turno): Acordo feliz ao fim de semana.

Mts: Já não estou triste por causa da minha sobrinha, pois vou ter outra!

Ins (2º turno): Acordo sempre feliz!

Tig (2º turno): Eu fico feliz quando vou treinar.

Marta: Também me acontece muitas vezes. Acordo e nem percebo em como as minhas emoções estão baralhadas. Portanto, vamos tentar organizá-las no nosso corpo. Sim?

Alegria – História do Monstro das cores:

“A alegria é contagiosa. Brilha como o Sol, cintila como as estrelas. Quando estás alegre, ris, saltas, danças, brincas... e queres partilhar a tua alegria com toda a gente”

Marta: Vamos pensar no que nos deixa feliz!

Dvd (1º turno): Brincar com os meus amigos.

Mts (1º turno): Jogar a bola.

Jlna (1º turno): Quando estou com o meu mano.

Lou (1º turno): Quando sou elogiado pela professora Su.

Bia: Fico feliz quando me sento ao lado da Marta.

Sfi (2º turno): Fico feliz quando vou passear com os meus pais.

And (2º turno): Quando vou à praia, ou passear.

Tig (2º turno): Quando faço bem as coisas eu fico feliz.

Ev (2º turno): Fico feliz quando estou com os meus amigos ou em casa com a família.

Marta: Muito bem meninos, vamos agora fechar os olhos e lembrarmos dos momentos que nos deixam felizes.

Observei que maioria mexia com os braços e o pescoço caia para o lado. Porém quando perguntei a cada um em que parte do corpo sentiam a Alegria obtive muitas respostas diferentes que ficaram resumidas: Cabeça, pés, braços e cara.

Tristeza – História do Monstro das Cores

“A tristeza tem sempre saudades de alguma coisa. É suave como o mar, doce como os dias de chuva. Quando estás triste, escondes-te e queres estar sozinho... e não te apetece fazer nada.”

Marta: Quando vocês estão tristes não vos apetece estar sozinhos? Ou simplesmente ficar a fazer nada?

1º turno

Jlian: Sim já me aconteceu, quando alguém briga comigo.

Ari: Fico triste porque sinto a falta do meu pai.

Lou: Não sei bem o que me deixa triste, talvez quando brigam comigo.

Mon: Fico triste quando a minha família está chateada. Ou quando alguém morre!

Dvd: Estou triste porque um tio meu morreu.

Crl: Também fico triste por causa do meu avô que já morreu.

2º turno

Alx: Já aconteceu ficar triste e passar para raiva. – Fiquei triste quando minha mãe viajou.

Ins: Quando brigam comigo eu fico sempre triste.

(**Clau** encolhe os ombros)

Ru: Não gosto que gritam!

Lna: Fico triste quando me chateiam.

Marta: Muito bem meninos, vamos agora fechar os olhos e lembrarmos dos momentos que nos deixam felizes.

Nota do 1º turno:

La: Marta, o Dvd está a chorar!

Marta: Não faz mal, as vezes precisamos de chorar para aliviar o que vai cá dentro. Por isso Dvd, não faz mal chorares, eu percebo.

Lar: A tristeza faz-nos chorar, não é?

Observei que maioria colocou a cabeça para baixo, com testa franzida, também muitos ficaram com as suas mãos entrelaçadas. Porém quando perguntei a cada um em que parte do corpo sentiam a Tristeza obtive muitas respostas diferentes que ficaram resumidas: Cabeça, pernas, mãos e braços.

Raiva – História do Monstro das Cores

“A raiva é ardente como o vermelho vivo e feroz como o fogo, que queima com força e é difícil de apagar. Quando estás zangado, sentes que foste vítima de uma injustiça e queres descarregar a raiva nos outros.”

Marta: Já sentiram raiva?

1º turno

Jlian: É como o fogo! - Quando estou com raiva tenho de ficar no telemóvel a jogar para me acalmar.

Crl: Marta, quando eu tenho raiva faço como ensinaste e tento expulsar com o corpo.

La: Eu também!

Ari: Eu nunca senti raiva!

Mts: Quando tenho raiva não consigo me controlar – é como diz no livro sinto-me injustiçado, nem sei.

Mon: Pois, normalmente a raiva aparece quando nos fazem algo mau que não merecemos.

Rdg: Ya, é mesmo!

Saman: Eu não sei.

2º turno

Sfi: Fico com raiva quando são injustos comigo.

Alx: Pois, são injustos e fico triste e depois fico com raiva.

Tig: Fico chateado quando brigam comigo, quando não fiz nada!

Ev: Há muitas coisas que nos deixam chateados.

Lua: Às vezes não sei o que é!

Marta: Muito bem meninos, vamos agora fechar os olhos e relembrarmos dos momentos que nos deixam zangados!

Observei que maioria se concentrou nos pés, pois começaram a apertar com os dedos dos pés, muitos começaram a bater com os pés no chão, outros apertaram as mãos e outros começaram a movimentar os braços agressivamente. Quando perguntei a cada

um em que parte do corpo sentiam a Raiva obtive muitas respostas diferentes que ficaram resumidas: Pés, pernas, braços e cabeça.

Medo – História do Monstro das cores

“O medo é covarde! Esconde-se e foge como um ladrão na escuridão. Quando tens medo, tornas-te pequeno e insignificante ... e parece-te impossível fazer o que te pedem.”

Marta: Eu tenho medo de aranhas e admito que não sou grande fã do escuro. E vocês têm medo de alguma coisa?

1º turno

(Professora Su entra na sala).

Lou: Eu não tenho medo de nada.

Rdg: Eu também não!

Mts: Sabes Marta, eu tenho medo, mas não sei do quê!

Jlian: Eu também tenho medo de aranhas!

Ari: Eu tinha medo do escuro, mas quando fizemos o jogo das vendas e eu fiquei com a Marta não tive medo.

Mon: Quando tenho medo eu rezo!

Rdg: Eu gosto de abraçar!

(Começaram todos aos abraços, menos o Dvd, que continuou a precisar do seu espaço).

2º turno

Tig: Eu acho que não tenho medo de nada!

Lna: Também tenho medo de aranhas.

Lua: Nem sei!

Clau: Não me lembro!

Ins: Tenho medo de ficar doente, ou sozinha!

Marta: Muito bem meninos, vamos agora fechar os olhos e relembrarmos dos momentos que nos deixam zangados!

Observei que maioria se concentrou nos ombros, pois levantaram os ombros para fazer como um gesto de Auta abraço, também houve crianças a colocar as pernas tensas, para

esta emoção não houve muito movimento com o corpo, mas bloquearam várias partes dele. Quando perguntei a cada um em que parte do corpo sentiam o Medo obtive muitas respostas diferentes que ficaram resumidas: Cabeça, joelhos, costas braços e ombros.

Após as crianças identificarem as emoções no seu corpo em turma, solicitei para que cada uma se dirigisse ao desenho do corpo deles feito na aula anterior, pedi-lhes para identificarem as emoções que tínhamos falado. Expliquei que apesar de o livro associar cores às emoções, eles não tinham de o fazer.

Alguns alunos disseram-me não sentir certas emoções, respeitei e disse que se eles acham que não as sentem podem não colocar nos desenhos deles, no entanto, se na aula seguinte quiserem colocar, estavam à vontade!

Relativamente ao aluno do 1º turno, Dvd, fiquei preocupada, pois ele chorou a aula toda e recusou-se a preencher as emoções no corpo. Fiquei com ele ao colo, ele apenas abraçou-me, mas não quis falar.

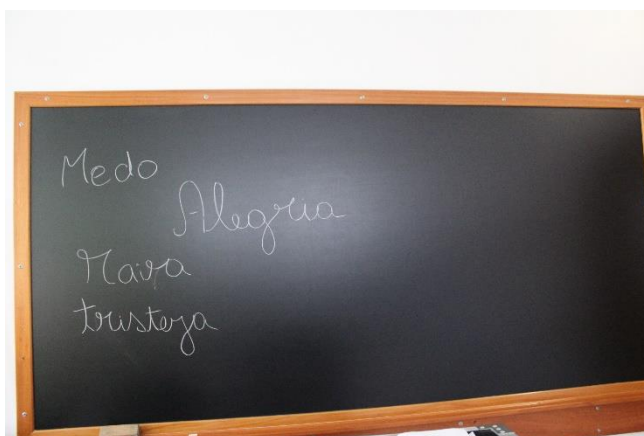
Falei com a Professora Su que estava presente na aula, expliquei-lhe que ele chorou quando falávamos sobre a emoção tristeza, ele tinha partilhado que um tio dele tinha falecido. A professora fez um olhar de espanto e respondeu-me, com muito respeito, que considerava que eu tinha desencadeado outra coisa, pois o aluno em questão não tem uma base educacional muito sólida a nível de amor e a aula poderá ter lhe tocado nesse aspeto – o que é algo bom!

4. Conclusão

Para a conclusão da aula, os alunos ficaram deitados no contorno do seu corpo, li o enxerto do livro que fala sobre a calma e pedi-lhes para que em silêncio e de olhos fechados tentassem concentrar a calma no corpo deles. Em aulas anteriores sempre é um pouco menos fácil, mantê-los de olhos fechados e simplesmente parados, porém, nesta aula eles conseguiram fazê-lo sem interromper.

“A calma é tranquila como as árvores, leve como uma folha ao vento. Quando sentes calma respiras devagar e profundamente. Sentes-te em paz.” – **Calma – História do Monstro das cores.**

Imagens da Sessão



Sessão nº 13: Coreografia

Data: 23 de maio

Horário: 11h30 – 13h20

Turma A: 11 alunos **Turma B:** 11 alunos

1. Diálogo Inicial

Observação: Como cheguei mais cedo à sala, comecei a ver os contornos da atividade “corpos desenhados”, não consegui prestar atenção a todos, tendo em conta o tamanho do papel de cenário. Mas encontrei um, da aluna Mon do 2º ano, que escreveu no tronco do seu contorno “A Marta é linda”.

1º turno: Cheguei à sala de música, organizei o material e fui buscar as crianças à sala. Porém, nem a Turma A e B estavam na sala. Fui procurá-las ao intervalo e encontrei-os já em fila para irem para sala. A docente pedira-me desculpa pelo atraso, mas a escola preparou uma atividade para o Dia da Europa e atrasou uns minutos.

A turma B foi o primeiro turno a estar comigo e a Docente Su esteve presente na aula, mas mal a **Jlian** chegou à sala disse-me logo “Olha, eu hoje estou triste”. Respondi-lhe que já ia falar com ela. Aguardei que as crianças se descalçassem e se sentassem em círculo.

Perguntei à **Jlian** se ela queria partilhar o que se estava a passar, ela pediu para falar apenas comigo no final da aula. Respeitei! Perguntei aos restantes como se estavam a sentir, eles estavam entusiasmados devido a atividade do Dia da Europa, pois tinham comido bolo e abanado as bandeiras que fizeram.

Voltei a perguntar à **Jlian** se ela queria falar, ela hesitou. Mas o **Mts** logo deu introdução ao que se estava a passar. Ele explicou que na noite anterior, o pai da **Jlian** bateu num familiar do **Mts**, o que desencadeou um grande mal-estar nas crianças, falaram-me em nomes dos familiares, mas atropelavam-se uns aos outros para falar. Apenas percebi que um deles escondeu-se na casa do **Mts**, mais precisamente debaixo da cama do irmão dele, as crianças estavam a falar depressa a explicar o sucedido e eu estava a tentar processar aquela informação toda. No final, tentei explicar às crianças que elas não têm de se preocupar com o assunto dos adultos, percebia que ficavam preocupadas ou até mesmo assustadas, mas, lembrando-me do Exupéry no seu livro O

Príncipezinho, disse-lhes que os adultos às vezes são um pouco estranhos, mas não são as crianças que têm de os tentar perceber. A função das crianças é ser criança!

2º turno: A turma A foi o 2º turno, logo quando entraram na sala duas alunas dirigiram-se a mim e oferecem-me um desenho elaborado por cada uma, foi um gesto que apreciei, pois senti-me acarinhada!

As crianças estavam mais agitadas do que o normal, presumi que fosse pelo dia da Europa. Demoraram muito mais tempo, do que o habitual, para se descalçarem e sentarem-se em círculo. Estavam bastante eufóricos, devido ao dia celebrado e também pelo facto de a filha da Professora Só estar com eles. Aceitei-a na minha sala, pois seria uma mais valia para mim, ela tinha 13 anos e as crianças gostavam bastante dela.

Inicialmente, as crianças só estavam a fazer brincadeiras e aproveitei para brincar também um pouco com elas, porém, após uns minutos tive de os chamar a atenção para se acalmarem para conseguirmos iniciar a aula. Não foi uma tarefa fácil, pois estavam mesmo animados.

Perguntei se estava tudo bem com eles, todos responderam que sim, menos a Alx. Ela partilhou que estava preocupada porque na noite passada a irmã mais nova dela tinha se queimado na mão, disse para ela não se preocupar e perguntei se a mãe já a tinha levado a um Médico, ela respondeu-me que talvez a levasse naquele dia. Compreendi a sua preocupação, apesar de não ter entendido a dimensão da situação, mas tentei acalmá-la e explicar que tudo iria correr bem e, quando ela chegasse a casa e a mana não estivesse melhor para ela falar com a mãe para levá-la ao Médico.

Após conseguir acalmá-los, expliquei o que iríamos fazer na aula.

2. Atividade preparatória

Mobilização Articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo, abanar o corpo todo de forma louca.

3. Exploração do movimento e Ponto Alto

Exemplificarei de que a coreografia poderia ser uma história, mas cada um é uma personagem. Revemos as aulas anteriores para nos lembrarmos quais são as partes do

corpo que sentem determinadas emoções e trabalharmos com isso. Foram formados em grupos de 4 elementos, porém, como faltaram alunos nos dois turnos houve um grupo de 3 elementos. Foi um processo que exigiu andar de grupo em grupo para explicar melhor e sugerir ideias de como poderiam fazer a parte em grupo e a parte individual. Contudo, nos dois grupos foi observado a dificuldade que as crianças têm de trabalhar em grupo.

Turma B: Os grupos de 4 elementos não estavam a conseguir trabalhar em equipa, pois por serem números pares reuniam-se dois a dois, ao contrário de grupo de 3 elementos que procuravam envolver os três. Sentam-nos em círculo para explicar para a turma toda que é um trabalho em equipa, têm de estar unidos e ouvir as ideias dos colegas e ensaiar, porque no que diz respeito ao expressar-se individualmente as crianças estavam indo bem, porém em equipa é um processo que exige estratégias cooperativas.

Após alguns minutos a acompanhar os grupos reparei que o aluno **Mts** recusava-se a dar continuidade à coreografia com o grupo, porque achava que todos tinham de seguir as suas ideias. Mais uma vez, voltamos a juntar-nos em grupo e perguntei o que se passava, um aluno respondeu-me “é difícil trabalhar em equipa” e outra aluna também disse: “A **Sam** não acompanha”.

Marta: Certo. Somos todos iguais?

Todos: Não!

Marta: E há algum problema com isso?

Todos: Não!

Marta: Pois não, não há. Porque não aproveitam as vossas diferenças para criarem algo nunca visto?

Após dialogarmos, os alunos deram continuidade as suas ideias para a coreografia, sucederam os avisos por parte deles, mas estavam a trabalhar em equipa.

Enquanto os alunos ensaiavam, aproveitei para falar com a Docente Su, para esclarecer algumas dúvidas em relação às crianças. Ela explicou-me o contexto familiar de algumas e em como algumas tinham dificuldades de aprendizagem e deixavam ficar para trás dos colegas.

Turma A: A turma manteve-se agitada, o **Tig** estava mais ansioso do que o normal. Todos falavam e faziam piadas, uns alunos pediam para os colegas se calarem. Assim, lembrando o que me foi aconselhada pelas minhas orientadoras, disse-lhes para aproveitarem aquela energia toda na coreografia.

Assim, dei início aos grupos e ao processo de passar por cada grupo para esclarecer dúvidas e dar sugestões, com a ajuda da filha da Professora Só, que prestava atenção ao que cada grupo estava a fazer. Contudo, observei o mesmo que no 1º turno, estavam a ter muitas dificuldades a trabalhar em equipa. Muitos alunos ficaram aborrecidos, porque não queriam estar no mesmo grupo que uma determinada colega, ou não gostavam das ideias dos colegas ou distraíam-se na brincadeira. Juntei-os em círculo e expliquei-lhes em como é importante trabalharmos em equipa e fiz o mesmo diálogo que o da turma B.

Marta: Somos todos iguais?

Todos: Não!

Marta: E há algum problema com isso?

Todos: Não!

Marta: Alguém aqui é melhor do que alguém?

Todos: Não!

Marta: Leo, então porquê que, mais uma vez, te recusas a trabalhar com os teus colegas?

(Leo sorriu envergonhada)

Marta: Tenta perceber que será divertido se tu tentares Leo, se desistirmos logo como vamos saber o resultado? – Já expliquei que é normal gostarmos mais de uns colegas, mas não é por isso que vamos faltar ao respeito com os colegas que falamos menos, não é?

Sofs: Marta eu e o Ru temos cores da pele diferentes, mas somos amigos!

Marta: Exato! Quem é que aqui tem duas orelhas? Duas pernas? Dois braços? Dois olhos?

(Todos iam levantando as mãos a cada pergunta)

Marta: Somos diferentes no que toca a nossa personalidade, mas temos um corpo e devíamos de aproveitar para comunicar com ele, que mesmo com dificuldades ou até mesmo com um membro em falta, um corpo é sempre um corpo!

Sofs: Mas o meu corpo não sabe comunicar!

Marta: Claro que sabe, vocês têm comunicado com o vosso corpo comigo nestas aulas todas tão bem.

Sofs: Mas eu não consigo!

Marta: Sofs, mas tu estás a conseguir! O que te faz pensar que não?

Sofs: Porque tenho vergonha do meu corpo!

(Fez silencio)

Marta: Meninos, quem mais aqui tem vergonha do seu corpo?

(Todos levantaram a mão)

Marta: O nosso corpo é algo muito precioso, é importante cuidarmos dele e gostarmos dele. É ele que nos avisa quando estamos felizes, quando estamos tristes, com medo, doentes e cansados.

Pedi para que eles olhassem para o corpo deles como uma ferramenta importante para toda a vida, por isso tem de ser tratado com amor!

A Professora Só entrou na sala e expliquei-lhe como o Tig estava particularmente agitado na aula, ela pediu-lhe para se calçar e ir para sala, o aluno começou a pedir para ficar comigo que não queria, mas a Professora Só avisou-lhe que ele tinha de respeitar e se não o faz ele é que está a perder. Faltavam 2 minutos para a aula acabar, portanto, ele não perdeu a minha sessão, mas ficou avisado.

4. Conclusão

A conclusão só foi realizada com os alunos do 1º turno, a turma B. Pedi para que cada um se colocasse numa posição que se sentisse calmo, maioria se deitou logo, dois alunos estiveram a andar pela sala mas logo se deitaram no chão. Pedi para fecharem os olhos e que se concentrassem apenas na respiração. Após alguns segundos, pedi para ouvirem os sons da rua: os pássaros, os carros a passar e se concentrarem nos sons.

Mais uma vez, as crianças demonstraram já conseguir ficar de olhos fechados e a refletir a calma sobre o corpo deles, algo que não era possível nas primeiras aulas.

Imagens da sessão:



Sessão nº 13: Coreografia
(continuidade)

Horário: 11h30 – 13h20

Turma A: 11 alunos **Turma B:** 11 alunos

1. Diálogo Inicial

Na sessão nº10 foi criada a “Caixa dos desafios”, que continha vários desafios relativos às aulas anteriores. No final da sessão, retirei os desafios todos da caixa e entreguei à Docente Só. Foi lhe dito que já tinha sido explicado às crianças que a caixa seria para elas, se quisessem, me deixarem uma mensagem.

As duas turmas pediram-me para ler as mensagens que tinham escrito para mim:

Turma A	Turma B
<p>Ins: A Marta é fofa. É querida e bonita.</p> <p>Nú: Marta, obrigada por estares connosco durante este tempo. Adoro-te e volta sempre.</p> <p>Clau: A Marta é loura e muito fofinha. Eu fico com ela no meu coração.</p> <p>Leo: Marta, desculpa por me ter portado mal. Eu gostei mais de usar as vendas e de estar contigo.</p> <p>Lua: Marta, eu gostei das tuas atividades. Estar contigo foi maravilhoso. Consegui expressar muitos sentimentos.</p> <p>Sofs: Marta, de coração, não te esqueças de mim. Eu sei que tu me apoiaste muito. Beijinhos.</p> <p>Alx: Marta, desculpa se me portei mal. Gostei de ti e foi bom ter atividades contigo. Vou sentir a tua falta.</p> <p>Tig: Marta eu peço desculpa pelo meu comportamento.</p>	<p>Li: As aulas da Marta são lindas e deixam-me contente.</p> <p>Ari: Eu gostei quando a Marta me tapou os olhos e quando fez coisas com o meu corpo. (Foi a criança que na primeira fez que usamos vendas, alegou ter medo do escuro, por isso não tinha gostado da atividade).</p> <p>CrI: Eu gosto muito das aulas da Marta, eu acho espantosas, divertidas e fizeram-me chorar, mas gostei da mesma.</p> <p>Dvd: Eu gostei muito das aulas da Marta e de pintar sobre o nosso corpo e o que sentíamos.</p> <p>Lou: Eu gosto de ir às aulas da Marta e eu gostei de ver o livro das emoções.</p> <p>Lar: Eu gostei muito das aulas da Marta porque pude me expressar dançando.</p> <p>Bia: A Marta faz coisas, desenhos bonitos e fala das nossas emoções.</p>

<p>Gostei de usar as vendas e contornar o corpo e de fazer atividades contigo.</p> <p>And: Marta, eu adorei fazer atividades contigo. Foi com amor. Marta eu também queria dizer que eu aprendi muito contigo a libertas as minhas emoções! Beijinhos, And.</p> <p>Rui: Marta eu gosto muito de ti. Também não queria que tu fosses embora. Olha tem de ser assim. O teu cabelo amarelo é tão fantástico e as atividades foram divertidas. Marta, tu és tão fofinha. Eu vou te guardar no meu coração.</p> <p>Mon: Marta eu gostei muito de ti e gostei muito de estar contigo. Beijinhos (Aluna do 2º ano)</p> <p>Ev: Marta, eu gostei das atividades que tu fizeste para todos nós. Quero que saibas que ajudaste muito nas emoções.</p> <p>Lun: A Marta é muito simpática e linda.</p>	<p>Jlian: Eu gostei muito de aprender com a Marta muitas coisas, como por exemplo: ficar deitada para a Ari desenhar o formato do meu corpo.</p> <p>Mtld: (Fez um desenho dela dançando).</p> <p>Sam: Eu não gostei das aulas da Marta. (Quando li o bilhete dela, disse-lhe que não fazia mal. Contudo, fiquei curiosa e tentei perceber, pois apesar de a Sam ser uma criança envergonhada tentava fazer os exercícios. Falei a sós com ela e explicou-me que gostava dos exercícios, mas não gostava que a colega Lar estivesse sempre em cima dela).</p> <p>Mts: O Mts viu a Marta no Funchal e gostou das aulas por tudo o que ela fez.</p> <p>Rdrg: Eu gosto das aulas da Marta. Eu gosto de pintar o nosso corpo.</p>
--	---

Em cada mensagem lida pelas crianças eu agradecia e mostrava-se realmente emotiva. Cada criança lia e vinha abraçar-me!

2. Atividade preparatória

Mobilização Articular: Esticar as pernas e tocar no chão com as palmas da mão, colocar o corpo como em linha e esticá-lo, abanar a cabeça para frente e para trás, para o lado esquerdo e direito, puxar o braço esquerdo para o lado direito e puxar o braço direito para o lado esquerdo, abanar o corpo todo de forma louca.

3. Exploração de movimento e Ponto Alto

As crianças deram continuidade à coreografia criada por cada grupo. Os dois turnos estiveram à procura de estratégias, a discutir uns com os outros ideias, a correr pela sala e a gritar. Deixei-os à vontade, ia de grupo e grupo lembrando o que estava a pedir, pois

as crianças buscam muitos movimentos de ginástica. Também, nas duas turmas, houve alunos que faltaram, chamei a atenção para o grupo depois explicar aos colegas o que estão a ensaiar.

No desenrolar dos ensaios, e sendo a sala pequena, as crianças batiam, por vezes, umas contra outras. O que envolveu choros, brigas e aborrecimentos, mas acabaram por resolver e continuar o “projeto” deles. As crianças estavam realmente eufóricas, e eu deixei-as estar assim, tal como a minha a coordenadora Clara Leão aconselhou. Pois é deixando as crianças no seu estado de espírito que elas conseguiram expressar-se entre o grupo e individualmente. Porém, observei que muitas ainda fazem gestos teatrais.

Um aluno, o Ru, estava com um hematoma na cabeça, o que me preocupou. Perguntei se ele tinha batido com a cabeça em algum lugar. Mas disse que simplesmente apareceu e que o Médico tinha dito que se não desaparecesse em três semanas ele tinha de voltar. Disse-lhe para ele não se preocupar, que ia tudo correr como deveria de correr. Aproveitei para chamar a Alx e perguntar sobre o irmão dela, que já está melhor!

Não dei pelo tempo passar, por isso, antes que aula terminasse fizemos o exercício de relaxamento, pois eles estavam bastante agitados.

4. Conclusão

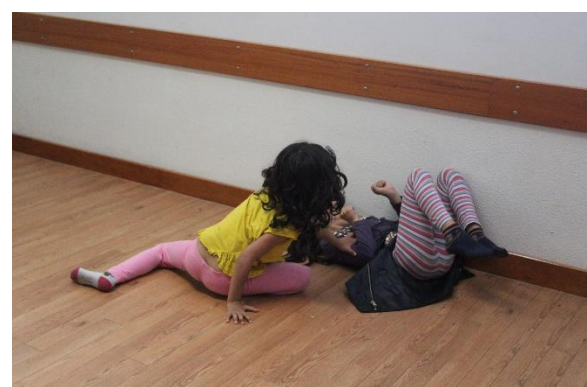
Sons da natureza: Com música ambiente de sons da natureza (Pássaros, mar, cascatas, vento), as crianças ficaram dispersas pela sala, com a postura que cada uma se sentisse mais confortável. Pedi para imaginarem um lugar que as deixasse seguras.

Foi interessante, porque algumas crianças começaram a comunicar realmente com o corpo, de olhos fechados, rolavam pelo chão, levantam os braços e pernas e assim deixei-as relaxar, com os seus movimentos.

5. Diálogo Final

Devido a todo o entusiasmo, por parte das crianças e pela minha, não conseguimos fazer um diálogo final.

Imagens da sessão



ANEXO 5: ENTREVISTA ÀS DOCENTES

Entrevista às Docentes Titulares e à Docente de Ensino Especial.

Alguma de vocês notaram diferença na capacidade de comunicação de cada criança desde que comecei as sessões?

Professora Só: Sim, reparei na Clau, a primeira a Clau mudou.

Professora Su: Apercebi-me da Mon também, achei uma diferença muito grande na Mon com o evoluir das aulas. Foi a aluna que veio pelo segundo ano pela parte social, ela não estava a evoluir a nível de aprendizagem e acho que agora ela evolui muito. Até dizia que gostava muito das aulas e ficava feliz só de chamá-la para tirar fotografias, em grupo ficou muito feliz! Já voltou para o AGIR supere feliz, estava impecável, um pouco mudada.

Professora Só: Quando eu digo a Clau, refiro-me porque ela era uma criança muito fechada. Depois do primeiro dia notei logo uma diferença, ela a brincar a se expressar. Completamente outra Clau. A Fat também mais mudou, pois, aquela menina tem problemas de autoestima e eu notei que isto fez-lhe bem, fez-lhe ter outro conceito dela própria e verificar que sim, que é normal ter dificuldades, mas que podem ser ultrapassadas.

Professora Su: Para mim o Dvd foi uma revelação, aquele choro do David para mim, aquela parte de sensibilidade do Dvd, foi uma revelação. Porque ele era o aluno rebelde. E aquela aula que o fez chorar e, ele já não conseguir fazer mais nada sem ser chorar, naquela aula com perguntas feitas por si Marta não achei normal a reação dele. Achei impressionante aquele deitar para fora. Porque era algo que estava lá dentro a sufocá-lo.

Professora Ol: Eu acho que as sessões foram extremamente benéficas, não vou referir nenhum aluno especial, porque já foi dito pelas colegas. Mas em termos de grupo, eu tive a oportunidade de assistir a uma ou duas aulas, tinha vontade de assistir a mais, mas não era possível. Eu acho que foi uma oportunidade enorme deles exteriorizarem os seus sentimentos. Melhorou muito a nível de relação em termos de grupo.

Professora Só: Desbloquear emoções!

Professora Su: Essas são as palavras quase chave! No fundo o Dvd disse chorando o que nunca disse por palavras.

Professora Ol: Em termos de relação, de deitar para fora, de partilhar as emoções foi muito positivo! A mim deu-me um conhecimento do grupo totalmente diferente. Porque ali pareciam outras crianças, eles deitavam com uma naturalidade tudo o que lá dentro ia, que eu ficava perplexa ao ver o comportamento deles. Alguns surpreenderam-me pela positiva, mas por alguns também fiquei dececionada como tinham ali muitas coisas acumuladas e ali era uma oportunidade de deitarem para fora.

Professora Só: Mas por exemplo, a agitação era de tal forma que o Tiag, que lhe fez bem, mas, ele também estava a exceder, chegou a uma altura que ela estava a perturbar. O menos positivo foi o Tiag.

Professora Su: No grupo 2 era a Larss para mim, acho que ela não levou muito a sério. Ela não se integrou na turma (Professora Graça disse ao mesmo tempo).

Marta: Mas nas minhas sessões, quando foi o contorno do corpo, a Larss desenhou um pénis no seu corpo e desenhou no da Samanta que é a melhor amiga. Obviamente que tentei falar com ela, para perceber algum tipo de abuso ou trauma, mas pelas respostas dela não indicou nada.

Professora Só: Marta, o contexto em que eles estão inseridos... a Larss está inserida num meio. Eles sabem, vêm de tudo!

Marta: Para mim, cada aula era um jardim de carência.

Professora Su: E a forma como eles gostavam da Marta, sabiam que a Marta vinha e já ficavam completos. Eu já nem dizia o dia, para eles não saberem, senão já não conseguia trabalhar porque a Marta vinha.

Professor Ol: Qualquer criança espera dos adultos disponibilidade, atenção, carinho, é básico! E realmente, também o seu perfil, para além das funções que esta predisposta nesta escola também ajudou muito, as suas características como pessoa. Deu aso aquilo que podemos assistir! Muita abertura, muita disponibilidade. As regras existiram e eles perceberam, experimentaram várias vezes. No global foi extremamente positivo!

Marta: Em relação ao Tiago, é verdade que por vezes excedia-se, mas da turma era do que mais se expressa! Ele fechava os olhos e fazia movimentos que... ele tinha era aqueles dois lados, o de desafiador, mas depois ele realmente gostava, sentia aquilo.

Professora Ol: Ele excedeu-se em algumas situações, mas ele encontrou-se.

Marta: Mas eu trabalhava sempre com o elogio e notava mudança com isso.

Professora Só: O reforço positivo nesta escola faz milagres!

Consideram que gerou um ambiente mais propenso à aprendizagem?

Todas: Eu acho que sim, eu penso que sim!

Professora Só: É assim, quando eles vinham, voltavam já com uma agitação que é claro que quem quer trabalhar fica ali um pouco, tínhamos de ter o cuidado de acalmar. Mas sim, vinham satisfeito.

Professora Su: E claro que se está a trabalhar o corpo as emoções é algo que está “à flor da pele” .

Professora Ol: Eles vinham mais disponíveis para a aprendizagem. Sem dúvidas!

Marta: Certo, isso depois das minhas aulas, mas e durante a semana? A partir que comecei a dar aulas notaram que ficaram mais propensos a aprendizagem.

Professora Su: Notei em alguns alunos. Por exemplo a Lia, notei-a mais serena, mais calma para aprender. Notei a Bian também, não toda a gente, mas notei!

Professora Só: Sim, eu acho que sim no Global. Não vou especificar!

Sentem que as crianças estão melhores uns com os outros?

Professora Só e Su: Este último período não.

Professora Su: Eu vou ser sincera, acho que isto é um trabalho de continuação. Não o trabalho de um ano. É um trabalho que vai dar frutos, se fosse um trabalho efetivo do 1º ao 4º ano, provavelmente íamos ver melhoras no 2º ano, bocado mais no 3º ano e provavelmente muito melhor no 4ºano.

Professora Só: O trabalho da Marta foi exelente, mas o fim do ano letivo eles ficam sempre mais agitados.

Concordamos!

Professora Ol: Na minha opinião, concordo que deveria ser um trabalho continuado, não se pode sigir a um ano. Aliás, isto era benéfico que houvesse em todos os grupos não só neste. Realmente o final do ano foi menos positivo, mas eu penso que é sempre aprendizagem e penso que ao continuar isto ia equilibrar. Iriamos ter resultados mais positivos ainda! Mais palpáveis, mais visíveis, mais sentido.

(Discussão em como dar continuidade ao projeto, porém segunda as diretrizes do ministério da Educação da Região Autónoma da Madeira sobre a minha Licenciatura, Ciências da Educação, não o permite)

No que toca as crianças com Necessidades Especiais notaram alguma evolução?

Marta: A Mtlid expressava-se!

Professora Su: A Matilde adorava!

Professora Só: É o caso da Clau!

Marta: Verdade, ela expressava-se e muito!!

Professora Só: Ins!

Marta: Eu deixava-a no chão.

Todas: Notei sim, ela lá rolava, agarrava nas pernas.

Professora Ol: Sim, claro que ajudou muito! Ela precisava, neste grupo, como tinha estes miúdos, de uma ajuda. Ainda tentei dar uma ajuda dentro da sala, mas o meu horário não o permitia. Eu queria ficar e quando saía, ia sempre contrariada, porque eu gostava de ficar! Acho que foi extremamente benéfico.

Professora Só: Só tenho pena de não ter assistido às aulas, mas tive que ficar a segurar o barco. Mas recebi o resultado!

Marta: Mas nunca senti falta do vosso apoio no meu projeto.

Professora Só: Mas também acho que a Marta gostava de ficar sozinha com eles.

Professora Su: A Mtlid é que era preciso estar atenta para não colocar ninguém a chorar.

Marta: Grupo A – Expressivos. Grupo B – Emocionais.

(Discussão sobre modos de dar aulas)

Professora Ol: Mas as crianças assim, poderem ver quatro pessoas diferentes, com formas diferentes de dar aulas e amor!

Professoras: Eles gostaram muito de si, todos os dias perguntavam se a Marta vinha. Você fez um bom trabalho e isso vê-se nas crianças.

ANEXO 6: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Turma A

Como te sentes?

“Eu me sinto muito feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou muito trabalhadora.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostava que acontecesse a paz e sossego para a minha família e da Marta.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou bonita.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria de continuar a relaxar nas aulas da Marta.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou linda.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria que Jesus estivesse aqui.”

Como te sentes?

“Eu me sinto bem.”

Como achas que és?

“Eu sou linda.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria que a Marta não fosse embora. Quero continuar nesta escola com a professora Só.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou carinhosa.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostava que todos respeitassem todos.”

Como te sentes?

“Eu me sinto contente.”

Como achas que és?

“Eu sou boazinha. Sou positiva.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria que houvesse relaxamento nas aulas.”

Como te sêntes?

“Eu me sinto bem.”

Como achas que és?

“Eu sou bonito, empenhado e bem-comportado.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria que a terra ficasse limpa.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou trabalhadora.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria de andar.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou bom a usar as vendas.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria de continuar a trabalhar as emoções com o corpo.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou linda.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostaria de ajudar a minha mãe a ser feliz.”

Como te sentes?

“Eu me sinto feliz.”

Como achas que és?

“Eu sou boa a expressar emoções com o meu corpo.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostava de passar para o 2º ano.”

Turma B

Como te sentes?

“Bem.”

Como achas que és?

“Linda.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Que a mana estivesse aqui.”

Como te sentes?

“Eu me sinto muito feliz.”

Como achas que és?

“Eu acho que sou muito bonita.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gostava de ir para Londres com a minha mamã.”

Como te sentes?

“Gostei Muito das aulas da Marta, fez-me bem.”

Como achas que és?

“Acho que sou bonita.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Ficar Feliz.”

Como te sentes?

“Sinto-me bem.”

Como achas que és?

“Acho que sou bonita.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Queria ter muito trabalho.”

Como te sentes?

“Sinto-me bem.”

Como achas que és?

“Acho que sou bom.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Gostava de ser jogador de futebol.”

Como te sentes?

“Sinto-me feliz.”

Como achas que és?

“Sou um menino.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Jogar aos desafios de matemática.”

Como te sentes?

“Sinto-me bem com as aulas da Marta.”

Como achas que és?

“Acho que sou bom.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Gostava que o meu irmão viesse de Londres.”

Como te sentes?

“Sinto-me bem.”

Como achas que és?

“Sou feliz.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Gostava de ter irmãs gémeas.”

Como te sentes?

“Sinto-me bem.”

Como achas que és?

“Faço rir.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Gostava de saber ler.”

Como te sentes?

“Sinto-me feliz.”

Como achas que és?

“Sou uma menina.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Gostava que os meus pais nunca morressem.”

Como te sentes?

“Sinto-me feliz por causa das férias de Verão.”

Como achas que és?

“Eu sou muito bonito.”

Diz algo importante que gostavas que acontecesse?

“Eu gosto muito da minha família, quero que tudo continue bem.”